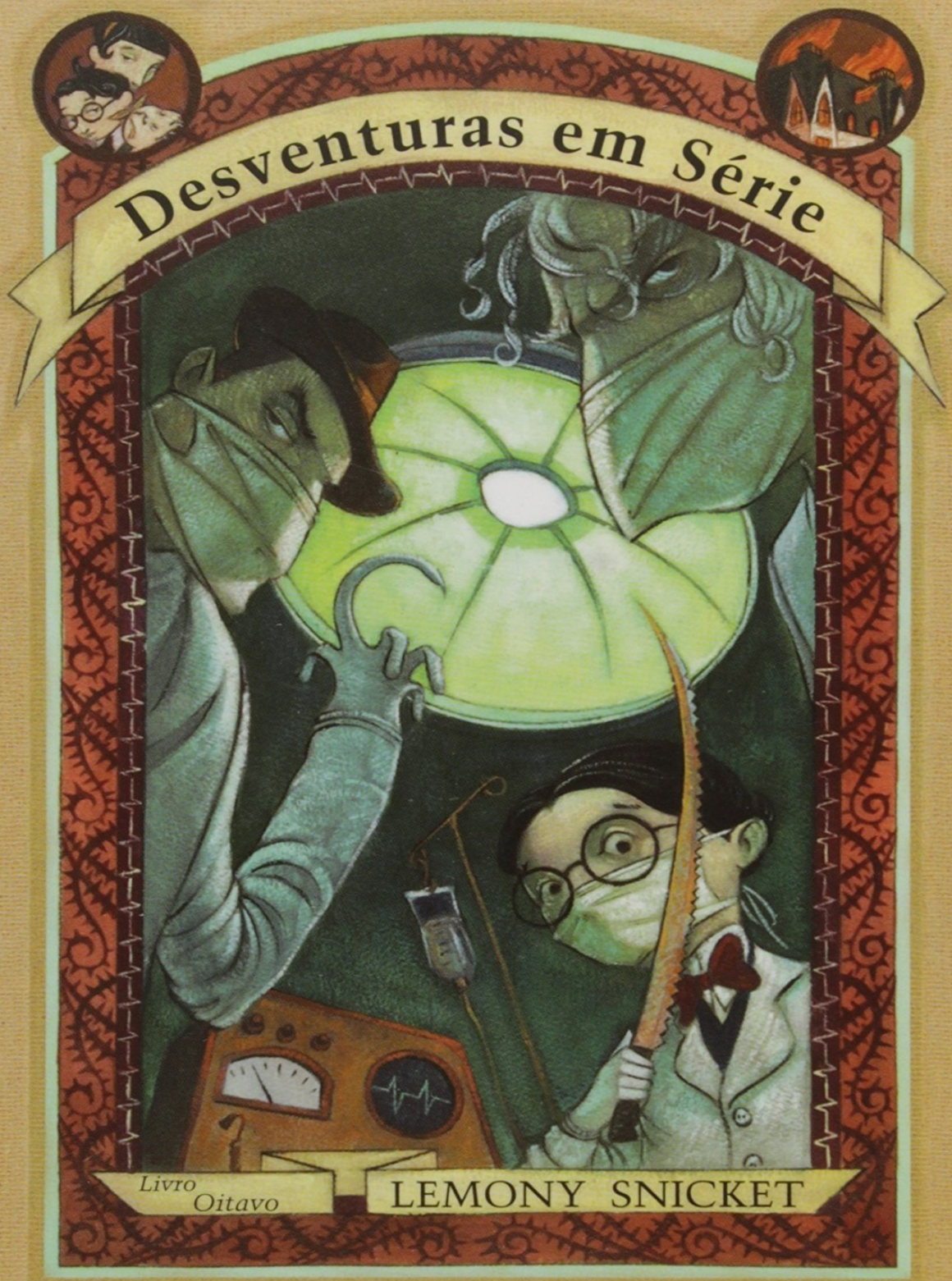


O HOSPITAL HOSTIL

CIA. DAS LETRAS

Caro Leitor,

Se você esperava encontrar uma história tranquila e alegre, lamento dizer que escolheu o livro errado. A história pode parecer animadora no início, quando os meninos Baudelaire passam o tempo em companhia de alguns répteis interessantes e de um tio alto-astral, mas não se deixem enganar. Se vocês tem uma leve noção da incrível má sorte dos irmãos Baudelaire, já sabe que, no caso deles, até mesmo acontecimentos agradáveis acabam sempre em sofrimento e desgraça.

Nas páginas que você tem em mãos, as três crianças sofrem um acidente de carro, veem-se às voltas com uma serpente mortífera, um cheiro pavoroso, um facão enorme e o reaparecimento de uma pessoa que esperavam nunca mais ver.

Infelizmente, é meu dever pôr no papel esses trágicos episódios. Mas nada impede que você coloque este livro de volta na estante e procure algo mais leve.

Respeitosamente,



Lemony Snicket

Personagens

Na classificação das pessoas mais infelizes do mundo — e você sabe que elas não são poucas — os irmãos Baudelaire ocupam sem dúvida o primeiro lugar. Eles viveram mais coisas horríveis que qualquer pessoa. Mas quem são esses desafortunados?



VIOLET BAUDELAIRE tem catorze anos e é uma das maiores inventoras do seu tempo. As engrenagens e alavancas de seu cérebro funcionam a todo o vapor.



KLAUS BAUDELAIRE, O irmão do meio, usa óculos, o que pode dar a impressão de que seja amante dos livros. Impressão absolutamente correta. Ele emprega todo o seu conhecimento em decifrar os planos do pérfido conde Olaf.



SUNNY BAUDELAIRE, a mais nova dos três, é ainda um bebê. Seus quatro afiados dentes entram em ação na primeira oportunidade.

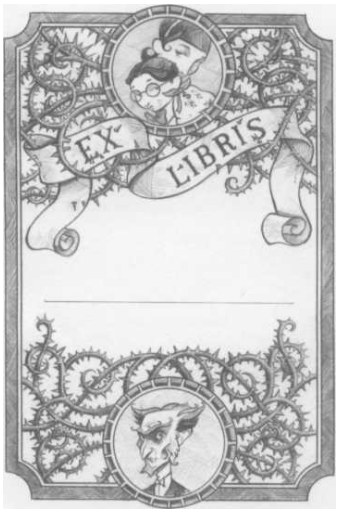


E este é o arquiinimigo dos irmãos Baudelaire: o **CONDE OLAF**. Homem revoltante, gosmento, pérfido, sobre ele é melhor dizer o menos possível.

Eu, **Lemony Snicket**, nasci antes de você e provavelmente morrerei antes de você. Nasci numa pequena vila que hoje está submersa. Um povoado aparentemente pacato, mas cercado de segredos. Hoje vivo na cidade. Para escrever essas desventuras dos irmãos Baudelaire fui obrigado a conhecer a fundo as artimanhas de vilões como o conde Olaf. Passei anos mergulhado no mundo do crime, não dos crimes reais, é claro. Minha formação é estritamente teórica.

Veja mais informações no meu site: www.lemonysnicket.com (em inglês).

Meu ilustrador, **Brett Helquist,** nasceu no Arizona, cresceu em Utah e atualmente vive em Nova York. Formou-se em belas-artes na Brigham Young University e desde então trabalha como ilustrador. Colabora em diversas publicações, como *Cricket Magazine* e *The New York Times.*


EX
LIBRIS

⚜ Desventuras em Série ⚜

Livro primeiro *Mau começo*
Livro segundo *A Sala dos Répteis*
Livro terceiro *O lago das sanguessugas*
Livro quarto *Serraria Baixo-Astral*
Livro quinto *Inferno no colégio interno*
Livro sexto *O elevador ersatz*
Livro sétimo *A Cidade Sinistra dos Corvos*
Livro oitavo *O hospital hostil*
Livro nono *O espetáculo carnívoro*
Livro décimo *O escorregador de gelo*
Livro undécimo *A Gruta Gorgônea*
Livro duodécimo *O Penúltimo Perigo*
Livro tredécimo *O Fim*

Desventuras em Série

LIVRO Oitavo



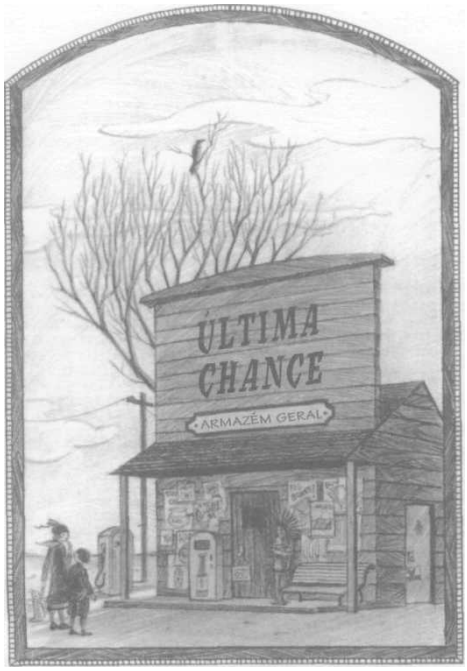
O HOSPITAL HOSTIL

de LEMONY SNICKET
Ilustrações de Brett Helquist
Tradução de Ricardo Gouveia

2003 Texto by Lemony Snicket
2003 Ilustrações by Brett Helquist
Título original: The hostile hospital
Preparação: Beatriz Antunes
Revisão:
Olga Cafalcchio
Carmen S. da Costa

Os personagens e situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Para Beatrice —
O verão sem você é frio como o inverno.
O inverno sem você é mais frio ainda.



CAPÍTULO UM

Existem duas razões por que um escritor terminaria uma frase com a palavra “ponto” escrita toda em letras maiúsculas PONTO. A primeira é no caso de o escritor estar redigindo um telegrama, que é uma mensagem em código enviada por um fio elétrico PONTO. Em um telegrama, a palavra “ponto”, toda em letras maiúsculas, é o código para indicar o final de uma frase PONTO. Mas existe uma outra razão por que um escritor terminaria uma sentença com a palavra “ponto” escrita inteiramente em letras maiúsculas, que é advertir os leitores de que o livro que estão lendo é tão absolutamente desgraçado que, se eles já começaram a ler, a melhor coisa a fazer seria parar PONTO. Este livro em particular, por exemplo, descreve um período especialmente infeliz nas vidas aflitivas de Violet, Klaus e Sunny Baudelaire, e se você tiver um pingo de juízo que seja, irá fechar este livro imediatamente, arrastá-lo para uma elevada montanha e atirá-lo do alto do cume PONTO. Não existe razão na Terra para você ler nem mais uma palavra sobre o infortúnio, a traição e o desgosto que estão reservados para as três crianças Baudelaire, do mesmo modo como não existe razão para você sair correndo para a rua e se jogar embaixo de um ônibus PONTO. Esta sentença terminada em “ponto” é a sua ultimíssima chance de fazer de conta que o aviso “PONTO” é um sinal de parada e parar com o

dilúvio de desespero que o aguarda neste livro, o horror de parar o coração que começa exatamente na próxima frase, bastando para isso obedecer ao "PONTO" e parar PONTO.

Os órfãos Baudelaire pararam. Era de manhã cedo, e as três crianças vinham andando havia horas pela paisagem achatada e pouco familiar. Estavam com sede, perdidas e exaustas, o que são três boas razões para interromper uma longa caminhada, mas elas também estavam assustadas, desesperadas e não muito longe das pessoas que queriam lhes fazer mal, o que são três boas razões para prosseguir. Os irmãos tinham desistido de qualquer tipo de conversa horas atrás, economizando até a última gota de energia para pôr um pé na frente do outro, mas agora sabiam que tinham de parar, nem que fosse por um momento, e conversar sobre o que fazer a seguir.

As crianças estavam paradas na frente do Armazém Geral Última Chance, o único edifício que encontraram desde que começaram a sua longa e delirante caminhada noturna. A fachada da loja estava coberta de cartazes desbotados anunciando o que estava à venda, e sob a luminosidade fantasmagórica da meia-lua os Baudelaire conseguiram ver que limas frescas, facas de plástico, carne enlatada, envelopes brancos, balas com sabor de manga, garrafas de vinho tinto, carteiras de couro, revistas de moda, aquários com peixinhos dourados, sacos de dormir, figos secos, caixas de papelão, vitaminas suspeitas e muitas outras coisas estavam disponíveis no armazém. Porém não havia, em nenhum lugar do edifício, um cartaz que anunciasse ajuda, que é do que os Baudelaire realmente precisavam.

"Acho que deveríamos entrar", disse Violet, tirando uma fita do bolso para amarrar os cabelos. Violet, a mais velha dos Baudelaire, que era provavelmente a melhor inventora de catorze anos de idade do mundo, sempre amarrava os cabelos com uma fita quando tinha de resolver um problema, e naquele momento estava tentando inventar uma solução para o maior problema que ela e os irmãos já tinham enfrentado. "Talvez haja alguém lá dentro que possa nos ajudar de alguma forma."

"Mas talvez haja alguém lá dentro que tenha visto os nossos retratos no jornal", disse Klaus, o Baudelaire do meio, que recentemente passara o seu décimo terceiro aniversário em uma imunda cela de cadeia. Klaus tinha um verdadeiro talento para se lembrar de praticamente toda palavra de

praticamente todos os milhares de livros que tinha lido, e franziu o cenho ao se lembrar de uma coisa sobre ele mesmo que lera recentemente no jornal, e que não era verdade. “Se eles leram O Pundonor Diário’’, continuou ele, “talvez acreditem em todas aquelas coisas horríveis sobre nós. Aí é que não vão nos ajudar mesmo.”

“Ageri!”, disse Sunny. Sunny era um bebê, e como acontece com a maioria dos bebês, partes diferentes dela estavam crescendo em proporções diferentes. Por exemplo, ela só tinha quatro dentes, mas cada um deles era tão afiado quanto os de um leão adulto, e muito embora ela tivesse aprendido a andar recentemente, Sunny ainda estava pegando o jeito de falar de um modo que todos os adultos pudessem entender. Seus irmãos, no entanto, entenderam imediatamente que ela queria dizer: “Bem, não podemos continuar andando para sempre”, e os dois Baudelaire mais velhos balançaram a cabeça, concordando.

“Sunny tem razão”, disse Violet. “Isto aqui se chama Armazém Geral Ultima Chance. Soa como se este fosse o único edifício por quilômetros e quilômetros. Pode ser a nossa única oportunidade de conseguir alguma ajuda.”

“E olhe”, disse Klaus apontando para um cartaz colado em um canto elevado do edifício. “Podemos enviar um telegrama lá de dentro. Talvez assim consigamos alguma ajuda.”

“Para quem iríamos enviar um telegrama?”, perguntou Violet, e mais uma vez os Baudelaire tiveram de parar e pensar. Se você é como a maioria das pessoas, tem um sortimento de amigos e familiares a quem pode pedir auxílio em tempos difíceis. Por exemplo, se você acordasse no meio da noite e visse uma mulher mascarada tentando se arrastar da janela para dentro do seu quarto, poderia chamar a sua mãe ou o seu pai para ajudá-lo a empurrar a mulher para fora de novo. Se você se encontrasse irremediável-mente perdido, no meio de uma cidade estranha, poderia pedir à polícia que lhe desse uma carona para casa. E se você fosse um autor trancado em um restaurante italiano que está sendo inundado de água, poderia apelar para os seus conhecidos nos negócios de chaveiro, massas e esponjas para virem em seu socorro. Mas o infortúnio das crianças Baudelaire começara com a notícia de que os seus pais tinham morrido em um incêndio terrível, portanto não podiam apelar para a mãe ou o pai. Os irmãos não podiam contar com o auxílio da polícia, porque os policiais estavam entre as

pessoas que os perseguiram durante a noite inteira. E não podiam contar com conhecidos, já que havia tantos conhecidos das crianças que eram incapazes de ajudá-las. Depois da morte dos Baudelaire pais, Violet, Klaus e Sunny viram-se sob os cuidados de vários tutores. Alguns tinham sido cruéis, alguns tinham sido assassinados. E um deles era o conde Olaf, um vilão ganancioso e traiçoeiro que era a verdadeira razão por que eles estavam ali, totalmente sozinhos no meio da noite, na frente do Armazém Geral Última Chance, se perguntando a quem no mundo poderiam apelar por ajuda.

"Poe", disse Sunny afinal. Ela estava falando do sr. Poe, um banqueiro que sofria de uma tosse atroz e que estava encarregado de cuidar das crianças depois da morte dos seus pais. O sr. Poe nunca tinha sido especialmente benéfico, mas ele não era cruel, não tinha sido assassinado nem era o conde Olaf, e aquelas pareciam ser razões suficientes para contatá-lo.

"Acho que podemos tentar o sr. Poe", concordou Klaus. "O pior que pode acontecer é ele dizer não."

"Ou tossir", disse Violet com um sorrisinho. Seus irmãos sorriram de volta, e as três crianças empurraram a porta enferrujada e entraram.

"Lou, é você?", gritou uma voz, mas as crianças não puderam ver a quem ela pertencia. O interior do Armazém Geral Ultima Chance era tão abarrotado quanto o exterior, cada centímetro do lugar estava atulhado de coisas para vender. Havia prateleiras de aspargos enlatados e estantes de canetas-tinteiro, ao lado de barris de cebolas e caixotes cheios de penas de pavão. Havia utensílios de cozinha pregados nas paredes e candelabros pendurados no teto, e o piso era formado por milhares de tipos diferentes de ladrilhos, cada qual com o seu preço carimbado. "Você está entregando o jornal da manhã?", perguntou a voz.

"Não", respondeu Violet, enquanto os Baudelaire tentavam abrir caminho até a pessoa que estava ralando. Com dificuldade, passaram por cima de uma caixa de comida de gato e contornaram uma estante, só para encontrar fileiras e mais fileiras de redes de pesca bloqueando o caminho.

"Não estou surpreso, Lou", continuou a voz enquanto os irmãos voltavam atrás, passavam por um monte de espelhos e uma pilha de meias e desciam por uma passagem repleta de vasos de hera e caixas de fósforos.

“Normalmente, eu não recebo O Pundonor Diário até depois da chegada dos Combatentes pela Saúde do Cidadão.”

As crianças pararam de procurar pela fonte da voz por um momento e se entreolharam, pensando nos amigos Duncan e Isadora Quagmire. Duncan e Isadora eram dois trigêmeos que, como os Baudelaire, tinham perdido os pais, juntamente com o irmão Quigley, em um incêndio terrível. Os Quagmire tinham caído nas mãos de Olaf um par de vezes e escapado só recentemente, mas os Baudelaire não sabiam se algum dia voltariam a ver os amigos de novo, nem se ficariam sabendo de um segredo que os trigêmeos tinham descoberto e escrito nos seus cadernos. O segredo dizia respeito às iniciais C.S.C., mas as únicas pistas que os Baudelaire tinham eram umas poucas páginas dos cadernos de Duncan e Isadora, e os três irmãos mal conseguiam encontrar tempo para examiná-las com cuidado. Poderiam os Combatentes pela Saúde do Cidadão finalmente ser a resposta que as crianças estavam procurando?

“Não, nós não somos Lou”, gritou Violet. “Somos três crianças, e precisamos enviar um telegrama.”

“Um telegrama?”, gritou a voz, e quando as crianças contornaram uma outra estante quase colidiram diretamente com o homem que estava falando com elas. Era muito baixo, mais baixo do que Violet e Klaus, e parecia estar sem dormir e sem se barbear havia um bom tempo. Estava usando dois sapatos diferentes, cada um com a sua etiqueta de preço, e uma porção de camisas e chapéus ao mesmo tempo. Estava tão coberto de mercadorias que quase parecia parte da loja, a não ser pelo sorriso amistoso e pelas unhas sujas.

“Vocês com certeza não são Lou”, disse ele. “Lou é um homem gorducho, e vocês são três crianças magricelas. O que fazem por aqui tão cedo? É perigoso, vocês sabem. Ouvi dizer que O Pundonor Diário desta manhã traz uma matéria sobre três assassinos que estão à espreita bem nestas vizinhanças, mas ainda não li.”

“As matérias dos jornais nem sempre são acuradas”, disse Klaus nervosamente.

O dono do armazém franziu o cenho. “Bobagem”, disse ele. “O Pundonor Diário não publicaria coisas que não são verdadeiras. Se o jornal diz que alguém é um assassino, então é um assassino, e ponto final. Mas, bem, vocês disseram que queriam enviar um telegrama?”

“Sim”, disse Violet. “Ao sr. Poe da Administração Financeira de Multas, na cidade.”

“Vai custar um bocado de dinheiro para enviar um telegrama para tão longe, na cidade”, disse o vendedor, e os Baudelaire se entreolharam, consternados.

“Não temos dinheiro nenhum conosco”, admitiu Klaus. “Somos três órfãos, e o único dinheiro que temos é cuidado pelo sr. Poe. Por favor, senhor.”

“S.O.S.!”, disse Sunny.

“Minha irmã quer dizer: ‘Este é um caso de emergencia!”, explicou Violet. “E é”.

O vendedor, dono do armazém, olhou para eles um momento e depois encolheu os ombros. “Se é realmente um caso de emergência”, disse ele, “eu não vou cobrar de vocês. Eu nunca cobro nada pelas coisas quando elas são realmente importantes. Combatentes pela Saúde do Cidadão, por exemplo. Sempre que o ônibus deles pára aqui, eu lhes dou gasolina grátis, já que fazem um trabalho tão maravilhoso.”

O que, exatamente, eles fazem?”, perguntou Violet.

“Combatem doenças, é claro”, respondeu o vendedor. “Os C.S.C. dão uma parada aqui todas as manhãs bem cedo, a caminho do hospital. Eles se dedicam diariamente a alegrar os pacientes, e eu não tenho coragem de cobrar nada deles.”

“O senhor é um homem muito bondoso”, replicou Klaus.

“Ora, gentileza sua dizer isso”, retrucou o vendedor. “Agora, o dispositivo para enviar telegramas está ali, ao lado daqueles gatinhos de porcelana. Eu vou ajudá-los.”

“Podemos fazer isso sozinhos”, disse Violet. “Eu mesma construí um dispositivo desses quando tinha sete anos, portanto sei como conectar o circuito eletrônico.”

“E eu já li dois livros sobre o código Morse”, disse Klaus. “Portanto posso traduzir a nossa mensagem em sinais eletrônicos.”

“Socorro!”, disse Sunny.

“Mas que grupo de crianças talentosas”, disse o vendedor com um sorriso. “Bem, vou deixar vocês três à vontade. Espero que esse tal de sr. Poe possa ajudá-los com o seu caso de emergência.”

“Muito obrigada, senhor”, disse Violet. “Eu também espero.”

O vendedor fez um pequeno aceno para as crianças e desapareceu atrás de um mostruário de descascadores de batatas. Os Baudelaire se entreolharam, alvoroçados.

"Combatentes pela Saúde do Cidadão?", sussurrou Klaus para Violet. "Você acha que finalmente descobrimos o verdadeiro significado de C.S.C.?"

"Jacques!", disse Sunny.

"Jacques falou alguma coisa sobre trabalhar como voluntário", concordou Klaus. "Se ao menos tivéssemos alguns momentos para examinar as páginas que sobraram dos cadernos dos Quagmire! Ainda estão no meu bolso."

"Primeiro o mais urgente", disse Violet. "Vamos enviar o telegrama para o sr. Poe. Se Lou entregar O Pundonor Diário esta manhã, o dono da loja vai parar de pensar que somos um grupo de crianças talentosas e começar a pensar que somos assassinos."

"Você tem razão", disse Klaus. "Depois que o sr. Poe nos tirar dessa enrascada, teremos tempo para pensar nessas outras coisas."

"Trosslic", disse Sunny. Ela queria dizer alguma coisa na linha de: "Você quer dizer se o sr. Poe nos tirar desta enrascada", e os seus dois irmãos inclinaram a cabeça concordando, sombrios, e foram dar uma olhada no dispositivo telegráfico. Era um arranjo de botões, mostradores, fios e estranhos implementos metálicos que eu teria medo até de tocar, mas os Baudelaire se aproximaram daquilo confiantes.

"Estou razoavelmente segura de que podemos operar isto aqui", disse Violet. "Parece bem simples. Veja, Klaus, você usa estas duas barras de metal para bater a mensagem em código Morse, e eu vou conectar o circuito aqui deste lado. Sunny, você fica aqui em pé e coloca estes fones de ouvido para ouvir o sinal e ter certeza de que está sendo transmitido. Mãos à obra."

As crianças puseram mãos à obra, uma expressão que aqui significa "tomaram suas posições em volta do dispositivo telegráfico". Violet girou um botão, Sunny colocou os fones de ouvido e Klaus limpou as lentes dos óculos para ter certeza de que iria enxergar o que estava fazendo. Os irmãos inclinaram a cabeça uns para os outros e Klaus começou a falar alto enquanto batia a mensagem em código.

"Para: sr. Poe, na Administração de Multas", disse Klaus. "De: Violet, Klaus e Sunny Baudelaire. Por favor não acredite na história sobre nós

publicada n’O Pundonor Diário PONTO. O conde Olaf não está realmente morto, e nós realmente não o assassinamos PONTO.”

“Pra ele?”, perguntou Sunny.

“Não, ‘ponto’ é o código para o fim de uma sentença”, explicou Klaus. “Agora, o que devo dizer a seguir?”

“Logo depois da nossa chegada na cidade de C.S.C. fomos informados de que o conde Olaf tinha sido capturado PONTO”, ditou Violet. “Apesar de o homem que foi preso ter um olho tatuado no tornozelo e uma sobrancelha em vez de duas, ele não era o conde Olaf PONTO. O nome dele era Jacques Snicket PONTO.”

“No dia seguinte o encontraram assassinado, e o conde Olaf chegou na cidade junto com a sua namorada, Esmé Squalor PONTO”, continuou Klaus, batendo sem parar. “Como parte do seu plano para roubar a fortuna deixada pelos nossos pais, o conde Olaf disfarçou-se de detetive e convenceu a cidade de C.S.C. de que éramos os assassinos PONTO.”

“Uckner”, sugeriu Sunny, e Klaus traduziu o que ela disse para o vernáculo e depois para o código Morse: “Nesse meio-tempo nós descobrimos onde os trigêmeos Quagmire estavam sendo escondidos e os ajudamos a fugir PONTO. Os Quagmire conseguiram passar para nós alguns retalhos dos seus cadernos para que tentássemos descobrir o verdadeiro significado de C.S.C. PONTO.”

“Nós conseguimos fugir dos cidadãos da cidade, que querem nos queimar na fogueira por um assassinato que não cometemos PONTO”, disse Violet, e Klaus rapidamente bateu a frase codificada, antes de acrescentar mais duas últimas frases dele mesmo.

“Por favor responda imediatamente PONTO. Estamos em sério perigo PONTO.”

Klaus bateu o último O de “PONTO” e depois olhou para as irmãs. “Estamos em sério perigo”, disse ele de novo, mas sua mão não se mexeu no manipulador.

“Você já enviou essa frase”, disse Violet.

“Eu sei”, disse Klaus. “Não estava incluindo no telegrama outra vez. Só estava falando. Estamos em sério perigo. É quase como se eu não tivesse me dado conta de como era sério o perigo até bater a frase em um telegrama.”

“Ilimi”, disse Sunny, e tirou os fones de ouvido para poder encostar a cabeça no ombro de Klaus.

“Eu também estou com medo”, admitiu Violet, dando palmadinhas no ombro da irmã. “Mas tenho certeza de que o sr. Poe vai nos ajudar. Não se pode esperar que a gente resolva esse problema sem ajuda de ninguém.”

“Mas foi assim que resolvemos todos os outros problemas”, disse Klaus, “desde o incêndio. O sr. Poe nunca fez nada, a não ser nos mandar de um lar desastroso para outro.”

“Ele vai nos ajudar dessa vez”, insistiu Violet, muito embora sua voz não soasse muito segura. “Fique de olho no dispositivo. Ele vai nos mandar um telegrama em resposta a qualquer momento.”

“Mas e se ele não mandar?”, perguntou Klaus.

“Tchonex”, murmurou Sunny, e foi chegando mais para perto dos irmãos. Ela queria dizer alguma coisa no gênero de: “Então estamos totalmente sós”, o que é uma coisa curiosa para se dizer quando se está com dois irmãos no meio de um armazém tão abarrotado de mercadorias que mal dá para se mexer. Mas enquanto permaneciam ali sentados, muito juntos, olhando para o dispositivo telegráfico, aquilo não pareceu curioso para os Baudelaire. Estavam cercados por cordas de náilon, cera para assoalhos, tigelas de sopa, cortinas de janela, cavalinhos de balanço feitos de madeira, cartolas, cabos de fibra ótica, batom cor-de-rosa, damascos secos, lentes de aumento, guarda-chuvas pretos, pincéis finos, trompas, e uns pelos outros, mas enquanto os órfãos Baudelaire aguardavam sentados uma resposta ao seu telegrama, só conseguiam se sentir cada vez mais sozinhos.



CAPÍTULO DOIS

Entre todas as expressões ridículas que as pessoas usam — e as pessoas usam uma enorme quantidade de expressões ridículas —, uma das mais ridículas é “A falta de notícias é uma boa notícia”. “A falta de notícias é uma boa notícia” quer dizer apenas que, se você não ouve contar nada de alguém, é porque provavelmente está tudo ótimo. E dá para ver imediatamente por que essa expressão faz tão pouco sentido, pois o fato de estar tudo ótimo é só uma de muitas e muitas razões pelas quais alguém pode não entrar em contato com você. Vai ver, a pessoa está amarrada. Talvez esteja cercada por doninhas ferozes, ou quiçá prensada entre duas geladeiras sem conseguir se safar. A expressão pode muito bem ser mudada para “A falta de notícias é má notícia”, a não ser no caso de pessoas que podem não conseguir entrar em contato com você porque acabaram de ser coroadas reis e rainhas, ou estão competindo em um torneio de ginástica. A questão é que não existe meio de saber por que alguém não entrou em contato com você, até que entre em contato com você e se explique. Por essa razão, o sensato seria dizer: “A falta de notícias não é notícia”, a não ser pelo fato de que a expressão é tão óbvia que dificilmente se poderia chamá-la de expressão.

Óbvio ou não, contudo, é o modo apropriado de descrever o que aconteceu com os Baudelaire depois que eles enviaram o desesperado telegrama ao sr. Poe. Violet, Klaus e Sunny ficaram sentados olhando para o dispositivo telegráfico durante horas a fio, aguardando por algum sinal de alguma resposta do banqueiro. À medida que ia ficando cada vez mais tarde, eles se revezavam para cochilar recostados na mercadoria do Armazém Geral Ultima Chance, esperando por alguma resposta do homem que estava encarregado dos assuntos dos órfãos. E quando os primeiros

raios da alvorada luziram através da janela, iluminando todas as etiquetas de preço da loja, a única notícia que as crianças tinham recebido era que o dono da loja tinha acabado de fazer bolinhos de uva-do-mato.

"Fiz bolinhos de uva-do-mato fresquinhos", disse o dono do armazém, espiando por trás de uma pilha de peneiras de farinha. Estava usando pelo menos dois pegadores de panela em cada mão e transportava os bolinhos em uma pilha de bandejas de cores diferentes. "Normalmente eu os poria à venda, entre os discos de vitrola e os ancinhos de jardim, mas detesto pensar que vocês, três crianças, estão sem café-da-manhã quando há tantos assassinos cruéis à solta, portanto sirvam-se de alguns, de graça."

"É muito gentil da sua parte", disse Violet, enquanto ela e os irmãos pegavam bolinhos da bandeja. Os Baudelaire não tinham comido nada desde que saíram da cidade, e caíram matando, uma expressão que aqui significa "comeram até a última migalha" dos bolinhos.

"Céus, vocês estão mesmo com fome", disse o sujeito. "Deu tudo certo com o telegrama? Vocês receberam alguma resposta?"

"Ainda não", disse Klaus. "Bem, não esquentem as suas cabecinhas com isso", retrucou o homem. "Lembrem-se: a falta de notícias é uma boa notícia."

"A falta de notícias é uma boa notícia?", exclamou uma voz em algum lugar na loja. "Eu tenho notícias para você, Milt. Tudo sobre aqueles assassinos."

"Lou!", exclamou o vendedor, deliciado, e então voltou-se para as crianças. "Com licença", disse ele. "Lou está aqui com O Pundonor Diário."

O dono do armazém saiu abrindo espaço por uma série de tapetes pendurados no teto, e os Baudelaire se entreolharam desalentados.

"O que vamos fazer?", sussurrou Klaus para as irmãs. "Se o jornal chegou, o dono do armazém vai ler que nós somos assassinos. É melhor fugir."

"Mas se nós fugirmos", disse Violet, "o sr. Poe não conseguirá entrar em contato conosco."

"Gicri!", gritou Sunny, o que queria dizer: "Ele teve a noite inteira para entrar em contato conosco, e nem sinal dele".

"Lou?", eles ouviram o homem gritar. "Lou, onde você está?"

"Estou aqui, perto dos moedores de pimenta", gritou o entregador em resposta. "Espere só até você ler esta matéria sobre os três assassinos

daquele conde. Tem fotografias e tudo. Eu vi a polícia a caminho daqui, e eles disseram que estão fechando o cerco. As únicas pessoas autorizadas a entrar nessa área fomos eu e aquele pessoal voluntário. Eles vão capturar aquelas crianças e mandá-las diretamente para a cadeia."

"Crianças?", disse o dono do armazém. "Os assassinos são crianças?"

"Sim", respondeu o entregador. "Veja você mesmo.

As crianças se entreolharam, e Sunny soluçou baixinho de medo. Elas puderam ouvir o ruído de papel e, em seguida, a voz alvoroçada do sujeito, que vinha do outro lado do armazém.

"Eu conheço essas crianças!", gritou ele. "Estão na minha venda neste momento! Acabei de dar bolinhos a elas!"

"Você deu bolinhos a assassinos?", disse Lou. "Isso não está certo, Milt. Criminosos devem ser punidos, e não alimentados com bolinhos."

"Eu ainda não sabia que eles eram assassinos", explicou o sujeito, "mas certamente agora sei. Está bem aqui, n'O Pundonor Diário. Chame a polícia, Lou! Vou agarrar aqueles assassinos e cuidar para que não escapem."

Os Baudelaire não perderam mais tempo e começaram a correr na direção oposta à das vozes, por um corredor de alfinetes de segurança e pirulitos.

"Vamos na direção daqueles cinzeiros de cerâmica", sussurrou Violet. "Acho que podemos sair por lá."

"Mas o que acontece depois que sairmos?", sussurrou Klaus de volta. "O entregador disse que a polícia estava fechando o cerco."

"Mulic!", gritou Sunny, o que queria dizer: "Vamos discutir esse assunto mais tarde!".

"Céus!" As crianças conseguiram ouvir a voz surpresa do homem, a vários corredores de distância. "Lou, as crianças não estão aqui! Fique de olho."

"Como é que elas são?", gritou de volta o entregador.

"Parecem três crianças inocentes", disse o vendedor, "mas na verdade são facínoras perversos. Tenha cuidado."

As crianças contornaram uma prateleira na disparada e esquivaram-se no corredor seguinte, e ao ouvir os passos apressados do entregador colaram as costas contra uma estante de papel de parede e ervilhas enlatadas.

“Onde quer que estejam, seus assassinos”, gritou ele, “é melhor desistirem!”

“Nós não somos assassinos!”, gritou Violet, frustrada.

“É claro que vocês são assassinos!”, respondeu o dono da venda. “Está escrito no jornal!”

“E mais”, disse o entregador em um tom sarcástico, “se vocês não são assassinos, então por que estão se escondendo e fugindo?”

Violet começou a responder, mas Klaus tampou-lhe a boca com a mão antes que pudesse dizer mais alguma coisa.

“Eles vão saber onde estamos pelas vozes”, sussurrou ele. “Deixe-os falar, e talvez a gente consiga escapar.”

“Lou, você está vendo as crianças?”, gritou o dono do armazém.

“Não, mas elas não podem ficar escondidas para sempre”, disse o entregador. “Vou dar uma olhada perto das camisetas!”

Os Baudelaire olharam para a frente e viram uma pilha de camisetas brancas em oferta. As crianças engoliram em seco, fizeram meia-volta e dispararam por um corredor forrado de relógios tiquetaqueantes.

“Vou tentar o corredor dos relógios!”, gritou o dono da venda. “Elas não podem ficar escondidas para sempre!”

As crianças dispararam pelo corredor, passaram correndo por uma prateleira de porta-toalhas e corres de porquinho e chisparam em volta de um mostruário de sensatas saias xadrezes. Afinal, por cima da prateleira do alto de um corredor que não continha nada, a não ser vários tipos de chinelos, Violet teve um vislumbre da saída e, silenciosamente, apontou o caminho para os irmãos.

“Aposto que eles estão no corredor dos molhos!”, gritou o dono do armazém.

“Aposto que eles estão no corredor das banheiras!”, gritou o entregador.

“Eles não podem ficar escondidos para sempre!”, gritou o dono do armazém.

Os Baudelaire respiraram fundo e então dispararam para a saída do Armazém Geral Ultima Chance, mas assim que se viram do lado de fora perceberam que o vendedor tinha razão. O sol estava subindo no horizonte, revelando a paisagem achatada e desolada através da qual as crianças tinham caminhado a noite inteira. Em poucas horas, os campos estariam

cobertos de luz do sol, e a terra era tão plana que os órfãos seriam vistos de longe, muito longe. Não podiam ficar escondidos para sempre, e parecia que ali, plantados na frente do Armazém Geral Última Chance, Violet, Klaus e Sunny não podiam ficar escondidos nem mais um instante.

"Olhem!", disse Klaus, e apontou na direção do sol nascente. Estacionada a uma certa distância do armazém, havia uma perua cinzenta e quadrada, com as letras C.S.C. pintadas na lateral.

"Devem ser os Combatentes pela Saúde do Cidadão", disse Violet. "O entregador disse que só ele e os voluntários tinham permissão para entrar na área."

"Então eles são o único jeito que a gente tem de se esconder", disse Klaus. "Se conseguirmos entrar naquela perua sem sermos vistos, poderemos escapar da polícia, pelo menos por enquanto."

"Mas é possível que este seja o verdadeiro C.S.C.", disse Violet. "Se esses voluntários são parte do segredo sinistro sobre o qual os trigêmeos Quagmire tentaram nos avisar, poderíamos estar saindo de uma situação ruim para cair noutra ainda pior."

"Ou então", disse Klaus, "poderíamos estar chegando mais perto de resolver o mistério de Jacques Snicket. Lembre-se, logo antes de ser assassinado ele disse que tinha trabalhado como voluntário."

"Resolver o mistério de Jacques Snicket não vai adiantar nada", disse Violet, "se estivermos na cadeia."

"Blusin", disse Sunny. Ela queria dizer alguma coisa como: "Nós não temos muita escolha", e, em passinhos vacilantes, seguiu na frente dos irmãos para a perua dos C.S.C.

Mas como vamos entrar na perua?", perguntou Violet, caminhando ao lado da irmã.

"O que vamos dizer aos voluntários?", perguntou Klaus, apressando o passo para alcançá-la.

"Improv", disse Sunny, o que queria dizer: "Pensaremos em alguma coisa", mas dessa vez as três crianças não tiveram de pensar em alguma coisa. Quando os jovens chegaram à perua, um homem de jeito amistoso, com um violão nas mãos e uma barba no rosto, inclinou-se para fora de uma das janelas e gritou para eles:

"Quase deixamos vocês para trás, irmão e irmãs!", disse ele. "Enchemos o tanque da perua de graça e agora estamos de partida para o

hospital.” Com um sorriso, o homem destravou e abriu a porta da perua, acenando para as três crianças. “Embarquem”, disse ele. “Não queremos que os nossos voluntários se percam por aí antes de termos cantado sequer a primeira estrofe. Ouvi dizer alguma coisa sobre assassinos à espreita nesta área.”

“Vocês leram no jornal?”, perguntou Klaus, nervoso.

O homem barbudo riu e dedilhou um acorde alegre no seu violão.

“Oh, não”, disse ele. “Nós não lemos o jornal. É muito deprimente. Nosso lema é: ‘A falta de notícias é uma boa notícia’. Vocês devem ser voluntários novos, se ainda não sabem isso. Bem, pulem para dentro.”

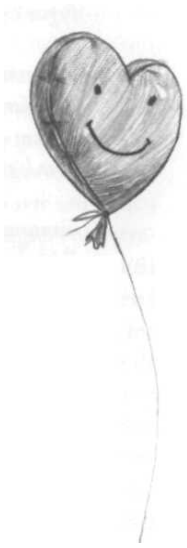
Os Baudelaire hesitaram. Tenho certeza de que vocês sabem que são muito raras as vezes em que é uma boa idéia entrar num automóvel com alguém que você nunca viu antes, especialmente se a pessoa acredita em disparates como: “A falta de notícias é uma boa notícia”. Porém, nunca é uma boa idéia ficar andando a esmo por uma paisagem plana e vazia, enquanto a polícia está fechando o cerco para prendê-lo por um crime que você não cometeu, e as três crianças fizeram uma breve pausa para decidir entre fazer uma coisa que só raras vezes é uma boa idéia, e uma coisa que nunca é uma boa idéia. Elas se entreolharam. E então olharam para o Armazém Geral Ultima Chance atrás delas, onde viram o dono da loja saindo pela porta da frente e correndo na direção da perua.

“O.K.”, disse Violet por fim. “Vamos pular para dentro.”

O barbudo sorriu, e as crianças entraram na perua C.S.C., fechando a porta atrás delas. Elas não pularam, muito embora o homem as tivesse mandado “pular para dentro”, porque pular é algo que se faz nos momentos felizes da vida. Um encana-dor, por exemplo, poderia pular se finalmente conseguisse consertar um vazamento especialmente difícil no chuveiro de alguém. Um escultor pularia se tivesse finalmente terminado a sua escultura de quatro cachorros bassê jogando cartas. E eu pularia como ninguém jamais pulou antes se pudesse, de algum modo, voltar àquela quinta-feira fatídica e impedir Beatrice de comparecer àquele chá vespertino em que se encontrou com Esmé Squalor pela primeira vez.

Mas Violet, Klaus e Sunny não pularam, porque eles não eram encanadores consertando vazamentos, nem escultores terminando obras de arte, nem autores apagando magicamente uma série de desventuras. Eram três crianças desesperadas, falsamente acusadas de assassinato, forçadas a

fugir de um armazém para o automóvel de um estranho a fim de evitar a captura pela polícia. Os Baudelaire não estavam pulando, nem mesmo quando foi dada a partida no motor da perua e ela começou a se afastar do Armazém Geral Ultima Chance, ignorando os sinais desesperados do patrão, enquanto corria para tentar detê-los. Quando a perua C.S.C. começou a rodar pela paisagem desolada, os órfãos Baudelaire não tinham certeza de que voltariam a pular algum dia.



CAPÍTULO TRÊS



Cantamos, dançamos noite e dia,
É bom demais quando a gente canta
Pra meninos de ossos quebrados
E meninas com dor de garganta.
Tra-la-lá, qui-qui-qui,
Quero que fique logo são.
Ho-ho-ho, hi-hi-hi,
Pegue um balão de coração.
Cantamos pra homens com sarampo,
E mulheres gripadas demais;
Pra você, nós só vamos cantar
Quando inalar micróbios letais.
Tra-la-lá, qui-qui-qui,
Quero que fique logo são.

Ho-ho-ho, hi-hi-hi,
Pegue um balão de coração.

Um parceiro meu chamado William Congreve certa vez escreveu uma peça que começa com a fala "A música tem encantos para apaziguar um peito selvagem", uma frase que aqui significa que se você está nervoso ou aborrecido pode ouvir um pouco de música que o acalme ou que o alegre. Por exemplo, enquanto estou aqui agachado atrás do altar da Catedral da Suposta Virgem, um amigo meu está tocando uma sonata no órgão de tubos, para me acalmar e para que o ruído da minha máquina de escrever não seja ouvido pelos fiéis sentados nos bancos. A lamentosa melodia da sonata me lembra uma canção que meu pai costumava cantar quando lavava os pratos e, enquanto a ouço, posso esquecer temporariamente seis ou sete das minhas preocupações.

Mas o efeito apaziguante da música sobre um peito selvagem obviamente depende do tipo da música que está sendo tocada e, lamento ter de dizer, enquanto os órfãos Baudelaire ouviam a canção C.S.C., eles não se sentiam menos nervosos ou aborrecidos. Quando Violet, Klaus e Sunny embarcaram na perua C.S.C., estavam tão preocupados em evitar a captura, que mal deram uma olhada em volta até que estivessem bem longe do Armazém Geral Ultima Chance. Mas depois que o vendedor virou um mero cisco na paisagem plana e vazia, as crianças voltaram a atenção para o seu novo esconderijo. Havia cerca de vinte pessoas na perua, e todas, sem exceção, eram extraordinariamente alegres. Havia homens alegres, mulheres alegres, um punhado de crianças alegres e um motorista muito alegre que, de vez em quando, tirava os olhos da estrada e sorria alegremente para todos os passageiros. Quando os Baudelaire faziam uma viagem longa de automóvel, gostavam de passar o tempo lendo ou contemplando a paisagem, imersos em seus pensamentos pessoais, mas assim que a perua se afastou do armazém geral, o barbudo começou a tocar o seu violão e a reger todos os Combatentes pela Saúde do Cidadão em uma alegre canção, e cada "tra-la-lá" só servia para deixar os Baudelaire ainda mais ansiosos do que antes. Quando os voluntários começaram a cantar a estrofe sobre o nariz das pessoas sangrando, os irmãos estavam certos de que alguém ia parar de cantar e dizer: "Esperem um minuto! Aquelas três crianças não estavam na perua antes! O lugar delas não é aqui!". Quando os

cantores chegaram à estrofe sobre o médico serrando uma pessoa em duas, as crianças estavam certas de que alguém ia parar de cantar e dizer: “Esperem um minuto! Aquelas três pessoas não sabem a letra da canção! O lugar delas não é aqui!”. E quando os alegres passageiros cantaram a parte que discutia os micróbios letais, os irmãos estavam inequivocamente seguros de que alguém ia parar de cantar e dizer: “Esperem um minuto! Aquelas três crianças são os assassinos descritos n’O Pundonor Diáriol O lugar delas não é aqui!”.

Mas os Combatentes pela Saúde do Cidadão estavam alegres demais para esperar um minuto. Eles acreditavam tão piamente que a falta de notícias é uma boa notícia que nenhum deles sequer olhara para O Pundonor Diário. E estavam ocupados demais cantando para notar que o lugar dos Baudelaire não era a perua.

“Rapaz, eu adoro essa canção!”, disse o barbudo ao terminar o último refrão. “Eu poderia cantá-la o caminho inteiro, até o Hospital Heimlich. Mas acho que é melhor economizarmos nossas vozes para o trabalho do dia. Assim, por que não nos acomodamos e conversamos alegremente até a chegada?” Parece sensacional!”, disse um dos voluntários, e todos balançaram a cabeça concordando. O barbudo pôs de lado o violão e sentou-se ao lado dos Baudelaire.

“É melhor a gente usar nomes falsos”, sussurrou Violet para Klaus, “para que ninguém fique sabendo quem somos.”

“Mas O Pundonor Diário publicou errado os nossos nomes”, sussurrou Klaus de volta, “portanto, talvez a gente deva usar os nomes reais.”

“Muito bem, vamos conhecer uns aos outros”, disse alegremente o barbudo. “Eu gosto de travar conhecimento com todos os nossos voluntários, um por um.”

“Bem, meu nome é Sally”, começou Violet, “e...”

“Não, não”, disse o barbudo. “Nós não usamos nomes entre os voluntários C.S.C. Simplesmente chamamos todo mundo de ‘irmã’ e ‘irmão’, pois acreditamos que todas as pessoas são irmãs e irmãos.”

“Estou confuso”, disse Klaus. “Sempre pensei que irmãos e irmãs fossem pessoas que compartilham os mesmos pais.”

“Nem sempre, irmão”, disse o barbudo. “Às vezes, irmãos e irmãs são simplesmente pessoas unidas por uma causa comum.”

“Isso significa, irmão”, disse Violet, experimentando aquele novo uso da palavra “irmão” e não gostando muito, “que você não sabe o nome de ninguém nesta perua?”

“Isso mesmo, irmã”, disse o barbudo.

“E então você nunca soube o nome de nenhuma pessoa que tenha sido voluntária dos Combatentes pela Saúde do Cidadão?”, perguntou Klaus.

“Nem umazinha, sequer”, disse o barbudo. “Por que a pergunta?”

“Achamos que um conhecido nosso”, disse Violet cautelosamente, “pode ter participado do C.S.C. Ele tinha uma sobrancelha em vez de duas, e um olho tatuado no tornozelo.”

O barbudo franziu o cenho.

“Não sei de ninguém que corresponda a essa descrição”, disse ele, “e estou com os Combatentes pela Saúde do Cidadão desde que a organização foi fundada.”

“Droga!”, disse Sunny.

“A minha irmã quer dizer”, disse Klaus, “que estamos desapontados. Tínhamos esperanças de ficar sabendo mais sobre essa pessoa.”

“Vocês têm certeza de que ele estava nos Combatentes pela Saúde do Cidadão?”, perguntou o barbudo.

“Não”, admitiu Klaus. “Só sabemos que ele trabalhou como voluntário em alguma coisa.”

“Bem, existem montes de voluntários em alguma coisa”, retrucou o barbudo. “O que vocês precisam, crianças, é algum tipo de Biblioteca de Registros.”

“Biblioteca de Registros?”, disse Violet.

“Biblioteca de Registros é um lugar onde armazenam informações oficiais”, disse o barbudo. “Em uma Biblioteca de Registros, você pode encontrar uma lista de todas as organizações de voluntários do mundo. Ou então pode procurar o nome dessa pessoa e descobrir se existe algum arquivo sobre ela. Talvez isso possa informar a vocês onde ela trabalhava.”

“Ou como conheceu os nossos pais”, disse Klaus, falando alto, sem pensar.

“Seus pais?”, disse o barbudo, percorrendo o interior da perua com os olhos. “Eles também estão aqui?

Os Baudelaire se entreolharam, desejando que seus pais estivessem lá na perua, se bem que teria sido um tanto embaraçoso chamar o pai de

“irmão” e a mãe de “irmã”. Às vezes as crianças tinham a impressão de que centenas e centenas de anos haviam se passado desde aquele dia assustador na praia, quando o sr. Poe trouxe a elas a terrível notícia, porém, outras tantas vezes, a impressão era de que haviam se passado apenas alguns minutos. Violet era capaz de visualizar o pai, sentado ao seu lado, talvez apontando para alguma coisa interessante que tinha visto pela janela. Klaus era capaz de visualizar a mãe sorrindo e balançando a cabeça, divertida com a letra ridícula da canção C.S.C. E Sunny era capaz de visualizar todos os cinco Baudelaire, juntos novamente, sem que ninguém estivesse fugindo da polícia, ou sendo acusado de assassinato, ou tentando desesperadamente resolver mistérios, ou, pior que tudo, tivesse partido para sempre em um incêndio terrível. Porém, só porque você é capaz de visualizar alguma coisa, isso não faz com que seja assim. Os pais dos Baudelaire não estavam na perua, e as crianças olharam para o homem barbudo e sacudiram a cabeça, tristemente.

“Céus, vocês estão macambúzios”, disse o barbudo. “Bem, não se preocupem. Tenho certeza de que, onde quer que os seus pais estejam, eles estão se divertindo muito, portanto não quero ver caras fechadas. A alegria é a razão de ser dos Combatentes pela Saúde do Cidadão.”

“O que, exatamente, vamos fazer no hospital?”, perguntou Violet, ansiosa por mudar de assunto.

“Exatamente o que diz o nome C.S.C.”, respondeu o barbudo. “Somos combatentes, e vamos combater doenças.”

“Espero que não tenhamos de aplicar injeções”, disse Klaus. “As agulhas me deixam meio nervoso.”

“É claro que não vamos aplicar injeções”, disse o barbudo. “Só fazemos coisas alegres. A maior parte do tempo, perambulamos pelos corredores cantando para os doentes e oferecendo-lhes balões em forma de coração, como diz a letra da música.”

“Mas como isso combate as doenças?”, disse Violet.

“Ganhar um balão alegre ajuda as pessoas a visualizar a sua melhora, e quando você visualiza alguma coisa, isto faz com que seja assim”, explicou o barbudo. “Afinal, uma atitude de alegria é a ferramenta mais eficaz contra a doença.”

“Pensei que fossem os antibióticos”, disse Klaus.

“Echinacea!’’, disse Sunny. Ela queria dizer: “Ou medicamentos fitoterápicos de eficácia comprovada”, mas o barbudo tinha parado de prestar atenção nas crianças e estava olhando pela janela.

“Voluntários, chegamos!”, bradou ele. “Estamos no Hospital Heimlich!” Ele voltou-se para os Baudelaire e apontou para o horizonte. “Não é um belo edifício?”

As crianças olharam pela janela da perua e descobriram que só podiam concordar com o homem barbudo pela metade, pela simples razão de que o Hospital Heimlich era só a metade de um edifício ou, na melhor das hipóteses, dois terços. O lado esquerdo do hospital era uma lustrosa estrutura branca, com uma fileira de altas colunas e pequenos retratos esculpidos de médicos famosos acima de cada janela. Na frente do edifício havia um gramado perfeitamente aparado com manchas ocasionais de flores selvagens em cores vivas. Mas o lado direito do hospital nem podia ser chamado de estrutura, que dizer, de uma bela estrutura. Havia algumas tábuas pregadas umas nas outras formando retângulos, e algumas pranchas pregadas no chão à guisa de assoalhos, mas não havia paredes nem janelas, o que deixava aquilo parecido com o desenho de um hospital, e não um hospital em si. Não havia sinal de colunas e nem um médico sequer esculpido naquele lado semi-acabado, apenas umas poucas folhas de plástico tremulando ao vento e, em lugar de gramado, somente um campo de terra vazio. Era como se o arquiteto encarregado de construir o edifício tivesse decidido, no meio da obra, que preferia ir a um piquenique, e nunca mais tivesse voltado. O motorista estacionou a perua embaixo de um letreiro que também estava semi-acabado: a palavra “Heimlich”, em elegantes letras douradas sobre um quadrado branco de madeira, e a palavra “Hospital”, rabiscada com caneta esferográfica sobre um pedaço de papelão arrancado de uma caixa velha.

“Tenho certeza de que um dia eles vão terminar”, continuou o barbudo. “Mas nesse meio-tempo, podemos visualizar a outra metade, e visualizar uma coisa faz com que a coisa aconteça. Agora vamos visualizar a nós mesmos descendo da perua.”

Os três Baudelaire não precisaram visualizar, simplesmente desceram da perua atrás do homem barbudo e do resto dos voluntários, seguindo-os pelo gramado da metade mais bonita do hospital. Os voluntários C.S.C. estavam esticando os braços e pernas depois da longa viagem, e ajudando o

homem barbudo a remover uma grande penca de balões em forma de coração da traseira da perua, mas as crianças apenas ficaram por perto, ansiosas, tentando imaginar o que fazer a seguir.

"Aonde iremos agora?", perguntou Violet. "Se ficarmos andando pelos corredores do hospital, cantando para as pessoas, alguém vai nos reconhecer."

"É verdade", disse Klaus. "Não é possível que os médicos, enfermeiros, administradores e pacientes acreditem, todos eles, que a falta de notícias é uma boa notícia. Tenho certeza de que alguns deles leram O Pundonor Diário desta manhã."

"Aronec", disse Sunny, o que queria dizer: "E nós não estamos chegando nem um pouquinho mais perto de ficar sabendo alguma coisa sobre C.S.C. ou Jacques Snicket."

"É verdade", concordou Violet. "Talvez precisemos encontrar uma Biblioteca de Registros, como disse o homem barbudo."

"Mas onde poderemos encontrar uma?", perguntou Klaus. "Estamos no meio de coisa nenhuma."

"Andar não!", disse Sunny.

"Eu também não quero recomeçar as andanças", disse Violet, "mas não vejo o que mais podemos fazer."

"O.K., voluntários!", disse o barbudo. Ele tirou o violão da perua e começou a tocar alguns acordes alegres e familiares. "Todo mundo pegue um balão em forma de coração e comece a cantar!"

Somos os alegres Combatentes Pela Saúde do Cidadão, Se alguém dissesse que somos tristes, Não teria por certo...

"Atenção!", interrompeu uma voz que parecia vir do céu. A voz era feminina, porém muito estridente e apagada, como se fosse a voz de uma mulher com um pedaço de folha de alumínio por cima da boca. "A sua atenção, por favor!"

"Shhh, todo mundo!", disse o barbudo, interrompendo a canção. "É Babs, a diretora de Recursos Humanos do hospital. Ela deve ter alguma comunicação importante a fazer."

"Atenção!", disse a voz. "Aqui é Babs, a diretora de Recursos Humanos. Tenho uma comunicação importante a fazer."

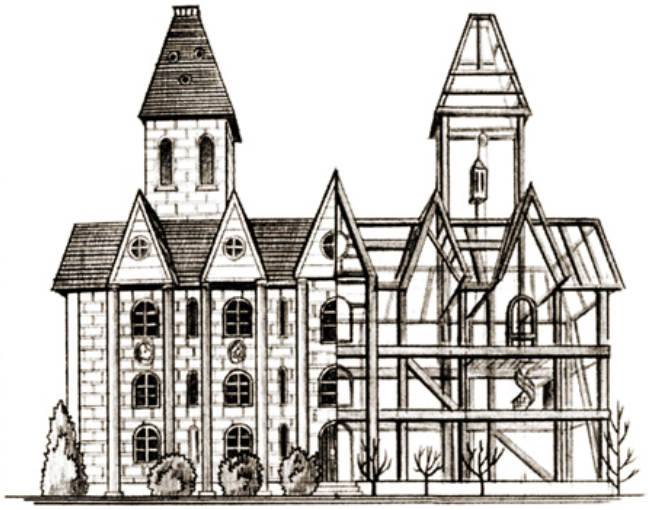
"Onde está ela?", perguntou Klaus, com medo que ela pudesse reconhecer os três acusados de assassinato escondidos entre os C.S.C.

“Em algum lugar do hospital”, respondeu o barbudo. “Ela prefere fazer comunicações pelo intercomunicador.”

A palavra “intercomunicador” aqui se refere a alguém falando em um microfone, em algum lugar, e sua voz saindo de alto-falantes, em algum outro lugar. E, de fato, bem que as crianças notaram uma pequena fileira de alto-falantes localizados na metade acabada do edifício, logo acima dos médicos esculpidos.

“Atenção!”, disse a voz mais uma vez, e ficou ainda mais estridente e apagada, como se a mulher com o pedaço de folha de alumínio por cima da boca tivesse caído em uma piscina cheia de água mineral com gás. Não era um modo agradável de ouvir alguém falar, e no entanto, assim que Babs fez a sua comunicação, os peitos selvagens dos Baudelaire foram instantaneamente apaziguados, como se a voz estridente e apagada fosse uma tranqüilizante peça musical. Porém, não é que os Baudelaire se sentiram melhor por causa do modo como soou a voz de Babs. A comunicação apaziguou os peitos selvagens dos Baudelaire por causa do que ela disse.

“Preciso de três voluntários dos Combatentes pela Saúde do Cidadão que estejam dispostos a receber uma nova tarefa”, disse a voz. “Os três voluntários devem apresentar-se imediatamente à minha sala, que é a décima sétima porta à esquerda de quem entra na metade acabada do edifício. Em vez de ficar andando pelos corredores do hospital e cantando para as pessoas, esses três voluntários irão trabalhar na Biblioteca de Registros, aqui no Hospital Heimlich.”



CAPÍTULO QUATRO

Tenha você sido mandado para a sala do diretor da sua escola por jogar toalhas de papel molhadas no teto para ver se grudam, ou ido ao dentista a fim de implorar-lhe que torne oco um dos seus dentes para esconder uma única página do seu último livro e passar pelos guardas no aeroporto, a sensação de ficar plantado do lado de fora da porta de uma sala nunca é agradável, e enquanto os órfãos Baudelaire ficaram plantados diante da porta onde estava escrito "Gabinete da diretora de Recursos Humanos", eles foram lembrados de todos os gabinetes desagradáveis que tinham visitado recentemente. Já no primeiro dia deles na Escola Preparatória Prufrock, antes mesmo de conhecerem Isadora e Duncan Quagmire, os Baudelaire tinham visitado o gabinete do vice-diretor Nero e tomado conhecimento de todas as regras estritas e injustas da academia. Quando trabalharam na Serraria Alto-Astral, os irmãos foram chamados ao gabinete do proprietário, que deixou claro exatamente o quanto a situação deles era horrível. E, é claro, Violet, Klaus e Sunny tinham estado muitas, muitas vezes no gabinete do sr. Poe no banco, onde ele tossia, falava ao telefone e tomava decisões sobre o futuro dos Baudelaire que provaram não ser boas. Mas mesmo se não tivessem tido todas aquelas experiências desventuradas em gabinetes, era perfeitamente compreensível que as crianças Baudelaire tivessem de ficar plantadas por alguns momentos diante da décima sétima porta à esquerda, juntando coragem para bater.

“Não tenho muita certeza de que devemos correr este risco”, disse Violet. “Se Babs leu a edição matutina d’O Pundonor Diário, vai nos reconhecer assim que passarmos pela porta. Podemos muito bem estar batendo à porta da nossa cela na cadeia.”

“Mas a Biblioteca de Registros pode ser nossa única esperança”, disse Klaus. “Precisamos descobrir quem era realmente Jacques Snicket, onde trabalhava e como nos conhecia. Se conseguirmos alguma prova, poderemos convencer as pessoas de que o conde Olaf ainda está vivo e que nós não somos assassinos.”

“Curoy”, acrescentou Sunny, o que queria dizer: “Além disso, os trigêmeos Quagmire estão muito, muito longe, e só temos umas poucas páginas dos seus cadernos. Precisamos descobrir o verdadeiro significado de C.S.C.”.

“Sunny está certa”, disse Klaus. “Na Biblioteca de Registros, poderemos até mesmo resolver o mistério daquela passagem subterrânea que levava do apartamento de Jerome e Esmé Squalor até as cinzas que restaram da mansão Baudelaire.”

“Afficu”, disse Sunny. Ela queria dizer alguma coisa como: “E o único modo de entrarmos na Biblioteca de Registros é falando com Babs, portanto é um risco que temos de correr”.

“Está bem”, disse Violet, olhando para a irmã e sorrindo. “Você me convenceu. Mas se Babs começar a olhar para a gente de um modo desconfiado, nós vamos embora, de acordo?”

“De acordo”, disse Klaus.

“Tá”, disse Sunny, e bateu à porta.

“Quem é?”, gritou Babs.

“São os três voluntários dos Combatentes pela Saúde do Cidadão”, respondeu Violet. “Viemos nos oferecer para trabalhar na Biblioteca de Registros.”

“Entrem”, ordenou Babs, e as crianças abriram a porta e entraram na sala. “Eu estava me perguntando quando iria aparecer alguém”, continuou a diretora de Recursos Humanos. “Estava justamente acabando de ler o jornal desta manhã. Aquelas três crianças terríveis estão soltas por aí, matando gente.”

Os Baudelaire se entreolharam e estavam prestes a sair correndo pela porta afora quando viram algo na sala que os fez mudar de idéia. O gabinete

da diretora de Recursos Humanos do Hospital Heimlich era pequeno, com uma escrivaninha pequena, duas cadeiras pequenas e uma janela pequena ornamentada com duas cortinas pequenas. Sobre o peitoril, havia um pequeno vaso de flores amarelas, e na parede, um pequeno retrato, de muito bom gosto, de um homem levando um cavalo para uma pequena lagoa de água doce. Mas não foram os móveis, o arranjo de flores ou a obra de arte de muito bom gosto que fizeram parar os três órfãos.

A voz de Babs viera de algum lugar na direção da escrivaninha, coisa que os Baudelaire estavam esperando, mas o que eles não estavam esperando era que Babs não estivesse sentada atrás da escrivaninha, nem em cima da escrivaninha, e nem mesmo embaixo dela. Em vez disso, um pequeno alto-falante quadrado de intercomunicador, exatamente igual aos que havia do lado de fora do hospital, tinha sido colocado no meio da escrivaninha, e fora desse alto-falante que a fala tinha sido falada. Era estranho ouvir uma fala vinda de um alto-falante, e não de uma pessoa em carne e osso, mas as crianças se deram conta de que não poderiam ser reconhecidas se Babs não podia vê-las, portanto não saíram correndo para fora da sala.

"Nós também somos três crianças", disse Violet para o alto-falante, tentando ser tão honesta quanto possível, "mas preferimos mil vezes ser voluntárias no hospital a embarcar em uma vida de crimes".

"Se vocês são crianças, fiquem caladas!", disse rudemente a voz de Babs. "Na minha opinião, crianças são para ser vistas, e não ouvidas. Eu sou adulta, portanto segue-se que eu sou para ser ouvida, e não vista. É por isso que trabalho exclusivamente através do intercomunicador. Vocês trabalharão exclusivamente com a coisa mais importante que fazemos neste hospital. Podem adivinhar o que é?"

"Curar pessoas doentes?", adivinhou Klaus.

"Fique calado!", comandou o alto-falante. "Crianças são para ser vistas, e não ouvidas, lembra-se? Só porque não posso ver vocês, isto não quer dizer que podem começar a tagarelar sobre pessoas doentes. De qualquer modo, você está errado. A coisa mais importante que fazemos no hospital é a papelada, e vocês vão trabalhar na Biblioteca de Registros cuidando da papelada. Estou certa de que isso será difícil para vocês, pois crianças nunca têm nenhuma experiência administrativa."

“Hend”, disse Sunny, discordando. Violet ia explicar que sua irmã queria dizer alguma coisa na linha de: “Na verdade, eu trabalhei como assistente administrativa na Escola Preparatória Prufrock”, mas o alto-falante de intercomunicador estava ocupado demais reprovando os Baudelaire, uma expressão que aqui significa “gritando ‘fiquem calados!’“ a cada oportunidade.

“Fiquem calados!”, gritou o alto-falante. “Em vez de ficar matraqueando sem parar, apresentem-se imediatamente na Biblioteca de Registros, que está localizada no subsolo, bem no final da escada ao lado dessa sala. Vocês irão diretamente para lá todas as manhãs, assim que a perua chegar ao Hospital Heimlich, e voltarão diretamente para a perua no final de cada dia. A perua levará vocês de volta para casa. Alguma pergunta?”

Os Baudelaire tinham uma grande quantidade de perguntas, é claro, mas não as fizeram. Sabiam que se dissessem uma palavra que fosse, o alto-falante de intercomunicador iria mandá-los ficar calados, e além disso, estavam ansiosos para chegar à Biblioteca de Registros, onde esperavam responder às perguntas mais importantes de suas vidas.

“Excelente!”, disse o alto-falante. “Vocês estão aprendendo a ser vistos, e não ouvidos. E agora, caiam fora desta sala.”

As crianças caíram fora daquela sala e rapidamente encontraram a escadaria que o alto-falante tinha mencionado. Os Baudelaire estavam contentes porque o caminho para a Biblioteca de Registros era muito fácil de lembrar, pois o Hospital Heimlich parecia ser o tipo do lugar onde seria muito fácil se perder. A escadaria virava para um lado e para outro, levando a muitas portas e corredores, e a cada três metros ou coisa assim, pregado à parede logo abaixo de um alto-falante de intercomunicador, havia um complicado mapa do hospital, cheio de setas, estrelas e outros símbolos que os Baudelaire não reconheceram. De quando em quando, as crianças viam alguém do hospital andando em sua direção. Muito embora nem os Combatentes pela Saúde do Cidadão nem a Diretora de Recursos Humanos tivessem reconhecido as três crianças, era certeza que alguém no hospital lera O Pundonor Diário, e os Baudelaire, que não queriam ser vistos nem ouvidos, tinham de se virar de cara para a parede e fingir estar consultando o mapa, para que as pessoas que passassem por eles não vissem os seus rostos.

“Essa foi por pouco”, suspirou Violet, aliviada, quando um grupo de médicos passou por eles batendo papo, sem dirigir nem sequer um olhar para os jovens.

“Foi por pouco”, concordou Klaus, “e nós não queremos que seja por menos ainda. Não creio que devamos voltar para a perua no fim deste dia, ou de qualquer outro dia. Mais cedo ou mais tarde acabaremos sendo reconhecidos.”

“Você tem razão”, disse Violet. “Teríamos de atravessar o hospital inteiro todos os dias, só para chegar até a perua. Mas onde vamos passar a noite? As pessoas vão achar estranho se três crianças estiverem dormindo na Biblioteca de Registros.”

“Metade”, sugeriu Sunny.

“É uma ótima idéia”, retrucou Violet. “Podíamos dormir na metade inacabada do hospital. Ninguém vai lá à noite.”

“Dormir sozinhos, em uma sala meio acabada?”, perguntou Klaus. “Vai ser frio e escuro.”

“Não pode ser muito pior do que o Barraco dos Órfãos na Escola Preparatória Prufrock”, disse Violet.

“Dania”, disse Sunny, o que queria dizer: “Ou o quarto na casa do conde Olaf”.

Klaus estremeceu ao se lembrar de como era horrível quando o conde Olaf era seu tutor.

“Você está certa”, disse ele parando diante da porta onde estava escrito “Biblioteca de Registros”. “A ala inacabada do hospital não pode ser tão ruim assim.”

Os Baudelaire bateram à porta, que se abriu quase imediatamente para revelar um dos homens mais velhos que já tinham encontrado, usando um dos menores pares de óculos que já tinham visto. As lentes não eram muito maiores que ervilhas verdes, e o homem precisava apertar os olhos para mirá-los.

“Minha vista não é mais o que era”, disse ele, “mas vocês parecem ser crianças. E também são muito familiares. Tenho certeza de ter visto as suas caras antes, em algum lugar.”

Os Baudelaire se entreolharam em pânico, sem saber se deviam disparar para fora da sala ou tentar convencer o homem de que ele estava enganado.

“Somos novos voluntários”, disse Violet. “Acho que nunca nos vimos antes.”

“Babs nos incumbiu de trabalhar na Biblioteca de Registros”, disse Klaus.

“Bem, vocês vieram para o lugar certo”, disse o velho com um sorriso enrugado. “Meu nome é Hal, e trabalho aqui na Biblioteca de Registros há mais anos do que eu gostaria de contar. Temo que a minha vista não seja mais o que era, portanto perguntei a Babs se alguns voluntários não poderiam me ajudar.”

“Wolick”, disse Sunny.

“Minha irmã disse que estamos muito felizes em ser úteis”, disse Violet, “e estamos mesmo.”

“Ora, fico contente em ouvir isso”, disse Hal. “Porque há um bocado de trabalho esperando. Venham comigo, vou explicar o que vocês têm de fazer.”

Os Baudelaire passaram pela porta e viram-se em uma pequena sala, dentro da qual não havia nada, além de uma mesinha sobre a qual estava uma tigela de frutas frescas.

“Esta é a biblioteca?”, disse Klaus.

“Oh, não”, disse o homem. “É só uma antecâmara, uma pequena sala que uso para guardar as minhas frutas. Se vocês ficarem com fome durante o dia, podem se servir de alguma coisa daquela tigela. Também é aqui que fica o intercomunicador, portanto é onde temos de nos apresentar sempre que Babs faz uma comunicação.” Ele os levou até o outro lado da sala, onde havia uma pequena porta, e tirou um anel de barbante do bolso do casaco. Nele, havia centenas de chaves que faziam pequenos ruídos metálicos quando batiam umas nas outras. Hal encontrou rapidamente a chave certa para destrancar a porta. “Esta”, disse ele com um pequeno sorriso, “é a Biblioteca de Registros.”

Hal introduziu as crianças em uma sala mal iluminada, com pé-direito muito baixo, tão baixo que os cabelos grisalhos de Hal quase esbarravam no teto. Mas embora a sala não fosse muito alta, ela era enorme. A Biblioteca de Registros se estendia na frente dos Baudelaire até tão longe que eles quase não conseguiam ver a parede oposta, nem tampouco as paredes da direita e da esquerda, quando olharam para os lados. Tudo o que conseguiam ver eram grandes arquivos de aço com gavetas metodicamente

etiquetadas com descrições das pastas que continham. Os arquivos de aço estavam organizados fileira após fileira, até onde a vista podia alcançar. As fileiras eram tão próximas umas das outras que os irmãos tiveram de andar atrás de Hal em fila indiana enquanto ele os levava em uma excursão pela sala.

"Eu mesmo organizei tudo", explicou ele. "A Biblioteca de Registros não contém apenas informações do Hospital Heimlich, mas de toda esta região. Há informações sobre tudo, de poesias a pílulas, de pinturas emolduradas a pirâmides, de pudins a psicologia..., e tudo isso só no corredor P, que é por onde estamos andando neste momento."

"Que lugar incrível", disse Klaus. "Pensem só em tudo o que podemos aprender lendo todos estes arquivos."

"Não, não, não", disse Hal sacudindo a cabeça com ar severo. "Nosso trabalho é arquivar as informações, e não lê-las. Não quero ver vocês tocando em nenhuma destas pastas, a não ser quando estiverem trabalhando com elas. É por isso que mantenho todos estes arquivos de aço muito bem trancados. E agora, deixem-me mostrar a vocês exatamente onde irão trabalhar."

Hal levou-os até a parede oposta e apontou para um pequeno buraco retangular, de tamanho suficiente apenas para Sunny, talvez Klaus, passar rastejando. Ao lado do buraco, havia uma cesta contendo uma grande pilha de papéis e uma tigela cheia de clipes.

"As autoridades depositam informações na via de informações, que começa do lado de fora do hospital e termina bem aqui", explicou ele, "e eu preciso de duas pessoas que me ajudem a arquivar o que é depositado no lugar certo. Vocês terão de fazer o seguinte: primeiro, removam todos os clipes e coloquem nesta tigela. Depois, dêem uma olhada na informação e decidam para onde ela vai. Lembrem-se: tentem ler o mínimo possível." Ele fez uma pausa, tirou o clipe de um pequeno maço de papéis e olhou para o topo da página, apertando os olhos. "Por exemplo", continuou ele, "você só precisa ler algumas palavras para ver que estes parágrafos são sobre as condições atmosféricas na semana passada em Docas de Dâmocles, que fica às margens de algum lago em algum lugar. Portanto, vocês podem me pedir para destrancar arquivos de aço no corredor D de 'Dâmocles', ou A de 'atmosféricas', ou até P de 'parágrafos'. A escolha é sua."

“Mas não vai ficar difícil para as pessoas encontrar a informação depois?”, perguntou Klaus. “Elas não vão saber se devem procurar em D, A ou P.”

“Então elas terão de procurar em todas as três letras”, disse Hal. “Às vezes, a informação que você precisa não está no lugar mais óbvio. Lembrem-se: a papelada é a coisa mais importante que fazemos neste hospital, portanto o trabalho de vocês é muito importante. Vocês acham que são capazes de arquivar esses papéis corretamente? Eu gostaria que começassem agora mesmo.”

“Acho que somos”, disse Violet. “Mas o que o terceiro voluntário vai fazer?”

Hal pareceu ficar embaraçado e mostrou o anel de barbante com todas as chaves. “Eu perdi algumas das chaves dos arquivos de aço”, admitiu ele, “e preciso de alguém que use algum tipo de objeto afiado para abri-los.”

“Eu!”, disse Sunny.

“Minha irmã quer dizer que ela seria perfeita para esse trabalho, porque possui dentes muito afiados”, explicou Violet.

“Sua irmã?”, disse Hal, e coçou a cabeça. “De algum modo, eu sei que vocês três vêm da mesma família. Tenho certeza de que acabei de ler algumas informações sobre vocês.”

As crianças se entreolharam mais uma vez e sentiram borboletas no estômago.

“O senhor lê O Pundonor Diário?”, perguntou Klaus, cauteloso.

“É claro que não”, disse Hal fechando a cara. “Aquele jornal é o pior que já vi na minha vida. Praticamente todas as matérias que eles publicam são mentiras deslavadas.”

Os Baudelaire sorriram aliviados. “Não sabemos nem como dizer o quanto estamos felizes em ouvir isso”, disse Violet. “Bem, acho melhor a gente começar a trabalhar.”

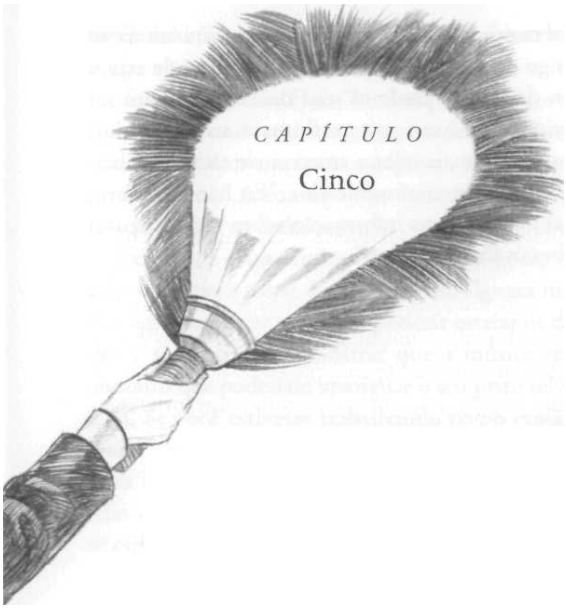
“Sim, sim”, disse Hal. “Venha, pequenina, vou lhe mostrar onde estão os arquivos de aço trancados, e vocês dois comecem a arquivar. Eu só queria me lembrar...” A voz do velho foi sumindo, e então ele estalou os dedos e sorriu.

Existem, é claro, muitas razões para alguém estalar os dedos e sorrir. Se você ouvisse alguma música agradável, por exemplo, poderia estalar os dedos e sorrir para demonstrar que a música tem encantos que poderiam

apaziguar o seu peito selvagem. Se você estivesse trabalhando como espião, poderia estalar os dedos e sorrir a fim de transmitir uma mensagem no código secreto "estala-sorri". Mas você também poderia estalar os dedos e sorrir se estivesse fazendo um grande esforço para se lembrar de uma coisa e, de repente, conseguisse. Hal não estava ouvindo música na Biblioteca de Registros e, depois de nove meses, seis dias e catorze horas de pesquisa, posso afirmar com razoável certeza que Hal não estava trabalhando como espião, portanto seria sensato concluir que ele acabava de se lembrar de uma coisa.

"Acabo de me lembrar de uma coisa", disse ele. Sei por que vocês três me parecem tão familiares."

Hal continuou a mostrar o caminho para Sunny ao longo de mais um corredor de arquivos de aço, a fim de indicar onde os seus dentes poderiam ser úteis, e com isso a sua voz flutuava acima dos dois Baudelaire mais velhos, como se ele estivesse falando em um intercomunicador. "Eu não li, é claro, mas havia alguma informação sobre vocês na pasta sobre os fogos Snicket."



CAPÍTULO CINCO

“Eu simplesmente não entendo”, disse Klaus, o que não era algo que ele dissesse com muita freqüência. Violet concordou com a cabeça e depois disse alguma coisa que também ela não dizia com muita freqüência:

“É um quebra-cabeça que não tenho certeza se somos capazes de resolver.”

“Pietrisycamollaviadelrechiotemexity”, disse Sunny, o que era algo que ela só tinha dito uma vez antes daquela. Significava alguma coisa na linha de: “Devo admitir que não tenho a mais pálida idéia do que está acontecendo”, e na primeira vez em que a mais jovem dos Baudelaire dissera isso, ela acabara de ser trazida para casa do hospital onde nascera e estava olhando para os irmãos quando eles se debruçaram sobre o berço para saudá-la. Desta vez, ela estava sentada na ala inacabada do hospital onde trabalhava, olhando para os irmãos enquanto eles tentavam adivinhar o que Hal queria dizer quando mencionara “os fogos Snicket”. Se eu estivesse com as crianças, teria lhes contado uma longa e terrível história sobre homens e mulheres que se juntaram a uma nobre organização apenas para ver suas vidas arrasadas por um homem ganancioso e um jornal preguiçoso, mas os irmãos estavam sozinhos e tudo o que tinham da história eram umas poucas páginas dos cadernos dos Quagmire.

Era noite, e depois de trabalhar o dia inteiro na Biblioteca de Registros, os órfãos Baudelaire se acomodaram o melhor que puderam na seção semi-acabada do Hospital Heimlich, mas lamento ter de dizer que a frase "se acomodaram o melhor que puderam" aqui significa "absolutamente sem comodidade". Violet encontrara algumas lanternas feitas para uso dos operários da construção quando estivessem trabalhando em cantos escuros, mas quando ela as arrumou de modo a iluminar as suas imediações, a luz só fez tornar mais claro exatamente o quanto eram imundas as suas imediações. Klaus encontrara alguns pedaços de lona usados pelos pintores para não deixar pingar tinta no chão, mas quando ele os enrolou em volta de si mesmo e das irmãs, o calor só fez tornar claro o quanto era enregelante quando o vento da noite soprava através das folhas de plástico pregadas nas tábuas. E Sunny usara os dentes para picar algumas frutas da tigela de Hai e fazer uma espécie de salada de frutas para o jantar, mas cada bocado de fruta picada só fez tornar claro exatamente o quanto era inadequado viver em um lugar tão vazio e solitário. E muito embora estivesse claro para as crianças o quanto eram imundas, enregelantes e inadequadas as suas novas acomodações, não havia mais nada que parecesse claro.

"Queríamos usar a Biblioteca de Registros para saber mais sobre Jacques Snicket", disse Violet, "mas podemos acabar sabendo mais sobre nós mesmos. Que diabo você acha que está escrito sobre nós naquela pasta que Hal mencionou?"

"Não sei", respondeu Klaus, "e também não acho que Hal saiba. Ele disse que não lê nada nas pastas."

"Seerg", disse Sunny, o que queria dizer: "E eu estava com medo de perguntar para ele algo mais sobre isso".

"Eu também", disse Violet. "Só não podemos chamar atenção sobre nós. A qualquer minuto, Hal pode tomar conhecimento de que somos procurados por assassinato, e seremos arrastados para a cadeia antes de ficarmos sabendo mais alguma coisa."

"Nós já escapamos de uma cela de cadeia", disse Klaus. "Não sei se conseguiremos fazer isso de novo."

"Eu pensei que se tivéssemos uma chance de examinar aquelas páginas dos cadernos de Duncan e Isadora", disse Violet, "descobriríamos

as respostas para as nossas perguntas, mas as anotações dos Quagmire são muito difíceis de ler."

Klaus franziu o cenho e moveu alguns fragmentos das páginas dos Quagmire como se fossem peças de um quebra-cabeça.

"O lançador de arpões rasgou estas páginas em pedacinhos", disse ele. "Olhe o que Duncan escreveu aqui: 'Jacques Snicket trabalhou como voluntário para C.S.C., que significa...', e depois está rasgado, bem no meio da frase."

"E nesta página", disse Violet, pegando uma folha na qual não agüento nem pensar, "está escrito: Em fotos ou em público, é coisa clara: Muito raramente Snicket mostra a cara. Isadora deve ter escrito isso. É um dístico rimado".

"Este fragmento diz 'apartamentos", disse Klaus, "e contém algo que parece ser a metade de um mapa. Pode ter algo a ver com o apartamento onde moramos com Jerome e Esmé Squalor."

"Nem me lembre disso", disse Violet, estremecendo só de pensar em todas as desventuras que as crianças sofreram na Avenida Sombria 667.

"Rabave", disse Sunny, apontando para um dos pedaços de papel.

"Há dois nomes nesta página", disse Violet. "Um deles é Al Funcoot."

"Esse é o homem que escreveu aquela peça horrível que Olaf nos forçou a representar", disse Klaus.

"Eu sei", disse Violet, "mas o outro nome eu não reconheço: Ana Grama'."

"Bem, os Quagmire estavam pesquisando o conde Olaf e o seu plano sinistro", disse Klaus. "Talvez Ana Grama seja um dos parceiros de Olaf."

"Provavelmente não é o homem com mão de gancho", disse Violet, "nem o careca de nariz comprido. Ana, normalmente, não é um nome de homem."

"Poderia ser o nome de uma das mulheres de cara branca", disse Klaus.

"Orlando!", disse Sunny, o que queria dizer: "Ou aquele que não parece homem nem mulher".

"Ou alguém que ainda nem conhecemos", disse Violet com um suspiro, e voltou a atenção para um outro pedaço de papel. "Esta página não está nem um pouco rasgada, mas tudo o que ela contém é uma longa lista de

datas. Parece que alguma coisa estava acontecendo a cada doze semanas ou coisa assim."

Klaus pegou o menor de todos os fragmentos e ergueu-o para que as irmãs vissem. Atrás dos óculos, seus olhos pareciam muito tristes.

"Este pedaço diz apenas 'fogo'", disse ele, mansamente, e os três Baudelaire baixaram tristemente o olhar para o chão empoeirado. Com qualquer palavra, existem associações subconscientes, o que quer dizer simplesmente que certas palavras fazem você pensar em certas coisas, mesmo que não queira. A palavra "bolo", por exemplo, pode lembrar o seu aniversário, e as palavras "diretor da prisão" podem lembrar alguém que você não vê há muito, muito tempo. A palavra "Beatrice" me lembra uma organização de voluntários que estava fervilhando de corrupção, e a palavra "meia-noite" lembra-me de que preciso continuar escrevendo este capítulo muito depressa, caso contrário provavelmente me afogarei. Mas os Baudelaire tinham todos os tipos de associações subconscientes com a palavra "fogo", e nenhuma delas era agradável para se pensar. A palavra fez as crianças pensarem em Hal, que mencionara algo sobre os fogos Snicket naquela tarde na Biblioteca de Registros. "Fogo" fez os jovens pensarem em Duncan e Isadora Quagmire, que tinham perdido os pais e o irmão Quigley em um incêndio. E, é claro, a palavra "fogo" fez os Baudelaire pensarem no incêndio que destruíra o seu lar e dera início à desventurada jornada que os levara até a ala semi-acabada do Hospital Heimlich. As três crianças apinharam-se em silêncio debaixo das suas lonas, ficando cada vez com mais frio enquanto pensavam em todos os fogos e associações subconscientes que havia na vida dos Baudelaire.

"Aquela pasta deve conter as respostas de todos esses mistérios", disse Violet por fim. "Precisamos descobrir quem foi Jacques Snicket, e por que ele tinha a mesma tatuagem que o conde Olaf."

"E precisamos saber por que ele foi assassinado", acrescentou Klaus, "e precisamos saber qual o segredo de C.S.C."

"Nós", disse Sunny, o que queria dizer: "E nós precisamos saber por que há um retrato nosso na pasta".

"Temos de pôr as mãos naquela pasta", disse Violet.

"É mais fácil falar do que fazer", salientou Klaus. "Hal nos disse claramente para não tocar em nenhuma das pastas em que não estivermos

trabalhando, e ele vai estar bem aqui, junto conosco, na Biblioteca de Registros."

"Simplesmente vamos ter de achar um jeito", retrucou Violet. "Agora vamos tentar dormir bem esta noite, para que possamos permanecer alertas o dia todo amanhã e deitar as mãos na pasta sobre os fogos Snicket."

Klaus e Sunny assentiram com a cabeça e arrumaram as lonas, improvisando uma espécie de cama, enquanto Violet desligava as lanternas uma por uma. Os três Baudelaire ficaram bem juntinhos o resto da noite, dormindo o que era possível dormir em um chão imundo, com um vento gelado soprando através do seu inadequado lar, e pela manhã, depois de um desjejum de restos de salada de frutas, eles foram andando até a metade completa do Hospital Heimlich e, cautelosamente, desceram todas aquelas escadas, passaram pelos alto-falantes de intercomunicador e pelos mapas confusos. Hal já estava na Biblioteca de Registros quando eles chegaram, destrancando os arquivos de aço com o seu comprido anel de chaves, e imediatamente Violet e Klaus começaram a trabalhar arquivando as informações que tinham chegado durante a noite, enquanto Sunny voltava a atenção dos seus dentes para os arquivos de aço que precisavam ser abertos. Mas as cabeças dos Baudelaire não estavam no arquivamento ou em arquivos de aço. Suas cabeças estavam naquela pasta.

Quase tudo neste mundo é mais fácil falar do que fazer, com exceção de "oferecer subsídios sistemáticos à furtiva, e tão suscetível a cistos, irmã de Sísifo", que é uma coisa mais fácil de fazer do que de falar. Mas ser lembrado desse fato é frustrante. Enquanto arquivava um pedaço de papel que continha informações sobre sibas em M de "moluscos", Violet disse consigo mesma: "Vou simplesmente descer o corredor S e procurar em Snicket". Mas Hal já estava no corredor S, arquivando uma coleção de pinturas de seringas, e ela não pôde fazer o que dissera. Enquanto arquivava uma pesquisa sobre dedais em P de "proteção para o polegar", Klaus disse consigo mesmo: "Vou simplesmente descer o corredor F e procurar em F de 'fogos'", mas àquela altura Hal já tinha passado para o corredor F e estava abrindo um arquivo de aço para reorganizar as biografias de famosos finlandeses pescadores. E

Sunny torceu os dentes para um lado e para o outro, tentando abrir um dos arquivos de aço trancados no corredor B, pensando que talvez a pasta estivesse lá dentro, arquivada em "Baudelaire", mas quando a fechadura

finalmente se quebrou, logo depois do almoço, a irmã mais nova abriu o arquivo de aço e viu que estava absolutamente vazio.

"Nil", disse Sunny enquanto as três crianças faziam um breve intervalo para frutas na antecâmara.

"Nem eu", disse Klaus. "Mas como poderemos pôr as mãos nessa pasta se Hal está sempre por perto?"

"Talvez possamos simplesmente pedir a ele que a encontre para nós", disse Violet. "Se esta fosse uma biblioteca comum, pediríamos ajuda à bibliotecária. Em uma Biblioteca de Registros, talvez devêssemos pedir a Hal."

"Vocês podem me pedir o que quiserem", disse Hal, entrando na antecâmara, "mas primeiro tenho de perguntar uma coisa a vocês." Ele foi até as crianças e apontou para uma das frutas. "Aquilo é uma ameixa ou um caqui?", perguntou ele. "Receio que a minha vista não seja mais o que era."

"É uma ameixa", disse Violet, entregando-a a ele.

"Ah, bom", retrucou Hal, examinando a fruta para ver se estava machucada. "Eu não estava mesmo com vontade de comer caqui. E agora, qual é a sua pergunta?"

"Nós tivemos uma discussão sobre uma certa pasta", começou Klaus cautelosamente, para não levantar as suspeitas de Hal. "Sei que não é costumeiro que nós leiamos o conteúdo das pastas, mas, se estivéssemos muito curiosos, seria correto abrir uma exceção?"

Hal deu uma mordida na ameixa e franziu o cenho.

"Por que vocês haveriam de querer ler o conteúdo de uma das pastas?", perguntou ele. "Crianças deveriam ler livros alegres com figuras coloridas, e não informações oficiais da Biblioteca de Registros."

"Mas nós estamos interessados em informações oficiais", disse Violet, "e estamos tão atarefados arquivando coisas que não temos oportunidade de ler nada nas pastas. É por isso que temos esperança de levar uma conosco para ler em casa."

Hal sacudiu a cabeça. "A papelada é a coisa mais importante que fazemos neste hospital", disse ele, severo. "É por isso que só é permitido tirar as pastas da sala se houver uma razão muito importante. Por exemplo..."

Mas os Baudelaire não chegaram a ouvir o exemplo, porque Hal foi interrompido por uma voz vinda do intercomunicador.

“Atenção!”, disse a voz, e as crianças se voltaram para encarar um pequeno alto-falante quadrado. “Atenção! Atenção!”

Os três irmãos se entreolharam, chocados e horrorizados, e depois olharam para a parede onde estava pendurado o alto-falante. A voz que vinha do intercomunicador não era a de Babs. Era uma voz apagada, e era uma voz estridente, mas não era a voz da diretora de Recursos Humanos do Hospital Heimlich. Era uma voz que os Baudelaire ouviam onde quer que estivessem, não importa onde morassem ou quem tentasse protegê-los; e muito embora as crianças tivessem ouvido essa voz antes tantas vezes, jamais se acostumaram com o seu tom de escárnio, como se a pessoa que falava estivesse contando uma piada com um final horrível e violento.

“Atenção!”, disse a voz de novo, mas não era preciso dizer aos órfãos para prestar atenção à terrível voz do conde Olaf.

“Babs pediu demissão do Hospital Heimlich”, disse a voz, e os irmãos tiveram a sensação de que podiam ver o sorriso cruel que estava na cara de Olaf sempre que ele estava contando mentiras. “Ela decidiu perseguir a carreira de dublê e começou imediatamente a se atirar do alto de edifícios. Meu nome é Mattathias, e sou o novo diretor de Recursos Humanos. Vou conduzir uma inspeção completa de todos os funcionários aqui do Hospital Heimlich, sem exceção, a começar imediatamente. Isso é tudo.”

“Uma inspeção”, repetiu Hal, terminando de comer a sua ameixa. “Que absurdo. Eles deviam acabar a outra metade do hospital, em vez de perder tempo inspecionando tudo.”

“O que acontece durante uma inspeção?”, perguntou Violet.

“Ora, eles apenas vêm e dão uma olhada em você”, disse Hal despreocupadamente, e começou a andar, de volta para o trabalho. “Há muito mais informações para arquivar.”

“Já vamos, um minutinho só”, prometeu Klaus. “Ainda não acabei de comer a minha fruta.”

“Bem, apressem-se”, disse Hal, e saiu da antecâmara. Os Baudelaire se entreolharam, preocupados e desalentados.

“Ele nos encontrou outra vez,” disse Violet, falando baixinho para Hal não ouvir. Com o som do seu coração batendo assustado, ela mal podia ouvir a própria voz.

“Ele deve saber que estamos aqui”, concordou Klaus. “É por isso que está fazendo a inspeção. Para que possa nos encontrar e nos seqüestrar.”

“Contar!”, disse Sunny.

“Contar para quem?”, perguntou Klaus. “Todo mundo pensa que o conde Olaf está morto. As pessoas não vão acreditar em três crianças dizendo que ele se disfarçou como Mattathias, o novo diretor de Recursos Humanos.”

“Especialmente três crianças que saíram na primeira página d’O Pundonor Diário como procuradas por assassinato”, acrescentou Violet. “Nossa única chance é pegar aquela pasta sobre os fogos Snicket e ver se encontramos ali algum indício que possa levar Olaf à justiça.”

“Mas não é permitido levar pastas para fora da Biblioteca de Registros”, disse Klaus.

“Então teremos de ler aqui mesmo”, disse Violet.

“Isso é mais fácil de falar do que de fazer”, assinalou Klaus. “Nem sequer sabemos em que letra procurar, e Hal estará nesta sala conosco o dia inteiro.”

“Noite!”, disse Sunny.

“Você está certa, Sunny”, disse Violet. “Hal está aqui o dia inteiro, mas vai para casa à noite. Quando ficar escuro, vamos sair sorrateiramente da ala semi-acabada e voltar aqui. É o único jeito de conseguirmos encontrar a pasta.”

“Você está esquecendo uma coisa”, disse Klaus. “A Biblioteca de Registros vai estar muito bem trancada à noite. Hal tranca todos os arquivos de aço, está lembrada?”

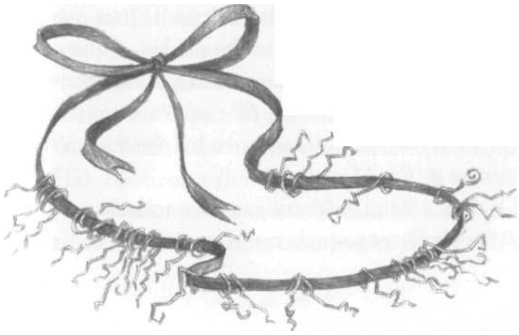
“Eu não tinha pensado nisso”, admitiu Violet. “Posso inventar uma gazua, mas não tenho certeza de que terei tempo de inventar gazuas suficientes para funcionar em todos aqueles arquivos de aço.”

“Dixu!”, disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como: “E eu preciso de várias horas para abrir um arquivo de aço com os dentes!”.

“Sem as chaves, nunca vamos conseguir pegar a pasta”, disse Klaus, “e sem a pasta, nunca derrotaremos o conde Olaf. O que podemos fazer?”

As crianças deram um suspiro e pensaram muito, concentrando-se ao máximo e olhando fixamente para a frente ao fazer isso, e assim que olharam fixamente para a frente, viram uma coisa que lhes deu uma idéia. A coisa que viram era pequena, redonda, tinha uma pele colorida e lustrosa, e os jovens puderam ver que era um caqui. Porém os Baudelaire sabiam que quando a vista de alguém não é mais o que era, o caqui pode parecer uma

ameixa. Os órfãos Baudelaire ficaram ali sentados olhando para o caqui, e começaram a pensar como poderiam enganar alguém fazendo-o pensar que uma coisa era, na realidade, outra coisa.



CAPÍTULO SEIS

Esta não é uma história sobre Lemony Snicket. É inútil contar a história de Snicket, porque ela aconteceu muito tempo atrás, e porque não há nada que alguém possa fazer quanto ao modo como aconteceu, portanto a única razão que eu poderia ter para anotá-la nas margens destas páginas seria tornar este livro ainda mais desagradável, enervante e inacreditável do que já é.

Esta é uma história sobre Violet, Klaus e Sunny Baudelaire, e como eles descobriram na Biblioteca de Registros do Hospital Heimlich uma coisa que mudou as suas vidas para sempre, e ainda me deixa agoniado sempre que fico sozinho à noite PONTO. Porém se este fosse um livro sobre mim, e não sobre as três crianças que logo iriam dar de encontro com alguém que esperavam nunca mais ver de novo, eu poderia me interromper por um momento e contar a vocês sobre algo que fiz muitos anos atrás, mas que ainda me perturba. Era uma coisa necessária, que precisava ser feita, mas não era uma coisa bonita, e mesmo agora sinto uma pequena palpitação de vergonha no estômago toda vez que me lembro disso. Posso estar fazendo algo de que gosto — passeando pelo convés de um navio, ou olhando para a aurora boreal por um telescópio, ou entrando em uma livraria como quem não quer nada e pondo os meus livros no lugar mais alto da estante para que ninguém seja tentado a comprá-los e lê-los — quando, de repente, me lembro dessa coisa que fiz, e penso comigo mesmo: Será que foi realmente necessário? Será que foi absolutamente necessário furtar aquele açucareiro de Esmé Squalor?

Os órfãos Baudelaire estavam vivenciando palpitações similares naquela tarde, ao encerrar o dia de trabalho na Biblioteca de Registros. Toda vez que Violet punha uma pasta no seu devido lugar, apalpava a sua fita de cabelo no bolso e sentia uma palpitação no estômago ao pensar no que ela e

os seus irmãos estavam prestes a fazer. Klaus pegava uma pilha de papéis na cesta ao lado da via de informações e, em vez de pôr os clipes na pequena tigela, ele os escondia na mão, sentindo uma palpitação no estômago ao pensar no ardil que ele e as suas irmãs iriam usar. E toda vez que Hal virava as costas, e Klaus passava os clipes para Sunny, a mais jovem dos Baudelaire sentia uma palpitação no estômago ao pensar no modo furtivo como eles retornariam à Biblioteca de Registros naquela noite. Quando Hal se pôs a trancar os arquivos de aço com o seu enorme molho de chaves, encerrando o expediente do dia, as três crianças Baudelaire já estavam com palpitações no estômago suficientes para participar de um Festival de Estômagos Palpitantes, se houvesse algum naquela tarde.

"É absolutamente necessário fazer isso?", murmurou Violet para Klaus, enquanto as três crianças saíam da biblioteca e entravam na ante-sala atrás de Hal. Ela tirou a fita de cabelo do bolso e alisou-a com a mão, para que não ficasse nem um pouco amassada. "Não é uma coisa bonita de se fazer."

"Eu sei", respondeu Klaus, estendendo a mão para que Sunny pudesse pegar os clipes. "Sinto uma palpitação no estômago só de pensar nisso. Mas é o único jeito que temos de pôr as mãos naquela pasta."

"Olaf", disse Sunny, soturna. Ela queria dizer: "Antes que Mattathias ponha as mãos em nós", e assim que ela terminou a frase, a voz estridente de Mattathias soou no intercomunicador.

"Atenção! Atenção!", disse a voz, enquanto Hal e os Baudelaire erguiam os olhos para o alto-falante quadrado. "Aqui é Mattathias, o novo diretor de Recursos Humanos. As inspeções estão encerradas por hoje, mas continuaremos amanhã."

"Que absurdo", resmungou Hal, pondo o molho de chaves em cima da mesa. Os Baudelaire se entreolharam, depois olharam para as chaves, enquanto Mattathias continuava a sua comunicação.

"E também", disse o alto-falante, "se qualquer pessoa neste hospital possuir objetos valiosos de qualquer tipo, solicito que os traga à sala dos Recursos Humanos para que sejam guardados em lugar seguro. Obrigado."

"Meus óculos são valiosos, de certo modo", disse Hal, tirando-os, "mas não vou levá-los para a sala dos Recursos Humanos. Corro o risco de nunca mais vê-los de novo."

“Isso provavelmente é verdade”, disse Violet balançando a cabeça ao pensar em Mattathias e sua impudência, uma palavra que aqui significa “tentativa de roubar objetos valiosos dos funcionários do hospital, além de arrebatar a fortuna dos Baudelaire”.

“Além disso”, disse Hal, sorrindo para as crianças e estendendo a mão para pegar o casaco, “ninguém vai roubar nada de mim. Vocês três são as únicas pessoas que vejo no hospital, e em quem confio absolutamente. Agora, onde deixei as minhas chaves?”

“Aqui estão”, disse Violet, e as palpitações no seu estômago ficaram piores. Ela ergueu a sua fita de cabelo, que tinha sido amarrada formando um círculo para ficar parecendo um anel de barbante. Pendurada na fita, havia uma longa fileira de clipes de papel, que Sunny tinha dobrado com os dentes em formas variadas enquanto Hal não estava olhando. O resultado tinha certa semelhança com o molho de chaves de Hal, do mesmo modo como um cavalo tem certa semelhança com uma vaca, ou uma mulher de vestido verde tem certa semelhança com um pinheiro, mas não havia como alguém olhar para a fita de cabelo de Violet, cheia de clipes mascados, e pensar que fosse um molho de chaves — a não ser, é claro, que a vista desse alguém não fosse mais o que era. As três crianças aguardaram enquanto Hal apertava os olhos na direção do que Violet estava segurando.

“Essas são as minhas chaves?”, disse Hal, desconfiado. “Achei que as tinha deixado em cima da mesa.”

“Oh, não”, Klaus apressou-se a dizer, plantando-se na frente da mesa para que Hai não pudesse ver as chaves verdadeiras nem de relance. “Violet está com elas.”

“Aqui”, disse Violet, balançando as chaves de um lado para outro para que ficassem ainda mais difíceis de ver, “posso pô-las no bolso do seu casaco?”

“Obrigado”, disse Hal quando Violet as deixou cair no bolso do seu sobretudo. Ele olhou para os Baudelaire, os olhinhos brilhando de gratidão. “Esta é mais uma ajuda que vocês três me deram. Minha vista não é mais o que era, vocês sabem, portanto estou contente por poder confiar em voluntários tão bons. Bem, boa noite, crianças. Vejo vocês amanhã. “

“Boa noite, Hal”, respondeu Klaus. “Vamos só comer um último pedaço de fruta aqui na antecâmara”.

“Não vão estragar o jantar”, disse Hal. “Parece que vai ser uma noite muito fria, e aposto que os seus pais prepararam uma deliciosa refeição quente. “ Hal sorriu e fechou a porta atrás dele, deixando as crianças sozinhas com as chaves verdadeiras da Biblioteca de Registros e a sensação palpitante no estômago.

“Algum dia”, disse Violet baixinho, “vamos pedir desculpas a Hal por pregar uma peça nele e explicar por que tivemos de quebrar as regras. Isso não foi uma coisa bonita de se fazer, embora tenha sido necessária.”

“E vamos voltar ao Armazém Geral Ultima Chance”, disse Klaus, “e explicar ao dono da venda por que tivemos de fugir.”

“Twisp”, disse Sunny com firmeza, o que queria dizer: “Mas não até que tenhamos deitado as mãos na pasta, resolvido todos aqueles mistérios e provado a nossa inocência”.

“Você está certa, Sunny”, disse Violet com um suspiro. “Vamos começar. Klaus, veja se você consegue encontrar a chave certa para a porta da biblioteca.”

Klaus assentiu e levou as chaves de Hal até a porta. Não faz muito tempo, quando os Baudelaire estavam morando com a tia Josephine às margens do Lago Lacrimoso, Klaus estivera em uma situação na qual teve de associar uma chave a uma porta trancada muito, muito depressa, e desde então se tornara bom nisso. Ele olhou para a fechadura da porta, que tinha uma fenda muito curta e estreita, depois olhou para o molho de chaves, no qual havia uma só chave curta e estreita, e num piscar de olhos as crianças estavam entrando de novo na Biblioteca de Registros e olhando para os corredores mal iluminados de arquivos de aço.

“Vou trancar a porta”, disse Klaus, “para que, se por acaso alguém entrar na antecâmara, não fique desconfiado.”

“Alguém como Mattathias”, disse Violet com um calafrio. “No intercomunicador, ele disse que iam parar com as inspeções por hoje, mas aposto que ainda está procurando.”

“Vapey”, disse Sunny, o que queria dizer: “Não vamos nos apressar”.

“Vamos começar pelo corredor S”, disse Violet. “De ‘Snicket’.”

“Certo”, disse Klaus, trancando a porta com um ruído seco. As três crianças encontraram o corredor S e foram passando pelos arquivos de aço e lendo as etiquetas para descobrir qual deles deviam abrir.

“Salada a Saxifragácea”, leu Klaus em voz alta. “Isso significa que tudo o que cai alfabeticamente entre a palavra ‘salada’ e a palavra ‘saxifragácea’ está neste arquivo. Isso seria ótimo se quiséssemos a pasta Sanguessugas.”

“Ou a pasta Sauna”, disse Violet. “Vamos seguir adiante.”

As crianças seguiram adiante, seus passos ecoando no teto baixo da sala.

“Saxofone a Sebastianismo”, disse Klaus, lendo um arquivo mais adiante no corredor. Sunny e Violet sacudiram a cabeça, e os Baudelaire seguiram em frente.

“Secretaria a Sedimento”, leu Violet. “Ainda não chegamos lá.”

“Kalm”, disse Sunny, o que queria dizer: “Não sei ler muito bem, mas acho que este aqui diz: ‘Seqüela a Serenidade’“.

“Você está certa, Sunny”, disse Klaus, sorrindo para a irmã. “É o arquivo errado.”

“Shakespeariano a Shaolin”, leu Violet.

“Sheik a Sherbef’, leu Klaus, seguindo adiante pelo corredor.

“Sherbournia a Showmício.”

“Shiatsu a Shinto.”

“Sicília a Siderurgia.”

“Sifonáptero a Sigilografia.”

“Sílfide a Sinuca.”

“Snack a Snifier.”

“Soneto a Sonolência.”

“Esperem!”, gritou Klaus. “Voltem atrás! ‘Snicket’ fica entre ‘snack’ e ‘snijier’“.

“Você tem razão”, disse Violet, dando um passo atrás para encontrar o arquivo certo. “Fiquei tão distraída com todos aqueles nomes estranhos de pastas que esqueci o que estávamos procurando. Aqui está, Snack a Snifter. Tomara que a pasta que procuramos esteja aqui.”

Klaus olhou para a fechadura do arquivo de aço e só encontrou a chave certa na terceira tentativa.

“Deve estar lá no fundo da gaveta”, disse Klaus, “perto de ‘snifter’. Vamos conferir”.

Os Baudelaire conferiram. Snifter é uma espécie de copo, normalmente usado para conhaque, embora seja também um termo para

designar um vento forte. Há uma porção de palavras perto de ‘snifter no alfabeto, especialmente em inglês, e as crianças encontraram muitas delas. Havia uma pasta sobre sniffing [cheirar], que parecia conter muitas fotografias de narizes. Havia uma pasta sobre a Lei de Snell, a qual afirma que um raio de luz, passando de um meio uniforme para outro, produz uma razão idêntica entre o seno do ângulo de incidência e o seno do ângulo de refração, coisa que Klaus já sabia. Havia uma pasta sobre o inventor do sneaker [tênis], que Violet admirava muito, e uma sobre snicking [entalhar], que é uma coisa que Sunny já tinha feito muitas vezes com os dentes. Mas não havia um pedacinho de papel que fosse onde estivesse escrito “Snicket”. As crianças suspiraram, desapontadas, e fecharam a gaveta do arquivo de aço para que Klaus pudesse trancá-lo de volta.

“Vamos tentar o corredor J, de ‘Jacques’“, sugeriu Violet.

“Shh”, disse Sunny.

“Não, Sunny”, disse Klaus suavemente. “Não creio que H seja uma boa tentativa. Por que Hal haveria de arquivar isso em H?”

“Shh”, insistiu Sunny, apontando para a porta, e seus irmãos perceberam instantaneamente que a tinham entendido mal. Normalmente, quando Sunny dizia “Shh”, queria dizer alguma coisa na linha de: “Acho que o corredor H poderia ser um bom lugar para procurar essa pasta”, mas desta vez ela queria dizer uma coisa mais na linha de: “Fiquem quietos! Acho que ouvi alguém entrando na ante-sala da Biblioteca de Registros”. E realmente, quando os Baudelaire prestaram atenção, puderam ouvir as batidas de passos estranhos, claudicantes, como se alguém estivesse andando em cima de pernas de pau muito finas. Os passos foram chegando cada vez mais perto, e depois pararam; e enquanto as três crianças prendiam a respiração, a porta da biblioteca chacoalhou, como se alguém estivesse tentando abri-la.

“Talvez seja Hal”, sussurrou Violet, “tentando destrancar a porta com um clipe de papel.”

“Talvez seja Mattathias”, sussurrou Klaus, “procurando por nós.”

“Zelador”, sussurrou Sunny.

“Bem, quem quer que seja”, disse Violet, “é melhor irmos depressa para o corredor J.”

Os Baudelaire atravessaram a sala na ponta dos pés até o corredor J e desceram por ele rapidamente, lendo as etiquetas dos arquivos de aço.

“Jabaculê a Jaburu.”

“Jaca-do-Pará a Jack-in-the-box.”

“Nersai.”

“É isso!”, sussurrou Klaus. “‘Jacques’ vai estar entre ‘jackline e ‘jacutinga’.”

“Assim esperamos”, disse Violet, quando a porta chacoalhou de novo. Klaus apressou-se em encontrar a chave certa e as crianças abriram a gaveta de cima para procurar Jacques. Como Violet sabia, jackline é uma espécie de corda usada para velejar, e como Klaus sabia, jacutinga é um tipo de minério de ferro aurífero encontrado no Brasil, e mais uma vez havia uma grande quantidade de pastas entre essas duas, porém embora as crianças tivessem encontrado informações sobre Jack-in-the-box, ter-riers Jack Russel e drama jacobino, não havia nenhuma pasta intitulada “Jacques”.

“Fogo!”, sussurrou Klaus, fechando e trancando o arquivo. “Vamos para o corredor F.”

“E depressa”, disse Violet. “Parece que a pessoa na ante-sala está tentando forçar a fechadura.”

Era verdade. Os Baudelaire pararam por um momento e ouviram um som rascante e abafado atrás da porta, como se alguma coisa comprida e fina estivesse sendo enfiada no buraco da fechadura para tentar destravá-la. Violet sabia, desde a época em que ela e os irmãos moraram com o tio Monty, que uma gazua pode levar um bom tempo para funcionar direito, mesmo que tenha sido feita por uma das maiores inventoras do mundo, mas mesmo assim as crianças foram até o corredor F o mais depressa que as pontas dos seus pés podiam carregá-las.

“Fabiano a Fagócito.”

“Faina a Fanho.”

“Fatalismo a Faulkner.”

“Fealdade a Fermat.”

“Fícus a Filustria.”

“Fin de siècle a Frufru. Aqui está!”

Mais uma vez, os Baudelaire se apressaram a encontrar a chave certa, depois a gaveta certa e depois a pasta certa. “Fin de siècle” é uma expressão que se usa para designar uma época na história em que um século está se aproximando do seu fim, e “frufru” é uma palavra fora de moda para um ruído farfalhante, como o que continuava vindo da porta trancada enquanto

as crianças procuravam freneticamente por “fogo”. Mas os documentos pulavam direto de “fofoca” para “foice”, sem uma única palavra sobre fogo entre eles.

“O que vamos fazer?”, perguntou Violet quando a porta começou a chacoalhar de novo. “Onde mais poderia estar a pasta?”

“Vamos tentar pensar”, disse Klaus. “O que disse Hal sobre a pasta? Sabemos que tem a ver com Jacques Snicket e com fogo.”

“Prem!”, disse Sunny, o que queria dizer: “Mas nós já procuramos em ‘Snicket’, ‘Jacques’ e ‘fogo’“.

“Tem de haver mais alguma coisa”, disse Violet. “Temos de encontrar essa pasta. Ela contém informações cruciais sobre Jacques Snicket e os C.S.C.”

“E sobre nós”, disse Klaus. “Não se esqueça disso.”

As três crianças se entreolharam.

“Baudelaire!”, sussurrou Sunny.

Sem mais palavra, os órfãos dispararam para o corredor B, passaram chispando por Babbit a Babilônia, Bactéria a Balé e Bambu a Baskerville, e pararam em Bat mitzvah a Bávaro, Creme. Enquanto a porta continuava com o seu frufru atrás deles, Klaus experimentou nove chaves, uma atrás da outra, antes de conseguir, por fim, abrir o arquivo, e lá, entre o rito de passagem judaico para jovens mulheres e o delicioso recheio de certos pães doces, as crianças encontraram uma pasta intitulada “Baudelaire”.

“Está aqui”, disse Klaus, tirando-a da gaveta com as mãos trêmulas.

“O que diz aí? O que diz aí?”, perguntou Violet, excitada.

“Olhe”, disse Klaus. “Tem uma mensagem em cima.”

“Ler!”, disse Sunny num sussurro desesperado, quando a porta começou a ser sacudida violentamente nas dobradiças. Quem quer que estivesse do outro lado da porta estava obviamente ficando frustrado com as suas tentativas de forçar a fechadura.

Klaus ergueu a pasta para poder ver, à luz pálida da sala, o que estava escrito na mensagem.

“‘Todas as treze páginas do dossiê Snicket’“, leu ele, “‘foram removidas da Biblioteca de Registros para investigação oficial’“. Ele ergueu os olhos para as irmãs, e elas puderam ver que, por trás dos óculos, seus olhos estavam se enchendo de lágrimas. “Deve ter sido quando Hal viu a nossa fotografia”, disse ele. “Quando ele removeu o dossiê e o entregou aos

investigadores oficiais.” Ele deixou a pasta cair no chão e sentou-se ao lado dela, em desespero. “Não há nada aqui.”

“Sim, há sim!”, disse Violet. “Olhe!”

Os Baudelaire olharam para a pasta, no lugar onde Klaus a deixara cair no chão. Lá, atrás da mensagem, havia uma única folha de papel.

“É a página treze”, disse Violet, olhando para o número datilografado no canto do papel. “Os investigadores devem tê-la deixado aí por engano.”

“É por isso que é preciso manter os clipes nos papéis que devem permanecer juntos”, disse Klaus, “até mesmo quando você os arquiva. Mas o que diz essa página?”

Com um prolongado cráááác! e um estrondoso bum!, a porta da Biblioteca de Registros foi arrancada das dobradiças e caiu no chão da enorme sala, como se tivesse desmaiado. Mas as crianças não prestaram atenção. Violet, Klaus e Sunny permaneceram sentados, olhando para a página treze do dossiê, surpresos demais até para ouvir os estranhos passos claudicantes do intruso que entrou na sala e começou a andar pelos corredores de arquivos de aço.

A página treze do dossiê Baudelaire não era uma folha de papel totalmente preenchida. Havia apenas uma fotografia grampeada, abaixo de uma frase em letra de imprensa. Mas às vezes é preciso apenas uma fotografia e uma frase para fazer um autor chorar até dormir, mesmo anos depois que a fotografia foi tirada, ou para fazer três irmãos ficarem sentados olhando para uma página por um longo tempo, como se um livro inteiro tivesse sido impresso em uma única folha de papel.

Havia quatro pessoas em pé na fotografia, juntas, do lado de fora de um edifício que os Baudelaire reconheceram imediatamente. Era a Avenida Sombria 667, onde eles tinham morado com Jerome e Esmé Squalor por um breve período, até o prédio se transformar em um lugar traiçoeiro demais para as crianças ficarem. A primeira pessoa na fotografia era Jacques Snicket, olhando para o fotógrafo e sorrindo. Ao lado de Jacques, aparecia um homem que não estava de frente para a câmara, e as crianças não podiam ver seu rosto, apenas uma das mãos, que segurava um caderno e uma caneta, como se o homem escondido fosse algum tipo de escritor. As crianças nunca mais tinham visto Jacques Snicket depois que ele fora assassinado, é claro, e o escritor parecia ser alguém que elas nunca tinham visto mesmo. Mas ao lado dessas duas pessoas havia outras duas que as

crianças Baudelaire pensavam que nunca mais veriam de novo. Embrulhados em casacos compridos, parecendo estar com frio, porém felizes, estavam os pais dos Baudelaire. “Devido às evidências discutidas na página nove”, dizia a frase acima da fotografia, “os peritos agora suspeitam que possa haver de fato um sobrevivente do incêndio, mas seu paradeiro é desconhecido.”



CAPÍTULO SETE

“Nunca pensei que iria viver para ver este dia”, disse Violet, e deu mais uma olhada na página treze do dossiê. Os Baudelaire pais olharam de volta para ela e, por um momento, lhe pareceu que seu pai ia sair da fotografia e dizer: “Mas é você, Ed. Por onde tem andado?”. Ed era a forma abreviada de Thomas Alva Edison, um dos maiores inventores de todos os tempos, e era um apelido especial usado somente pelo pai de Violet, mas o homem na fotografia não se mexeu, é claro, apenas continuou sorrindo na frente do prédio da Avenida Sombria 667.

“Nem eu”, disse Klaus. “Nunca pensei que voltaríamos a ver nossos pais.” O Baudelaire do meio olhou para o casaco da mãe, que tinha um bolso secreto do lado de dentro. No bolso secreto, ela muitas vezes guardava um pequeno dicionário de bolso, ao qual recorria sempre que encontrava uma palavra que não conhecia. Já que Klaus estava tão interessado em leitura, ela prometera que, um dia, iria lhe dar o dicionário de presente, e agora lhe parecia que a sua mãe estava prestes a enfiar a mão

dentro do casaco, pegar o pequeno livro encadernado em couro e colocá-lo na sua mão.

"Nem eu", disse Sunny. Ela olhou para o sorriso dos pais e de repente se lembrou, pela primeira vez desde o incêndio, de uma canção que a mãe e o pai costumavam cantar juntos, quando estava na hora de Sunny ir para a cama. A canção se chamava "O menino açougueiro", e os Baudelaire pais se revezavam cantando as estrofes; a mãe em sua voz velada e aguda, e o pai na sua, que era grave e profunda qual sirene de nevoeiro. "O menino açougueiro" era o modo perfeito de Sunny encerrar o dia, segura e aconchegada no berço dos Baudelaire.

"Esta fotografia deve ter sido tirada há muito tempo", disse Violet. "Vejam como eles parecem muito mais jovens. Não estavam nem usando aliança."

"'Devido às evidências discutidas na página nove'", disse Klaus, lendo a frase datilografada acima da fotografia, "'os peritos agora suspeitam que possa haver de fato um sobrevivente do incêndio, mas seu paradeiro é desconhecido'". Ele parou e olhou para as irmãs. "O que significa isso?", disse ele em uma voz muito baixa. "Significa que um dos nossos pais ainda está vivo?"

"Bem, bem, bem", disse uma voz familiar e zombeteira, e as crianças ouviram os passos estranhos e claudicantes vindo diretamente em sua direção. "Vejam só o que temos aqui".

Os órfãos Baudelaire tinham ficado tão chocados com o que descobriram que se esqueceram da pessoa que estava invadindo a Biblioteca de Registros, e agora, olhando para cima, eles viram uma figura alta e muito magra descendo o corredor B PONTO. Era uma pessoa que tinham visto recentemente, e que esperavam nunca ver de novo. Há muitas maneiras diferentes de descrever essa pessoa, inclusive "a namorada do conde Olaf", "a ex-tutora das crianças Baudelaire", "a sexta consultora financeira mais importante da cidade", "uma ex-residente da Avenida Sombria 667", e diversas frases repulsivas demais para se colocar em um livro. Mas o nome que ela preferia era o que saiu como um rosnido da sua boca cheia de batom.

"Eu sou Esmé Gigi Geniveve Squalor", disse Esmé Gigi Geniveve Squalor, como se os Baudelaire pudessem algum dia esquecê-la, por mais que se esforçassem. Ela parou de andar e plantou-se na frente dos

Baudelaire, que viram imediatamente a razão por que os seus passos eram tão estranhos e claudicantes. Pois, desde a primeira vez que as crianças a viram, Esmé Squalor era uma vítima da moda, uma expressão que aqui significa "vestida em trajes incrivelmente caros e, com muita freqüência, incrivelmente absurdos". Esta noite ela estava usando um casaco comprido feito com as peles de diversos animais, os quais tinham sido mortos de maneiras especialmente desagradáveis, e carregava uma bolsa com a forma de um olho, exatamente como a tatuagem que o seu namorado tinha no tornozelo esquerdo. Na cabeça, tinha um chapéu com um pequeno véu pendurado na frente da cara, como se ela tivesse assoado o nariz com um lenço preto de renda e depois esquecido de tirá-lo de lá, e nos pés trazia um par de sapatos com saltos de estilete. Um estilete é uma faca pequena e fina, parecida com um punhal, como a que poderia ser usada por um artista de circo ou por um assassino, e a palavra "estilete" já foi usada para descrever um sapato de mulher com salto muito comprido e fino. Neste caso, no entanto, a expressão "sapatos com saltos de estilete" se refere realmente a um par de sapatos feitos com uma faca pequena e fina no lugar de cada salto. Como os estiletes estavam apontados diretamente para baixo, Esmé apunhalava ferozmente o assoalho da Biblioteca de Registros a cada passo que dava e, de vez em quando, os estiletes ficavam presos e a perversa mulher tinha de parar para arrancá-los do assoalho, o que explicava por que os seus passos eram tão estranhos e claudicantes. Acontece que aqueles sapatos eram a ultimíssima moda, mas os Baudelaire tinham coisas mais importantes para fazer em vez de folhear revistas que descrevem o que é in e o que é out, portanto só podiam olhar para os sapatos de Esmé perguntando-se por que ela estava usando calçados tão violentos e pouco práticos.

"Esta é uma agradável surpresa", disse Esmé. "Olaf me pediu para invadir isto aqui e destruir o dossiê Baudelaire, mas agora podemos destruir os próprios Baudelaire também."

As crianças se entreolharam, chocadas.

"Você e Olaf sabem do dossiê?", perguntou Violet.

Esmé riu de um jeito especialmente revoltante e, por trás do véu, abriu um sorriso especialmente revoltante.

"É claro que sabemos", rosnou ela. "É por isso que estou aqui. Para destruir todas as treze páginas." Ela deu um passo estranho e claudicante na

direção dos Baudelaire. “É por isso que destruímos Jacques Snicket.” Ela apunhalou mais um passo no assoalho do corredor. “E é por isso que vamos destruir vocês.” Ela baixou os olhos para o sapato e sacudiu o pé furiosamente para arrancar a lâmina do assoalho da biblioteca. “O Hospital Heimlich está prestes a receber três novos pacientes”, disse ela, “mas receio que seja tarde demais para qualquer médico salvar as suas vidas.”

Klaus pôs-se em pé e acompanhou as irmãs quando começaram a se afastar passo a passo da escrava da moda que se movia lentamente na direção deles.

“Quem sobreviveu ao incêndio?”, perguntou ele a Esmé, erguendo a página do dossiê. “Um dos nossos pais está vivo?”

Esmé fechou a cara e claudicou em cima dos seus saltos de estilete, tentando agarrar a folha de papel.

“Vocês leram o dossiê?’, perguntou ela, com uma voz terrível. “O que diz o dossiê?’

“Você nunca vai descobrir!”, gritou Violet, e voltou-se para os irmãos. “Corram!”

Os Baudelaire dispararam pelo corredor abaixo, passando o resto dos arquivos B, dando a volta no canto do arquivo de aço identificado como “Birosca a Bizantino” e dobrando novamente na seção da biblioteca onde eram arquivadas todas as pastas C.

“Estamos correndo na direção errada”, disse Klaus.

“Egresso”, concordou Sunny, o que queria dizer algo na linha de: “Klaus está certo, a saída fica do outro lado”.

“Esmé também”, retrucou Violet. “De algum modo, temos de contorná-la.”

“Eu vou pegar vocês!”, gritou Esmé, a voz chegando por cima dos arquivos de aço. “Vocês nunca escaparão, órfãos!”

Os Baudelaire pararam na frente do arquivo “Concha a Condy, fluido de”, que são respectivamente o invólucro calcário dos moluscos e um composto químico complexo, e ficaram ouvindo o estardalhaço dos saltos de Esmé em sua perseguição.

“Nossa sorte é que ela está usando aqueles sapatos ridículos”, disse Klaus. “Podemos correr muito mais depressa que ela.”

“Enquanto não lhe ocorre tirá-los”, disse Violet. “Ela é quase tão esperta quanto gananciosa.”

“Shh!”, disse Sunny, e os Baudelaire ouviram quando os passos de Esmé pararam abruptamente. As crianças se amontoaram assustadas ao ouvir a namorada de Olaf resmungar um momento consigo mesma, e então os três jovens começaram a ouvir uma aterrorizante seqüência de sons. Houve um longo e estridente crééééc, depois um ribombante bum!, depois outro longo e estridente crééééc, e outro ribombante bum!, e o par de sons continuou, cada vez mais alto. Os jovens se entreolharam confusos e então, em cima da hora, a mais velha dos Baudelaire se deu conta do que era aquele som.

“Ela está derrubando os arquivos de aço!”, gritou Violet, apontando por cima de Confete a Consagração. “Eles estão caindo como dominós!”

Klaus e Sunny olharam na direção que Violet estava apontando e viram que ela estava certa. Esmé tinha empurrado um arquivo de aço, o qual tinha empurrado outro, e agora os pesados arquivos de aço estavam despencando na direção das crianças, como uma onda quebrando na praia. Violet agarrou os irmãos e puxou-os para fora do caminho de um arquivo de aço que despencava. Com um crééééc e um bum! o arquivo tombou no chão, bem no lugar onde eles estavam. As três crianças soltaram um suspiro de alívio depois que escaparam por um triz de ser esmagadas debaixo das pastas sobre congruentes, triângulos; coníferas, árvores; conjugados, verbos; e duzentos outros tópicos.

“Vou achatar vocês!”, bradou Esmé, começando a derrubar mais uma fileira de arquivos de aço. “Olaf e eu vamos ter um café-da-manhã romântico com panquecas de Baudelaire!”

“Corram!”, gritou Sunny, mas seus irmãos não precisavam de incentivo. As três crianças saíram correndo pelo resto do corredor C, enquanto os arquivos de aço faziam crééééc e bum! por todos os lados.

“Aonde vamos?”, gritou Violet.

“Ao corredor D!”, respondeu Klaus, mas mudou de idéia quando viu mais uma fileira de arquivos começar a tombar. “Não! O corredor E!”

“B?”, perguntou Violet, achando difícil ouvir por cima do barulho dos arquivos.

“E!”, gritou Klaus. “E de ‘escapar’!”

Os Baudelaire dispararam por E de “escapar”, mas quando chegaram ao último arquivo, a fileira estava se transformando em F de “fatídica queda dos arquivos”, G de “gente, pro outro lado!”, e H de “hora de dar o fora

daqui!”. Em pouco tempo, as crianças se viram tão longe da porta da ante-sala quanto seria possível estar. Enquanto os arquivos de aço vinham abaixo por toda a volta e Esmé cacarejava freneticamente, apunhalando o assoalho em perseguição, os três jovens foram parar na área da Biblioteca de Registros onde as informações eram depositadas. Com a sala rangendo e estalando, ao som de créééécc bum! por: todos os lados, os irmãos olharam primeiro para a cesta de papéis, depois para a tigela de clipes, depois para a boca da via de informações, e por fim uns para os outros.

“Violet”, disse Klaus, hesitante, “você acha que pode inventar alguma coisa que possa nos tirar daqui, feita com clipes e uma cesta?”

“Eu nem preciso”, disse Violet. “Aquela via de informações vai servir de saída.”

“Mas você não vai caber lá”, disse Klaus. “Eu mesmo não tenho certeza de conseguir.”

“Vocês jamais vão conseguir sair desta sala vivos, seus imbecis!”, gritou Esmé, dizendo uma palavra horrível com a sua voz horrível.

“Temos de tentar”, disse Violet. “Sunny, você primeiro.”

“Prapil”, disse Sunny sem muita certeza, mas foi primeiro, engatinhando com facilidade para dentro da via de informações e olhando através da escuridão para os seus irmãos lá fora.



“Agora você, Klaus”, disse Violet, e Klaus, tirando os óculos para não quebrar, foi atrás da irmã. Era bem apertado e foram necessárias algumas manobras, mas por fim o Baudelaire do meio conseguiu atravessar a boca da via de informações.

“Isso não vai dar certo”, disse Klaus a Violet, olhando em volta. “A julgar pela inclinação, vai ser difícil se arrastar para cima. Além disso, você nunca vai conseguir passar por aqui.”

“Então vou encontrar um outro jeito”, disse Violet. Sua voz estava calma, mas Klaus e Sunny podiam ver, através do buraco na parede, que seus olhos estavam arregalados de medo.

“Isso está fora de questão”, disse Klaus. “Vamos voltar e nós três escaparemos juntos.”

“Não podemos arriscar”, disse Violet. “Esmé não vai conseguir agarrar todos nós, não se nos separarmos. Vocês dois pegam a página treze e sobem pela via de informações, enquanto eu saio de algum outro modo. Nos encontramos na ala inacabada.”

“Não!”, gritou Sunny.

“Sunny está certa”, disse Klaus. “Foi isso que aconteceu com os Quagmire, está lembrada? Quando os deixamos para trás, eles foram capturados.”

“Os Quagmire estão seguros agora”, lembrou Violet. “Não se preocupem, vou inventar uma solução.”

A mais velha dos Baudelaire deu um sorrisinho para os irmãos e enfiou a mão no bolso, procurando a fita para amarrar os cabelos e pôr as alavancas e engrenagens do seu cérebro inventivo em movimento. Mas não havia fita no seu bolso. Enquanto os dedos trêmulos exploravam o bolso, ela lembrou-se de ter usado a fita para ludibriar Hal com um falso molho de chaves. Violet sentiu uma palpitação no estômago, mas não tinha tempo para se sentir mal com o ardil que usara. Com súbito horror, ouviu um crééééc logo atrás dela e pulou fora bem a tempo de escapar do bum! Um arquivo de aço com a etiqueta “Lingüística a Lions” caiu contra a parede, bloqueando a boca da via de informações.

“Violet!”, gritou Sunny. Ela e o irmão tentaram empurrar o arquivo para o lado, mas a força de um menino de treze anos e sua irmãzinha não eram páreo para uma caixa de aço contendo pastas sobre tudo, desde

história da linguagem até um grande felino carnívoro encontrado na África subsaariana e partes da Índia.

"Eu estou bem", Violet gritou de volta.

"Não, não está, não por muito tempo!", rosnou Esmé, a uns poucos corredores de distância.

Sentados no escuro, Klaus e Sunny ouviram a voz abafada da irmã falando com eles.

"Deixem-me aqui!", ela insistiu. "Vou me encontrar com vocês no nosso imundo, frio e inadequado lar."

Os dois Baudelaire mais jovens se abraçaram na entrada da via de informações, mas é inútil eu descrever para vocês como eles estavam desesperados e aterrorizados. Não há razão para descrever como foi horrível ouvir os passos frenéticos de Violet atravessando a Biblioteca de Registros, e os passos claudicantes de Esmé enquanto a perseguia em cima dos seus saltos de estilete, com arquivos de aço fazendo crééééc e bum! a cada apunhalante passo. É desnecessário descrever a espremida e difícil jornada de Klaus e Sunny subindo pela via de informações, que era tão íngreme que os dois órfãos se sentiram como se estivessem escalando uma grande montanha coberta de gelo, em vez de uma passagem razoavelmente curta, usada para depositar informações. É ineficaz descrever como as duas crianças se sentiram quando finalmente chegaram ao fim da via de informações, que era um outro buraco, aberto na parede externa do Hospital Heimlich, e descobriram que Hal tinha razão quando disse que aquela seria uma noite especialmente fria. E é absolutamente fútil, uma palavra que aqui significa "inútil, desnecessário e ineficaz porque não existe razão para isso", descrever como eles se sentiram quando ficaram sentados na seção semi-acabada do hospital, enrolados em lonas para se manter aquecidos e com lanternas acesas em volta para lhes fazer companhia, esperando Violet aparecer, porque Klaus e Sunny Baudelaire não estavam pensando nessas coisas.

Os dois Baudelaire mais jovens ficaram sentados muito juntos, segurando a página treze do dossiê Baudelaire, enquanto ia ficando cada vez mais tarde da noite, mas eles não estavam pensando nos ruídos que ouviam, vindos da Biblioteca de Registros, nem na jornada pela via de informações acima, e nem mesmo sobre a brisa gélida que soprava através das folhas de plástico, deixando os Baudelaire enregelados até os ossos.

Klaus e Sunny estavam pensando no que Violet havia dito ao ver o pedaço de papel que estavam segurando agora.

"Nunca pensei que fosse viver para ver este dia", dissera Violet, e os seus dois irmãos sabiam que aquela frase era apenas mais uma maneira de dizer: "Estou muito surpresa", ou: "Estou completamente estupefata", ou: "Estou inacreditavelmente chocada". Mas agora, enquanto os dois Baudelaire aguardavam cada vez mais ansiosos pela irmã, Klaus e Sunny começaram a ficar com medo de que a frase usada por Violet tivesse sido mais apropriada do que ela jamais poderia adivinhar.

E à medida que os primeiros raios pálidos do sol da manhã começavam a brilhar sobre a metade inacabada do hospital, os Baudelaire iam ficando cada vez com mais medo de que sua irmã não fosse viver para ver aquele dia.



CAPÍTULO OITO

Hoje, o Hospital Heimlich não existe mais, e provavelmente jamais será reconstruído. Se você quer visitá-lo, tem de convencer um fazendeiro a lhe emprestar a sua mula, pois ninguém nas redondezas está disposto a ultrapassar vinte quilômetros de distância das suas ruínas, e depois que você chega lá, vê que dificilmente poderia censurá-los por isso. Os poucos pedaços do edifício que sobreviveram estão recobertos por uma variedade espessa e espinhenta de hera chamada kudzu, que torna difícil ver qual era a aparência do hospital quando os Baudelaire chegaram pela primeira vez na perua dos C.S.C. Os mapas confusos foram roídos das paredes das escadarias bambas, portanto é muito difícil imaginar como foi problemático encontrar o caminho entre todas as áreas do edifício. E o sistema de intercomunicação há muito se esfacelara, restando apenas um punhado de alto-falantes quadrados, jogados no meio do entulho cinzento, portanto é impossível imaginar como foi desalentador quando Klaus e Sunny ouviram a última comunicação de Mattathias.

"Atenção!", anunciou Mattathias. Não havia alto-falantes de intercomunicador instalados na metade inacabada do hospital, portanto os dois Baudelaire mais jovens tiveram de prestar muita atenção para ouvir a voz rascante do seu inimigo, saída de um dos alto-falantes externos.

“Atenção! Atenção! Aqui é Mattathias, o diretor de Recursos Humanos. Estou cancelando o resto das inspeções do hospital. Já descobrimos o que estávamos procurando.” Houve uma pausa quando Mattathias se afastou do microfone e, aguçando muito os ouvidos, Klaus e Sunny conseguiram ouvir, bem fraquinho, o ruído da risada triunfante e esganiçada do diretor de Recursos Humanos.

“Desculpem”, continuou ele depois que passou o ataque de riso. “Continuando: por favor fiquem sabendo que dois dos três assassinos Baudelaire, Klaus e Sun... quero dizer, Klyde e Susie Baudelaire, foram localizados no hospital. Se vocês virem qualquer criança que reconheçam pelas fotografias publicadas n’O Pundonor Diário, capturem-na por favor e notifiquem a polícia.” Mattathias parou de falar e começou a dar risadinhas de novo, até que as crianças ouviram a voz de Esmé Squalor sussurrando: “Querido, você esqueceu de desligar o intercomunicador”. Então houve um dic! e tudo ficou em silêncio.

“Eles a pegaram”, disse Klaus. Agora que o sol tinha nascido, já não estava tão frio na seção inacabada do hospital, mas o Baudelaire do meio tremia assim mesmo.

“Isso é o que Mattathias queria dizer quando disse que eles tinham encontrado o que estavam procurando.”

“Perigo”, disse Sunny, soturna.

“Sim, certamente Violet corre perigo”, disse Klaus. “Temos de salvá-la antes que seja tarde demais.”

“Virm”, disse Sunny, o que queria dizer: “Mas nós não sabemos onde ela está”.

“Deve estar em algum lugar do hospital”, disse Klaus, “se não estivesse, Mattathias não estaria aqui ainda. Ele e Esmé provavelmente esperam nos capturar também.”

“Rance”, disse Sunny.

“E o dossiê”, concordou Klaus, tirando do bolso a página treze, que estava guardada ali para maior segurança, juntamente com os fragmentos dos cadernos dos Quagmire. “Vamos, Sunny. Temos de encontrar a nossa irmã e tirá-la de lá.”

“Lindersto”, disse Sunny. Ela queria dizer: “Isto vai ser duro. Vamos ter de perambular em volta do hospital procurando por ela, enquanto outras pessoas vão perambular em volta do hospital procurando por nós”.

“Eu sei”, disse Klaus, taciturno. “Se alguém nos reconhecer d’O Pundonor Diário, estaremos na cadeia antes de poder ajudar Violet.”

“Disfarce?”, disse Sunny.

“Não sei como”, disse Klaus, correndo os olhos pela sala semi-acabada. “Tudo o que temos aqui são algumas lanternas e uns pedaços de lona. Imagino que se nos enrolarmos nas lonas e pusermos as lanternas em cima da cabeça, poderemos tentar nos disfarçar de pilhas de materiais de construção.”

“Guidust”, disse Sunny, o que queria dizer: “Mas pilhas de materiais de construção não perambulam em volta de hospitais”.

“Então teremos de entrar no hospital sem disfarce”, disse Klaus. “Apenas teremos de ser extracautelosos.”

Sunny assentiu enfaticamente, uma palavra que aqui significa “como se ela achasse que ser extracautelosos era um plano muito bom”, e Klaus assentiu enfaticamente em resposta. Mas quando deixaram a ala semi-acabada do hospital, as duas crianças começaram a se sentir cada vez menos enfáticas sobre o que estavam fazendo. Desde aquele dia terrível na praia, quando o sr. Poe trouxe a notícia do incêndio, todos os três Baudelaire estavam sendo extracautelosos o tempo todo. Tinham sido extracautelosos quando moraram com o conde Olaf, e mesmo assim Sunny acabara indo parar em uma gaiola pendurada do lado de fora da torre de Olaf. Tinham sido extracautelosos quando trabalharam na Serraria Alto-Astral, e mesmo assim Klaus acabara sendo hipnotizado pelo dr. Orwell. E agora os Baudelaire tinham sido tão cautelosos quanto era possível ser, mas o hospital revelara ser um ambiente tão hostil quanto qualquer outro lugar onde as três crianças já tivessem morado. Mas assim que Klaus e Sunny entraram na metade acabada do Hospital Heimlich, os pés se mexendo cada vez menos enfaticamente e os corações batendo cada vez mais depressa, eles ouviram uma coisa que apaziguou os seus peitos selvagens:

Somos os alegres Combatentes
Pela Saúde do Cidadão,
Se alguém dissesse que somos tristes,
Não teria por certo razão.

Logo ali, dobrando a esquina, vinham caminhando os Combatentes pela Saúde do Cidadão, cantando a sua alegre cantiga e carregando enormes buquês de balões em forma de coração. Klaus e Sunny se entreolharam e saíram correndo para alcançar o grupo. Que lugar melhor para se esconder do que no meio de pessoas que acreditavam que a falta de notícias é uma boa notícia e, por isso, não liam o jornal?

Visitamos pessoas doentes, E tentamos fazê-las sorrir, Mesmo quando o seu nariz sangra, Quando expelem bílis ao tossir.

Para alívio das crianças, os voluntários não prestaram atenção quando Klaus e Sunny se infiltraram no grupo, uma frase que aqui significa "entraram sorrateiramente no meio da multidão que cantava". Uma cantora especialmente alegre, pelo jeito, foi a única pessoa que os notou, e ela imediatamente entregou um balão a cada recém-chegado. Klaus e Sunny seguraram seus balões na frente do rosto, para que todos os que passassem vissem dois voluntários com lustrosos corações cheios de hélio, em vez de dois criminosos se escondendo no meio de C.S.C.

Tra-la-lá, qui-qui-qui,
Quero que fique logo são.
Ho-ho-ho, hi-hi-hi,
Pegue um balão de coração.

Quando os voluntários chegaram ao refrão, eles marcharam para dentro de um quarto do hospital para começar a transmitir uma atitude de alegria aos pacientes. Dentro do quarto, cada qual desconfortavelmente deitado em uma cama metálica, estavam um homem com as duas pernas engessadas e uma mulher com os dois braços recobertos de ataduras. Ainda cantando, um voluntário C.S.C. entregou um balão ao homem e amarrou outro no gesso da mulher, já que ela não podia segurá-lo com os braços quebrados.

"Com licença", disse o homem com a voz rouca, "poderia por favor chamar uma enfermeira para mim? Eu devia ter tomado alguns analgésicos esta manhã, mas não veio ninguém para me dar."

"E eu queria um copo dágua", disse a mulher com a voz débil, "se não for muito incômodo."

“Desculpem”, respondeu o homem barbudo, fazendo uma pequena pausa para afinar o seu violão. “Nós não temos tempo para fazer esse tipo de coisa. Temos de visitar todos os quartos deste hospital, sem exceção, portanto precisamos andar depressa.”

“Além disso”, disse outro voluntário com um largo sorriso para os dois pacientes, “uma atitude de alegria é mais eficaz do que analgésicos ou um copo d’água para combater a doença. Portanto alegrem-se e divirtam-se com os seus balões.” O voluntário consultou uma lista que tinha na mão. “O próximo paciente da lista é um homem chamado Bernard Rieux, no quarto 105 da Ala da Peste. Venham, irmãos e irmãs.”

Os voluntários C.S.C aplaudiram e continuaram a canção ao sair do quarto. Klaus e Sunny espiaram por trás dos balões que seguravam e se entreolharam, esperançosos.

“Se visitarmos todos os quartos do hospital, sem exceção”, sussurrou Klaus para a irmã, “certamente encontraremos Violet.”

“Muchulm”, disse Sunny, o que queria dizer: “Concordo, mas não vai ser agradável ver toda essa gente doente”.

Visitamos pessoas doentes,
Para fazê-las dar gargalhadas
Mesmo quando o médico lhes diz
Que logo em duas serão serradas.

Revelou-se que Bernard Rieux era um homem que sofria de uma horrível tosse seca que lhe sacudia tanto o corpo que ele mal conseguia segurar o seu balão, e as duas crianças Baudelaire acharam que um bom vaporizador teria sido um modo mais eficaz de combater a doença do que uma atitude de alegria. Enquanto os voluntários C.S.C. abafavam o som da tosse dele com mais uma estrofe da canção, Klaus e Sunny se sentiram tentados a sair correndo, encontrar um vaporizador e trazê-lo para o quarto de Bernard Rieux, mas eles sabiam que Violet estava correndo um perigo muito maior do que uma pessoa com tosse, portanto permaneceram escondidos no grupo.

Cantamos, dançamos noite e dia,
E bom demais quando a gente canta

Pra meninos de ossos quebrados
E meninas com dor de garganta.

O próximo paciente da lista era Cynthia Vane, uma mulher jovem com uma terrível dor de dente, que provavelmente preferiria alguma coisa fria e fácil de comer, em vez de um balão em forma de coração, mas por mais inflamada que parecesse a sua boca, as crianças não se atreveram a sair correndo para procurar purê de maçã ou sorvete para ela. Elas sabiam que era possível que a mulher tivesse lido 0 Pundonor Diário para matar o tempo no quarto do hospital, e poderia reconhecê-las se mostrassem seus rostos.

Tra-la-lá, qui-qui-qui,
Quero que fique logo são.
Ho-ho-ho, hi-hi-hi,
Pegue um balão de coração.

Sem parar, os voluntários seguiram marchando, e Klaus e Sunny marcharam com eles, porém a cada ho-ho-ho e hi-hi-hi, mais se desalentavam seus corações. Os dois Baudelaire acompanharam os voluntários C.S.C., subindo e descendo as escadarias do hospital, e muito embora vissem um grande número de mapas confusos, alto-falantes de intercomunicador e pessoas doentes, não viram nem sinal da irmã. Eles visitaram o quarto 201 e cantaram para Jonah Mapple, que estava sofrendo de enjôo de mar, e deram um balão em forma de coração a Charley Anderson, do quarto 714, que tinha se ferido em um acidente, e visitaram Clarissa Dalloway, que parecia não ter nada de errado mas ficava olhando tristemente pela janela do quarto 1308, porém em lugar nenhum, em qualquer dos quartos nos quais os voluntários entraram, estava Violet Baudelaire, que, temiam Klaus e Sunny, estava sofrendo mais do que qualquer dos outros pacientes.

"Ceyune", disse Sunny enquanto os voluntários subiam mais uma escadaria. Ela queria dizer alguma coisa na linha de: "Estivemos perambulando pelo hospital a manhã inteira e não chegamos mais perto de resgatar a nossa irmã", e Klaus assentiu soturnamente.

“Eu sei”, disse Klaus, “mas os voluntários C.S.C. vão visitar cada pessoa internada no Hospital Heim-lich, sem exceção. Com certeza acabaremos encontrando Violet.”

“Atenção! Atenção!”, anunciou uma voz, e os voluntários pararam de cantar e se reuniram em volta do alto-falante de intercomunicador mais próximo para ouvir o que Mattathias tinha a dizer. “Atenção!”, disse Mattathias. “Hoje é um dia muito importante na história do hospital. Daqui a precisamente uma hora, um médico daqui irá realizar a primeira craniectomia do mundo em uma menina de catorze anos. Todos nós esperamos que essa operação, tão perigosa, seja um sucesso total. Isso é tudo.”

“Violet”, murmurou Sunny para o irmão.

“Também acho”, disse Klaus. “E não gostei de como soou aquela operação. ‘Crânio’ é ‘cabeça’, e ‘ectomia’ é um termo médico aplicado quando se remove alguma coisa.”

“Decap?”, perguntou Sunny em um cochicho horrorizado. Ela queria dizer alguma coisa como: “Você acha que eles vão cortar fora a cabeça de Violet?”.

“Não sei”, disse Klaus estremecendo, “mas não podemos mais continuar perambulando por aí com esses voluntários cantantes. Temos de encontrá-la imediatamente.”

“O.K.”, bradou um voluntário, consultando a lista. “A próxima paciente é Emma Bovary, no quarto 2611. É um caso de intoxicação alimentar, portanto precisa de uma atitude especialmente alegre.”

“Com licença, irmão”, disse Klaus ao voluntário, usando relutantemente o termo “irmão” em lugar de “pessoa que mal conheço”. “Eu estava me perguntando se poderia pedir emprestado a sua cópia da lista de pacientes.”

“É claro”, respondeu o voluntário. “De qualquer modo, não gosto de ler todos esses nomes de gente doente. É muito deprimente. Prefiro segurar balões.” Com um alegre sorriso, o voluntário entregou a Klaus a longa lista de pacientes e pegou o balão das mãos dele, enquanto o barbudo começava a estrofe seguinte da canção.

Cantamos pra homens com sarampo, E mulheres gripadas demais; Pra você, nós só vamos cantar Quando inalar micróbios letais.

Com a face exposta, Klaus teve de esquivar-se atrás do balão de Sunny, a fim de olhar a lista de pacientes do hospital.

“Há centenas de pessoas nesta lista”, disse ele à irmã, “e ela está organizada por ala, e não por nome. Não podemos ler isto aqui no corredor, especialmente precisando nos esconder atrás de um só balão para os dois.”

“Damajat”, disse Sunny, apontando o corredor. Com “Damajat”, ela queria dizer alguma coisa na linha de: “Vamos nos esconder naquele closet de suprimentos ali adiante”, e de fato havia uma porta que dizia “ Closet de suprimentos” no final do corredor, logo depois de dois médicos que tinham parado na frente de um dos mapas confusos para bater um papo. Quando os voluntários C.S.C. começaram a cantar o refrão da sua música, enquanto seguiam para o quarto de Emma Bovary, Klaus e Sunny se separaram dos voluntários e caminharam cautelosamente até o armário, segurando o balão do melhor jeito possível na frente de ambos os rostos. Por sorte, os dois médicos estavam ocupados demais, conversando sobre um evento esportivo que tinham assistido pela televisão, para reparar nos dois acusados de assassinato se esgueirando pelo corredor do hospital, e na hora em que os voluntários estavam cantando:

Tra-la-lá, qui-qui-qui,
Quero que fique logo são.
Ho-ho-ho, hi-hi-hi,
Pegue um balão de coração

Klaus e Sunny já estavam dentro do armário.

Como um sino de igreja, um caixão de defunto e um tonel de chocolate derretido, um closet de suprimentos dificilmente é um lugar confortável para se esconder, e aquele não era exceção. Quando fecharam a porta do closet, os dois Baudelaire mais jovens viram-se em uma salinha apertada, iluminada somente por uma lâmpada de luz vacilante pendurada no teto. Em uma parede, pendurados em ganchos, havia uma série de aventais brancos de médico, e na parede oposta havia uma pia enferrujada onde se podia lavar as mãos antes de examinar um paciente. O resto do closet estava cheio de enormes latas de sopa de letrinhas para o almoço dos pacientes, e caixinhas de elásticos, cuja utilidade em um hospital as crianças não eram capazes de imaginar.

“Bem”, disse Klaus, “isto não é confortável, mas pelo menos ninguém vai nos encontrar aqui.”

“Pesh”, disse Sunny, o que queria dizer algo como: “Pelo menos, até que alguém precise de elásticos, sopa de letrinhas, aventais brancos de médico, ou queira lavar as mãos”.

“Bem, vamos ficar com um olho na porta, para ver se entra alguém”, disse Klaus, “e com o outro olho nesta lista. É muito longa, mas agora que temos alguns momentos para examiná-la, devemos conseguir localizar o nome de Violet.”

Certo”, disse Sunny. Klaus pôs a lista em cima de uma lata de sopa e começou a folhear as páginas apressadamente. Como ele tinha notado, a lista de pacientes não estava organizada em ordem alfabética, mas por ala, uma palavra que aqui significa “seção específica do hospital”, portanto as duas crianças tinham de examinar cada página individualmente, esperando localizar o nome Violet Baudelaire entre os nomes datilografados de pessoas doentes. Mas enquanto eles corriam os olhos pela lista intitulada “Ala da Dor de Garganta”, examinavam os nomes na página “Ala do Pescoço Quebrado” e esquadrinhavam os nomes de todas as pessoas internadas na Ala para Pessoas com Brotoejas Graves, Klaus e Sunny se sentiram como se estivessem em uma Ala para Pessoas com Estômago Embrulhado, porque o nome de Violet não se encontrava em lugar nenhum. Enquanto a lâmpada bruxuleava acima deles, os dois Baudelaire procuraram freneticamente, em página após página da lista, algo que pudesse ajudá-los a localizar sua irmã, mas não encontraram nada.

“Ela não está aqui”, disse Klaus, pondo de lado a última página de “Ala da Pneumonia”. “O nome de Violet não está em lugar nenhum da lista. Como vamos encontrá-la neste hospital enorme, se não conseguimos descobrir nem em que ala ela está?”

“Codinome”, disse Sunny, o que queria dizer: “Talvez ela esteja listada sob um nome diferente”.

“É verdade”, disse Klaus, olhando de novo para a lista. “Afinal, o nome verdadeiro de Mattathias é conde Olaf. Talvez ele tenha inventado um novo nome para Violet, para que não pudéssemos salvá-la. Mas qual pessoa é realmente Violet? Poderia ser qualquer um, de Mikhail Bulgakov a Haruki Murakami. O que vamos fazer? Em algum lugar neste hospital eles estão se

preparando para realizar uma operação completamente desnecessária na nossa irmã, e nós...”

Klaus foi interrompido pelo som de risos estralejantes vindo de cima das cabeças dos Baudelaire. As duas crianças olharam para cima e viram que um alto-falante de intercomunicador tinha sido instalado no teto.

“Atenção!”, disse Mattathias, depois que acabou de rir. “Dr. Flacutono, por favor apresente-se à Ala Cirúrgica. Dr. Flacutono, por favor apresente-se à Ala Cirúrgica para os preparativos da craniectomia.”

“Flacutono!”, repetiu Sunny.

“Também reconheço esse nome”, disse Klaus. “É o nome falso usado pelo parceiro do conde Olaf quando morávamos em Paltryville.”

“Tiofreck!”, disse Sunny, alvoroçada. Ela queria dizer: “Violet está em grave perigo, temos de acha-la imediatamente”, mas Klaus não respondeu. Por trás dos óculos, seus olhos estavam semicerrados, como muitas vezes ficavam quando ele estava tentando se lembrar de algo que tinha lido.

“Flacutono”, murmurou ele baixinho. “Flac-u-to-no.” Ele então enfiou a mão no bolso, onde guardava todos os papéis importantes que os Baudelaire tinham juntado. “Al Funcoot”, disse ele, e pegou outra página dos cadernos dos Quagmire. Era a página que continha as palavras “Ana Grama” — um nome que não tinha feito nenhum sentido para os Baudelaire quando examinaram as páginas juntos. Klaus olhou para a página dos Quagmire, depois para a lista de pacientes, depois para a página de novo. Então ele olhou para Sunny, e ela pôde ver seus olhos se arregalarem atrás dos óculos, do modo como sempre faziam depois que ele lia alguma coisa muito difícil e finalmente entendia.

“Acho que sei como encontrar Violet”, disse Klaus lentamente, “mas vamos precisar dos seus dentes, Sunny.”

“Pronta”, disse Sunny, abrindo a boca.

Klaus sorriu e apontou para a pilha de latas no closet de suprimentos.

“Abra uma dessas latas de sopa de letrinhas”, disse ele, “e depressa.”



CAPÍTULO NOVE

“Recazier?”, perguntou Sunny estupefata. A palavra “estupefata” aqui significa “perguntando a si mesma por que diabos Klaus queria tomar sopa de letrinhas em um momento como aquele”, e “Recazier?” aqui significa “Klaus, por que diabos você quer tomar sopa de letrinhas em um momento como este?”

“Nós não vamos tomar a sopa”, disse Klaus passando uma das latas para Sunny. “Vamos despejar quase tudo na pia.”

“Pietrisycamollaviadelrechiotemexity”, disse Sunny, o que, como você provável- mente se recorda, significa alguma coisa na linha de: “Devo admitir que não tenho a mais pálida idéia do que está acontecendo”. Com essa, Sunny tinha dito isso três vezes no decorrer da sua vida, e estava começando a se perguntar se não era algo que ela iria dizer cada vez mais e mais, à medida que fosse ficando mais velha.

“Na última vez que você disse isso”, disse Klaus com um sorriso, “nós três estávamos tentando decifrar as páginas de caderno que os Quagmire deixaram para trás.” Ele segurou a página para que Sunny a visse e então apontou para as palavras “Ana Grama”. “Nós pensamos que este era o nome de alguém”, disse Klaus, “mas na verdade é uma espécie de código. Um anagrama é quando você mistura as letras de uma ou mais palavras para formar outra palavra ou palavras.”

“Ainda pietrisycamollaviadelrechiotemexity”, disse Sunny com um suspiro.

“Vou dar um exemplo”, disse Klaus. “É o exemplo que os Quagmire encontraram. Veja, na mesma página eles escreveram ‘Al Funcoot’. Este é o

nome do homem que escreveu O casamento maravilhoso, a peça horrorosa da qual o conde Olaf nos forçou a participar."

"Fu!", disse Sunny, o que queria dizer: "Nem me lembre disso!".

"Mas veja", disse Klaus. "'Al Funcoot' tem exatamente as mesmas letras que 'Count Olaf, que é 'conde Olaf em inglês. Olaf simplesmente reorganizou as letras do seu nome para esconder o fato de que foi ele quem realmente escreveu a peça sozinho. Percebe?"

"Phromein", disse Sunny, o que queria dizer algo como: "Acho que estou entendendo, mas é difícil para alguém tão jovem como eu".

"É difícil para mim também", disse Klaus. "É por isso que a sopa de letrinhas vai ser útil. O conde Olaf usa anagramas quando quer esconder alguma coisa, e neste momento ele está escondendo a nossa irmã. Aposto que ela está em algum lugar nesta lista, mas o nome dela foi embaralhado. A sopa vai ajudar a desembaralhar."

"Mas como?", perguntou Sunny.

"É difícil decifrar anagramas se você não tem como ir mudando as letras de lugar", disse Klaus. "Normalmente, cubos alfabéticos ou peças de jogo com letras seriam perfeitos, mas num aperto como este, o macarrão de letrinhas vai ter de servir. Agora abra uma lata de sopa, depressa."

Sunny arreganhou um sorriso mostrando todos os seus dentes afiadíssimos e depois jogou a cabeça para baixo, em cima da lata de sopa, lembrando-se do dia em que aprendera a abrir latas sozinha. Não fazia tanto tempo assim, embora tivesse a sensação de que havia sido em um passado muito distante, pois acontecera antes de a mansão Baudelaire ser destruída no incêndio, quando a família inteira estava reunida e feliz. Era o aniversário da mãe dos Baudelaire, e ela estava dormindo até mais tarde, enquanto todo mundo preparava um bolo para ela. Violet estava batendo os ovos, a manteiga e o açúcar com um dispositivo de bater ovos, manteiga e açúcar que ela mesma inventara. Klaus estava peneirando a farinha com a canela, parando a cada poucos minutos para limpar os óculos. E o pai dos Baudelaire estava fazendo o seu famoso glacê de requeijão cremoso, o qual seria espalhado numa camada espessa em cima do bolo. Tudo estava indo muito bem até o momento em que o abridor de latas elétrico quebrou, e Violet não tinha as ferramentas apropriadas para consertá-lo. O pai dos Baudelaire precisava desesperadamente abrir uma lata de leite condensado para fazer o seu glacê e, por um instante, pareceu que o bolo estava

arruinado. Mas Sunny, que estivera brincando em silêncio aquele tempo todo, disse a sua primeira palavra, “Morde”, e mordeu a lata, furando quatro buraquinhos para que o leite doce e espesso pudesse ser despejado. Os Baudelaire riram e aplaudiram, a mãe das crianças desceu as escadas, e daí em diante eles passaram a usar Sunny sempre que precisavam abrir latas de qualquer coisa, exceto beterrabas. Agora, enquanto ia mordendo ao longo da borda da lata de sopa de letrinhas, a mais jovem dos Baudelaire se perguntava se um de seus pais teria realmente sobrevivido ao incêndio, e se ela se atreveria a reavivar as esperanças só por causa de uma frase na página treze do dossiê Snicket. Sunny se perguntava se a família Baudelaire voltaria a se reunir algum dia, rindo, batendo palmas e trabalhando unida para fazer algo doce e delicioso.

“Feito”, disse Sunny por fim.

“Bom trabalho, Sunny”, disse Klaus. “Agora vamos tentar encontrar as letrinhas que formam o nome de Violet.”

“V?”, perguntou Sunny.

“Certo”, disse Klaus. “V-I-O-L-E-T-B-A-U-D-E-L-A-I-R-E.”

Os dois Baudelaire mais jovens enfiaram a mão na lata de sopa e começaram a remexer no meio dos cubinhos de cenoura, aipo picado, batatas escaldadas, pimentões assados e ervilhas no vapor, tudo isso dentro de um caldo rico e cremoso feito segundo uma receita secreta de ervas e especiarias, para encontrar os macarrõezinhos de que precisavam. A sopa estava fria de ficar tantos meses guardada no closet, e por isso, quando ocasionalmente eles achavam a letra certa, ela se desfazia em pedaços ou escapulia dos seus dedos melados de volta para a lata, mas até que não demorou tanto assim para que encontrassem um V, um I, um O, um L, um E, um T, um B, um A, um U, um D, um E, outro L, outro A, outro I, um R, e um pedaço de cenoura, que decidiram usar no lugar de um terceiro E, que não foi encontrado.

“Agora”, disse Klaus depois que eles espalharam todas as letras em cima de outra lata para que pudessem movimentá-las, “vamos dar mais uma olhada na lista de pacientes. Mattathias anunciou que a operação teria lugar na Ala Cirúrgica, portanto vamos olhar naquela parte da lista e tentar ver se algum nome parece promissor.”

Sunny despejou o resto da sopa na pia e assentiu. Klaus encontrou rapidamente a seção da Ala Cirúrgica na lista e leu os nomes dos pacientes:

LISA N. LOOTNDAY
ALBERT E. DEVILOEIA
LINDA RHALDEEN
ADA O. ÜBERVILLET
ED VALIANTBRUE
LAURA V. BLEEDIOTIE
MONTY KENSICLE
NED H. RIRGER
ERIQ BLUTHETTS
RUTH DÉRCROUMP
AL BRISNOW
CARRIE E. ABELABUDITE

"Céus!" disse Klaus. "Todos os pacientes desta lista têm nomes que parecem anagramas. De que jeito vamos conferir todos esses nomes antes que seja tarde demais?"

"V!", disse Sunny.

"Você tem razão", concordou Klaus. "Qualquer nome que não tenha um V, em algum lugar, não pode ser anagrama de 'Violet Baudelaire'. Podemos riscar esses nomes da lista. Isto é, se tivermos uma caneta."

Pensativa, Sunny enfiou a mão dentro de um dos aventais brancos, perguntando-se o que os médicos costumam ter nos bolsos. Ela achou uma máscara cirúrgica, que é perfeita para cobrir o rosto de uma pessoa, e um par de luvas de borracha, que são perfeitas para proteger as mãos de uma pessoa, e bem no fundo do bolso ela encontrou uma caneta esferográfica, que é perfeita para riscar nomes que não são os anagramas que você procura. Com um sorriso, Sunny entregou a caneta a Klaus, que rapidamente riscou os nomes sem V. Agora a lista ficara com esta aparência:

~~LISA N. LOOTNDAY~~
ALBERT E. DEVILOEIA
~~LINDA RHALDEEN~~
ADA O. ÜBERVILLET
ED VALIANTBRUE
LAURA V. BLEEDIOTIE
~~MONTY KENSICLE~~

~~NED H. RIRGER~~
~~ERIQ BLUTHETTS~~
~~RUTH DERCROUMP~~
~~AL DRISNOW~~
~~CARRIE E. ADELADUDITE~~

"Isto torna as coisas muito mais fáceis", disse Klaus. "Agora, vamos trocar a posição das letras do nome de Violet e ver se conseguimos escrever Albert E. Deviloeia."

Com todo o cuidado para não quebrar as letrinhas de macarrão que ele e Sunny tinham tirado da sopa, Klaus começou a movê-las e logo percebeu que "Albert E. Deviloeia" e "Violet Baudelaire" não eram exatamente anagramas. Eram quase, mas não tinham exatamente as mesmas letras nos nomes.

"Albert E. Deviloeia deve ser um paciente real", disse Klaus, desapontado. "Vamos tentar com 'Ada O. Übervillet'."

Mais uma vez, o closet de suprimentos foi preenchido pelo som das letrinhas mudando de lugar, um som fraco e molhado que fazia as crianças pensarem em alguma coisa viscosa emergindo de um pântano. Era, porém, muito mais agradável do que o som que interrompeu a sua decifração de anagramas.

"Atenção! Atenção!" A voz de Mattathias soou especialmente arrogante e desdenhosa ao pedir atenção pelo alto-falante quadrado acima das cabeças dos Baudelaire. "A Ala Cirúrgica será fechada agora para a craniectomia. Somente o dr. Flacutono e os seus parceiros estarão autorizados a entrar na ala, até que a paciente esteja morta... quero dizer, até que a operação tenha terminado. Isso é tudo."

"Chispa!", berrou Sunny.

"Eu sei que temos de correr!", gritou Klaus. "Estou movendo estas letrinhas o mais depressa que posso! Ada O. Übervillet' também não dá certo!" Ele voltou-se novamente para a lista de pacientes para ver qual era o seguinte e, sem querer, bateu em uma letra com o cotovelo, derrubando-a no chão com um barulhinho molhado. Sunny a recolheu, mas com a queda ela se partira em dois pedaços. Em vez de O, os Baudelaire tinham agora dois parênteses.

“Tudo bem”, disse Klaus apressadamente. “O próximo nome da lista é ‘Ed Valiantbrue’, que não tem mesmo nenhum O.”

“O!”, gritou Sunny.

“O!”, concordou Klaus.

“O!”, insistiu Sunny.

“Oh!”, gritou Klaus. “Entendi o que você quer dizer! Se não tem nenhum O, então não pode ser um anagrama de ‘Violet Baudelaire’. Com isso, só resta um nome na lista: ‘Laura V. Bleediotie’. Deve ser o que estamos procurando.”

“Checa!”, disse Sunny, e prendeu a respiração enquanto Klaus movia as letrinhas de macarrão. Em poucos segundos, o nome da Baudelaire mais velha foi transformado em ‘Laura V. Bleediotie’, a não ser pelo O, cujos pedaços Sunny ainda segurava em seu minúsculo punho fechado, e pelo último E, que ainda era um pedaço de cenoura.

“Ê ela, sem dúvida”, disse Klaus com um sorriso de triunfo. “Encontramos Violet.”

“Asklu”, disse Sunny, o que queria dizer: “Nós nunca a teríamos encontrado se você não tivesse descoberto que Olaf estava usando anagramas”.

“Na verdade, foram os trigêmeos Quagmire que descobriram”, disse Klaus, erguendo a página do caderno, “e foi você que abriu as latas de sopa, o que tornou as coisas muito mais fáceis. Mas antes de nos congratularmos, vamos salvar a nossa irmã.” Klaus deu uma olhada na lista de pacientes. “Vamos encontrar a suposta Laura V. Bleediotie no quarto 922 da Ala Cirúrgica.”

“Gwito”, ressaltou Sunny, o que queria dizer: “Mas Mattathias fechou a Ala Cirúrgica”.

“Então teremos de abri-la”, disse Klaus soturnamente, e deu uma boa olhada no closet de suprimentos. “Vamos vestir um desses aventais brancos de médico”, disse ele. “Quem sabe, se ficarmos parecidos com médicos, poderemos entrar na ala. Podemos usar essas máscaras cirúrgicas que estão no bolso para esconder os nossos rostos, exatamente como fez o parceiro de Olaf na serraria.”

“Quagmire”, disse Sunny em tom de dúvida, o que queria dizer: “Quando os Quagmire usaram disfarces, eles não conseguiram enganar Olaf”.

“Mas quando Olaf usou disfarces”, disse Klaus, “ele conseguiu enganar todo mundo.”

“Nós”, disse Sunny.

“Menos nós”, concordou Klaus, “mas não temos de enganar a nós mesmos.”

“Verdade”, disse Sunny, e estendeu a mão para pegar dois aventais brancos. Como os médicos, na maioria, são adultos, os aventais brancos eram exageradamente grandes para as crianças, que se lembraram dos enormes ternos risca de giz que Esmé Squalor comprara para eles quando era sua tutora. Klaus ajudou Sunny a enrolar as mangas do avental e Sunny ajudou Klaus a amarrar a máscara no rosto, e em poucos instantes as crianças tinham acabado de vestir os seus disfarces.

“Vamos embora”, disse Klaus, e pôs a mão na porta do closet de suprimentos. Mas não a abriu. Em vez disso, voltou-se novamente para a irmã, e os dois Baudelaire se entreolharam. Muito embora os irmãos estivessem usando aventais brancos, e tivessem máscaras cirúrgicas encobrindo os rostos, eles não estavam parecidos com médicos. Seus disfarces pareciam espúrios, uma palavra que aqui significa “não os deixavam nem um pouco parecidos com médicos de verdade”, e no entanto, não eram mais espúrios do que os disfarces que Olaf vinha usando desde a sua primeira tentativa de roubar a fortuna dos Baudelaire. Klaus e Sunny se entreolharam, esperançosos de que os métodos de Olaf funcionassem para eles e os ajudassem a roubar a sua irmã, e sem mais palavra abriram a porta e saíram do closet de suprimentos.

“Dúvida?”, perguntou Sunny, o que queria dizer: “Mas como vamos achar a Ala Cirúrgica se os mapas deste hospital são tão confusos?”.

“Temos de achar alguém que esteja indo para lá”, disse Klaus. “Procurar alguém com cara de quem está a caminho da Ala Cirúrgica.”

“Silata”, disse Sunny. Ela queria dizer alguma coisa no gênero de: “Mas há tanta gente aqui”, e tinha razão. Muito embora os Combatentes pela Saúde do Cidadão não estivessem visíveis em lugar nenhum, os corredores do Hospital Heimlich estavam cheios de gente. Um hospital precisa de muitas pessoas diferentes e muitos tipos diferentes de equipamento para funcionar de modo apropriado, e enquanto tentavam encontrar a Ala Cirúrgica, Klaus e Sunny viram toda sorte de funcionários e dispositivos do hospital passando apressados pelos corredores. Havia

clínicos carregando estetoscópios, com pressa de ouvir o coração das pessoas, e havia obstetras carregando bebês, com pressa de entregar os filhos aos pais. Havia radiologistas carregando máquinas de raios X, com pressa de ver as entranhas das pessoas, e havia oftalmologistas carregando tecnologia a laser, com pressa de ficar por dentro da visão das pessoas. Havia enfermeiras carregando seringas hipodérmicas, com pressa de dar injeções nas pessoas, e havia administradores carregando pranchetas, com pressa de pôr a papelada em dia. Mas não importa para onde os Baudelaire olhassem, não conseguiam ver ninguém com cara de estar com pressa de ir à Ala Cirúrgica.

"Não estou vendo nenhum cirurgião", disse Klaus, em desespero.

"Peipix", disse Sunny, o que queria dizer: "Nem eu".

"Abram caminho, todo mundo!", ordenou uma voz no final do corredor. "Sou a cirurgiã-assistente, levando equipamentos para o doutor Flacutono!"

Os outros funcionários do hospital pararam e abriram caminho para a pessoa que tinha falado, uma pessoa alta, usando avental branco de laboratório e máscara cirúrgica, que vinha vindo pelo corredor em passos estranhos e claudicantes.

"Preciso ir para a Ala Cirúrgica imediatamente!", bradou a pessoa, passando pelos Baudelaire sem nem sequer dirigir-lhes um olhar. Mas Klaus e Sunny olharam para aquela pessoa. Eles viram, por baixo da barra do avental branco, o par de sapatos com saltos de estilete que aquela pessoa estava usando, e viram a bolsa em forma de olho que aquela pessoa estava segurando numa das mãos. As crianças viram o véu preto do chapéu daquela pessoa, caindo na frente da máscara cirúrgica, e viram borrões de batom que emergira dos lábios daquela pessoa, manchando a parte de baixo da máscara.

A pessoa, é claro, estava fingindo ser cirurgiã-assistente, e estava carregando uma coisa que fingia ser equipamento cirúrgico, mas as crianças não precisaram mais que um olhar rápido para enxergar os disfarces espúrios. Ao ver a pessoa que claudicava pelo corredor, os dois Baudelaire perceberam imediatamente que ela era, na verdade, Esmé Squalor, a vil namorada do conde Olaf. E ao ver a coisa que ela estava carregando, lampejando à luz do corredor do hospital, os dois Baudelaire perceberam

que aquilo nada mais era que um grande facão enferrujado, com uma longa fileira de dentes de serra e simplesmente perfeita para uma craniectomia.



CAPÍTULO DEZ

A esta altura da assustadora história que estou escrevendo, devo me interromper por um instante e descrever algo que aconteceu com um bom amigo meu chamado sr. Sirin. O sr. Sirin era um lepidopterologista, uma palavra que usualmente significa "uma pessoa que estuda borboletas".

Neste caso, no entanto, a palavra "lepidopterologista" significa "um homem que estava sendo perseguido por irados agentes do governo", e na noite sobre a qual estou lhes contando, eles estavam bem nos seus calcanhares. O sr. Sirin olhou para trás para ver o quão próximos estavam quatro agentes de uniforme rosa-claro, com pequenas lanternas na mão esquerda e grandes redes na direita, e se deu conta de que, num momento, iriam alcançá-lo e prendê-lo juntamente com as suas seis borboletas favoritas, que batiam as asas freneticamente a seu lado. O sr. Sirin não se importava muito em ser capturado — já estivera na prisão quatro vezes e meia no decorrer da sua longa e complicada vida — mas se importava muito com as borboletas. Ele se deu conta de que aqueles seis delicados insetos iriam sem dúvida perecer na prisão dos insetos, onde aranhas venenosas, abelhas ferozes e outros criminosos iriam rasgá-las em tiras. Portanto, quando a polícia secreta fechou o cerco, o sr. Sirin abriu a boca ao máximo e engoliu todas as seis borboletas inteiras, rapidamente guardando-as nos confins sombrios, porém seguros, do seu estômago vazio. Não era uma sensação agradável ter seis insetos vivendo dentro dele, mas o sr. Sirin os manteve lá durante três anos, comendo apenas os alimentos mais leves que eram servidos na prisão, para não esmagar os insetos com uma moita de brócolis ou uma batata assada. Depois que a sua pena de prisão foi

cumprida, o sr. Sirin regurgitou as agradecidas borboletas e retomou o seu trabalho de lepidopterologia em uma comunidade que era muito mais amistosa com os cientistas e os seus espécimes.

Estou contando essa história a vocês não só para revelar a coragem e imaginação de um dos meus amigos mais queridos, como para ajudá-los a imaginar como Klaus e Sunny se sentiram enquanto olhavam para Esmé Squalor, descendo o corredor do Hospital Heimlich disfarçada de parceira do dr. Flacutono, trazendo consigo o facão comprido, enferrujado e disfarçado de instrumento cirúrgico a ser usado em Violet. Os dois jovens se deram conta de que a sua última chance de encontrar a Ala Cirúrgica e resgatar a irmã era tentar enganar aquela vilã gananciosa de sapatos com salto de estilete, mas ao se aproximar dela, tal qual o sr. Sirin durante a sua quinta e última prisão, os dois Baudelaire sentiram a desagradável sensação de ter borboletas no estômago.

"Perdão, senhora", disse Klaus, tentando soar menos como um menino de treze anos e mais como alguém que se graduou em uma faculdade de medicina, "mas a senhora disse que era uma parceira do dr. Flacutono?"

"Se você é uma pessoa com problemas de audição", disse Esmé rudemente, "não me aborreça. Vá para a Ala dos Ouvidos."

"Eu não sou uma pessoa com problemas de audição", disse Klaus. "Esta mulher e eu somos assistentes do dr. Flacutono."

Esmé parou no meio de uma punhalada no assoalho e olhou para os dois irmãos. Klaus e Sunny puderam ver seus olhos brilhando por trás do véu preso ao chapéu na última moda, enquanto ela examinava as crianças antes de responder.

"Eu estava justamente tentando imaginar onde estavam vocês", disse ela. "Venham comigo, eu as levarei à paciente."

"Panaca", disse Sunny.

"O que ela está dizendo", apressou-se em dizer Klaus, "é que Laura V. Bleediotie nos preocupa muito."

"Bem, vocês não vão ter de se preocupar por muito tempo", replicou Esmé, entrando em um corredor transversal e prosseguindo por ele à frente das crianças. "Aqui, vocês podem carregar o facão."

A vil namorada entregou a lâmina enferrujada a Klaus e se inclinou bem para perto, para falar com ele.

“Estou feliz por vocês duas estarem aqui”, sussurrou ela. “O irmão e a irmã menores da pirralha ainda não foram capturados, e ainda não temos o dossiê sobre os fogos Snicket. As autoridades o removeram para investigações. O chefe diz que podemos ser forçados a tocar fogo no lugar.”

“Fogo?”, perguntou Sunny.

“Mattathias vai cuidar dessa parte”, disse Esmé olhando em volta para ter certeza de que ninguém podia ouvi-la. “Tudo o que vocês têm a fazer é ajudar na cirurgia. Vamos depressa.”

Esmé galgou uma escadaria tão depressa quanto permitiam os seus sapatos, e as crianças seguiram nervosas atrás dela, Klaus segurando o enferrujado facão denteado. A cada porta que abriam, a cada corredor que desciam, a cada escadaria que galgavam, os jovens temiam que a qualquer momento Esmé conseguisse ver através dos seus disfarces e percebesse quem eles eram. Mas a gananciosa mulher estava ocupada demais parando e desencravando do chão as lâminas dos saltos de estilete, para reparar que as duas parceiras adicionais do dr. Flacutono tinham uma semelhança muito grande com as duas crianças que ela estava tentando capturar. Por fim,

Esmé levou os Baudelaire para uma porta onde estava escrito “Ala Cirúrgica”, a qual estava sendo guardada por alguém que as crianças reconheceram imediatamente. O guarda estava usando um casaco que ostentava os dizeres “Hospital Heimlich” e um boné com a palavra “GUARDA” estampada em grandes letras pretas, mas Klaus e Sunny podiam ver que esse era mais um disfarce espúrio. Os irmãos tinham visto aquela pessoa no Cais de Dâmocles, quando a pobre tia Josephine era sua tutora, e tiveram de cozinhar para aquela pessoa quando viveram com o conde Olaf. O guarda espúrio era uma pessoa enorme que não parecia nem homem nem mulher, e que vinha ajudando o conde Olaf com os seus esquemas nefandos desde que os Baudelaire começaram a fugir dele. A pessoa olhou para as crianças, e as crianças olharam de volta para ele ou ela, certas de que seriam reconhecidas. Mas o assistente de Olaf simplesmente acenou com a cabeça e abriu a porta.

“Eles já anestesiaram a pirralha órfã”, disse Esmé, “portanto vocês, senhoras, apenas precisam ir até o quarto dela e trazê-la para o anfiteatro cirúrgico. Vou tentar encontrar aquele rato de biblioteca choramingas e aquele bebê idiota com dentões superdimensionados. Mattathias diz que eu

terei de escolher qual deles vamos manter vivo, para forçar o sr. Poe a nos entregar a fortuna, e qual deles vou rasgar em tiras."

"Bom", disse Klaus, tentando soar desumano e canalha. "Já não agüento mais ficar caçando essas crianças por aí."

"Eu também", disse Esmé, e o enorme assistente assentiu. "Mas tenho certeza de que esta será a última vez. Depois que tivermos destruído o dossiê, ninguém poderá nos acusar de crime nenhum, e depois que assassinarmos os órfãos, a fortuna será nossa".

A vil mulher fez uma pausa e olhou em volta para ter certeza de que ninguém estava escutando, e então, convencida de que ninguém ouvia, ela desatou a rir em triunfo desenfreado. O enorme assistente também riu, um riso estranho que soava como um guincho e um uivo ao mesmo tempo, e os dois jovens Baudelaire inclinaram os rostos mascarados para trás e fizeram ruídos, como se também estivessem rindo, muito embora o seu riso fosse tão espúrio quanto os seus disfarces.

Ao tentar parecer tão gananciosos e perversos quanto o conde Olaf e sua trupe, Klaus e Sunny sentiram mais vontade de vomitar do que de rir. Nunca tinha ocorrido às crianças como essas pessoas horríveis agiam quando não tinham de fingir que eram boazinhas, e os dois irmãos ficaram horrorizados ao ouvir todas as coisas sanguinárias que Esmé tinha dito. Ver Esmé e o enorme assistente rindo juntos fez com que as borboletas nos estômagos dos Baudelaire se agitassem cada vez mais, e os jovens ficaram aliviados quando Esmé finalmente parou de rir e introduziu as crianças na Ala Cirúrgica.

"Senhoras, vou deixá-las nas mãos dos nossos parceiros", disse ela, e os Baudelaire imediatamente viram horrorizados o que ela queria dizer. Esmé fechou a porta atrás dela, e as crianças se viram diante de mais dois vis parceiros do conde Olaf.

"Olá, pessoal", disse o primeiro em uma voz sinistra, apontando para as duas crianças com uma mão de estranha aparência. Um dos dedos estava curvado em um ângulo estranho, enquanto os outros pendiam flácidos como meias penduradas para secar, e Klaus e Sunny puderam ver imediatamente que era o parceiro de Olaf que tinha ganchos no lugar de mãos, usando luvas de borracha para ocultar os seus inusitados e perigosos apêndices. Atrás dele havia um homem cujas mãos não eram tão familiares, mas Klaus e Sunny o reconheceram com a mesma facilidade, devido à horrenda peruca

que estava usando. A peruca era tão disforme, branca e encaracolada que mais parecia uma pilha de minhocas mortas, o que não é o tipo de peruca de que uma pessoa se esqueça com facilidade. As crianças certamente não a tinham esquecido, desde a época em que moraram em Paltryville, e perceberam imediatamente que essa pessoa era o careca de nariz comprido que vinha auxiliando o conde Olaf desde que os problemas dos Baudelaire começaram. O homem de mãos de gancho e o careca de nariz comprido estavam entre os elementos mais sórdidos da trupe de Olaf, porém, diferentemente da maioria das pessoas sórdidas neste mundo, eles também eram bem espertos, e os dois jovens irmãos sentiram o remexer de borboletas no estômago aumentar exponencial- mente, uma expressão que aqui significa "ficar muito, muito pior", enquanto aguardavam para ver se aqueles dois parceiros eram espertos o bastante para enxergar através dos disfarces das crianças.

"Posso enxergar através dos seus disfarces", continuou o homem de mãos de gancho, e pousou uma das suas mãos espúrias no ombro de Klaus.

"Eu também", disse o careca, "mas não creio que mais ninguém possa. Não sei como as senhoras conseguiram fazer isso, mas ficaram parecendo muito mais baixas com esses aventais brancos."

"E as caras de vocês não parecem tão pálidas com essas máscaras cirúrgicas", concordou o homem de mãos de gancho. "Esses são os melhores disfarces que Olaf..., quero dizer, Mattathias, já bolou."

"Não temos tempo para essa conversa toda", disse Klaus, esperando que os parceiros também não reconhecessem a sua voz. "Temos de ir para o quarto 922 imediatamente."

"Você tem razão, é claro", disse o homem de mãos de gancho. "Sigam-nos."

Os dois parceiros começaram a descer o corredor da Ala Cirúrgica, enquanto Klaus e Sunny se entreolhavam aliviados.

"Gwit", murmurou Sunny, o que queria dizer: "Eles também não nos reconheceram".

"Eu sei", retrucou Klaus num sussurro. "Eles pensam que somos as duas mulheres de cara empoada disfarçadas de parceiras do dr. Flacutono, em vez de duas crianças disfarçadas de mulheres de cara empoada disfarçadas de parceiras do dr. Flacutono."

“Parem com esses cochichos todos sobre disfarces”, disse o careca. “Se alguém as ouvir, será o nosso fim.”

“E não o fim de Laura V. Bleediotie”, disse o hornem de mãos de gancho com um sorriso de escárnio. “Estou esperando para pôr os ganchos nela desde que escapou de se casar com Mattathias.”

“Armadilha”, disse Sunny, com o melhor sorriso de escárnio que foi capaz de fazer.

“Caiu na armadilha, é verdade”, disse o careca. “Eu já dei o anestésico, e ela está inconsciente. Tudo o que temos de fazer é levá-la ao anfiteatro cirúrgico, e vocês poderão serrar fora a cabeça dela.”

“Ainda não entendi por que temos de assassiná-la na frente de todos aqueles médicos”, disse o homem de mãos de gancho.

“Para ficar parecendo um acidente, seu idiota”, rosnou o careca em resposta.

“Eu não sou um idiota”, disse o homem de mãos de gancho, parando para fulminar com o olhar o seu parceiro. “Sou um deficiente físico.”

“Só porque você é um deficiente físico, isso não quer dizer que é um eficiente mental”, disse o careca.

“E só porque você está usando uma peruca horrorosa, isso não quer dizer que pode me insultar.”

“Parem com essa discussão!”, disse Klaus. “Quanto mais cedo pudermos operar Laura V. Bleediotie, mais cedo todos nós ficaremos ricos.”

“Sim!”, disse Sunny.

Os dois criminosos olharam para os Baudelaire, depois balançaram a cabeça um para o outro, envergonhados.

“As senhoras têm razão”, disse o homem de mãos de gancho. “Não devíamos nos comportar de maneira tão pouco profissional só porque tivemos um dia de trabalho muito estressante.”

“Eu sei”, disse o careca com um suspiro. “Parece que estamos seguindo aqueles três órfãos para sempre, e eles sempre escapulindo, no último minuto. Vamos nos concentrar em fazer o nosso trabalho e tratar dos problemas pessoais mais tarde. Bem, aqui estamos.”

As quatro pessoas disfarçadas tinham chegado ao fim do corredor e estavam diante da porta onde estava escrito “Quarto 922”, com o nome “Laura V. Bleediotie” logo abaixo, rabiscado num pedaço de papel colado com fita adesiva. O careca tirou uma chave do bolso do avental médico e

destrancou a porta com um sorriso triunfal. “Aqui está”, disse ele. “A nossa pequena bela adormecida.”

A porta se abriu com um rangido prolongado que parecia um relincho, e as crianças entraram no quarto, que era quadrado e pequeno, com cortinas pesadas que deixavam o interior um tanto escuro. Mas mesmo sob aquela luz pálida, as crianças podiam enxergar a irmã, e quase perderam o fôlego ao ver o estado assustador em que ela parecia estar.

Quando o parceiro careca mencionou uma bela adormecida, estava se referindo a um conto de fadas que vocês provavelmente já ouviram mil vezes. Como todos os contos de fadas, a história da Bela Adormecida começa com “Era uma vez”, continua com uma princesa boboca que deixa uma bruxa muito zangada e depois tira uma soneca até o seu namorado acordá-la com um beijo e insistir em se casar com ela, e é nesse ponto que a história termina com a frase “E viveram felizes para sempre”. Usualmente, a história é ilustrada com desenhos vistosos de uma princesa cochilando, que parece sempre muito glamourosa e elegante, com os cabelos primorosamente penteados e uma camisola comprida de seda mantendo-a confortável enquanto ronca por anos e anos a fio. Mas quando Klaus e Sunny viram Violet no quarto 922, não foi nem um pouco parecido com um conto de fadas.

A mais velha dos Baudelaire estava deitada em uma maca, que é uma cama de metal com rodas, usada em hospitais para mover pacientes de um lado para outro. Essa maca, em particular, estava tão enferrujada quanto o facão que Klaus estava segurando, e os lençóis estavam rasgados e sujos. Os parceiros de Olaf lhe tinham vestido um avental branco, tão imundo quanto os lençóis, e torcido as suas pernas uma na outra, como os galhos de uma parreira. Seus cabelos tinham sido jogados de qualquer jeito por cima dos olhos para que ninguém reconhecesse seu rosto d’O Pundonor Diário, e seus braços pendiam do corpo largados, um deles quase tocando o chão com um dedo desmaiado. Seu rosto estava pálido, tão pálido e vazio quanto a superfície da lua, e a boca estava ligeiramente aberta em uma vaga expressão de dor, como se ela estivesse sonhando ser espetada por um alfinete. Violet parecia ter caído sobre a maca de uma grande altura, e se não fosse pelo lento e constante subir e descer do peito com a respiração, poderia parecer que ela não sobrevivera à queda. Klaus e Sunny olharam

para ela em horrorizado silêncio, tentando não chorar ao olhar para a irmã indefesa.

"Ela é linda", disse o homem de mãos de gancho, "mesmo estando inconsciente."

"E esperta também", disse o careca, "embora a sua cabecinha esperta não vá ajudar em nada quando for serrada fora do corpo."

"Vamos logo para o anfiteatro cirúrgico", disse o homem de mãos de gancho, começando a empurrar a maca para fora do quarto. "Mattathias disse que o anestésico vai durar pouco tempo, portanto é melhor começar a craniectomia."

"Eu não me importaria se ela acordasse no meio", disse o careca com uma risadinha, "mas imagino que isso arruinaria o plano. Vocês, senhoras, peguem a maca pelo lado da cabeça. Não gosto de olhar para ela franzindo a testa desse jeito."

"E não se esqueçam do facão", disse o homem de mãos de gancho. "O dr. Flacutono e eu vamos ficar na supervisão, mas são vocês duas que vão realmente executar a craniectomia."

As duas crianças assentiram com um movimento de cabeça, com medo de que, se tentassem falar, os dois sequazes ouvissem quão ansiosas estavam as suas vozes e ficassem desconfiados. Em silêncio, assumiram seus lugares junto à maca onde a irmã jazia sem se mexer. Os Baudelaire queriam sacudi-la gentilmente pelos ombros, ou sussurrar ao seu ouvido, ou até simplesmente afastar o cabelo dos seus olhos. Absolutamente qualquer coisa para ajudar a irmã inconsciente. Mas os dois jovens sabiam que qualquer gesto de afeição iria desmascarar o disfarce deles, portanto eles simplesmente foram andando ao lado da maca, segurando o facão enferrujado, enquanto os dois homens seguiam na frente, para fora do quarto e pelos corredores da Ala Cirúrgica. A cada passo, Klaus e Sunny observavam a irmã cuidadosamente, na esperança de algum sinal de que a anestesia estava passando, mas a expressão de Violet continuava tão parada e vazia quanto a folha de papel na qual estou escrevendo esta história em letras de imprensa.

Embora seus irmãos preferissem pensar em suas habilidades inventivas e discursivas, e não na aparência física, também era verdade, como dissera o homem de mãos de gancho, que Violet era linda, e se o seu cabelo estivesse primorosamente penteado, e não todo embaraçado, e se a

tivessem vestido com alguma coisa elegante e glamorosa, e não com uma camisola toda manchada, poderia sem dúvida estar parecida com uma ilustração da Bela Adormecida. Mas os dois Baudelaire mais jovens não se sentiam como personagens de um conto de fadas. As desventuras em série de suas vidas não tinham começado com “Era uma vez”, mas com o incêndio terrível que destruíra seu lar, e quando os parceiros de Olaf os levaram até uma porta quadrada de metal no fim do corredor, Klaus e Sunny temeram que suas vidas também não fossem terminar como um conto de fadas. O letreiro na porta dizia “Anfiteatro Cirúrgico”, e quando o homem de mãos de gancho a abriu com uma luva recurva, as duas crianças não conseguiram imaginar que a sua história terminaria com “E viveram felizes para sempre”.



CAPÍTULO ONZE

Anfiteatros cirúrgicos não são, nem de longe, tão populares quanto teatros dramáticos, teatros de música e teatros de projeção cinematográfica, também conhecidos como cinemas, e é fácil ver por quê. Um teatro dramático é uma sala grande e escura na qual atores interpretam uma peça, e se você estiver na platéia poderá se divertir ouvindo o diálogo e olhando para as vestimentas. Um teatro de música é uma sala grande e escura na qual músicos interpretam uma sinfonia, e se você estiver na platéia poderá se divertir ouvindo as melodias e olhando para o maestro, enquanto ele agita a sua varinha de um lado para outro. E um teatro de projeção cinematográfica é uma sala grande e escura na qual um projecionista exibe um filme, e se você estiver na platéia poderá se divertir comendo pipoca e fofocando sobre estrelas de cinema. Mas um anfiteatro cirúrgico é uma sala grande e escura na qual médicos realizam procedimentos médicos, e se você estiver na platéia o melhor a fazer é ir embora imediatamente, porque nunca há nada para se ver em um anfiteatro cirúrgico além de dor,

sofrimento e desconforto, e é por essa razão que a maior parte dos anfiteatros cirúrgicos foi fechada, ou convertida em restaurantes.

Lamento ter de dizer, contudo, que o anfiteatro cirúrgico do Hospital Heimlich ainda era bastante popular na época em que se passa esta história. Quando Klaus e Sunny, seguindo os dois parceiros de Olaf disfarçados, passaram pela porta quadrada de metal, viram que a sala grande e escura estava cheia de gente. Havia fileiras de médicos de aventais brancos, que obviamente estavam ansiosos por assistir a uma nova operação. Havia grupos de enfermeiras sentadas juntas e cochichando excitadas sobre a primeira craniectomia do mundo. Havia um grande grupo de Combatentes pela Saúde do Cidadão que pareciam prontos para explodir numa canção, se fosse necessário. E havia uma grande quantidade de gente que parecia ter ido ao anfiteatro cirúrgico simplesmente para ver o que estava sendo apresentado. As quatro pessoas disfarçadas empurraram a maca para cima de um pequeno palco vazio, iluminado por um candelabro pendurado no teto, e assim que a luz do candelabro caiu sobre a irmã inconsciente de Klaus e Sunny, a platéia inteira prorrompeu em vivas e aplausos. Os brados da multidão só serviram para deixar Klaus e Sunny ainda mais ansiosos, mas os dois parceiros de Olaf pararam de empurrar a maca, ergueram os braços e inclinaram-se várias vezes para a platéia.

"Muito obrigado!", gritou o homem de mãos de gancho. "Doutores, enfermeiros e enfermeiras, Combatentes pela Saúde do Cidadão, repórteres d'O Pundonor Diário, distintos convidados e pessoas comuns, bem-vindos sejam ao anfiteatro cirúrgico do Hospital Heimlich. Eu sou o dr. O. Lucafont, e serei o seu médico-anfitrião para a apresentação de hoje."

"E eu sou o dr. Flacutono", anunciou o careca, parecendo um pouco enciumado com todos aqueles aplausos que o homem de mãos de gancho estava recebendo. "Sou o cirurgião que inventou a craniectomia, e estou emocionado por operar hoje diante de toda essa gente bonita e maravilhosa."

"Viva o dr. Flacutono!", gritou uma enfermeira, e a multidão aplaudiu de novo. Alguns dos repórteres até assobiaram quando o careca fez uma reverência rasgada, usando uma das mãos para segurar a peruca encaracolada na cabeça.

"O cirurgião está certo!", disse o homem de mãos de gancho. "Vocês são bonitos e maravilhosos, todos vocês! Vamos lá, uma salva de palmas

para vocês mesmos!”

“Viva nós!”, gritou um voluntário, e a platéia aplaudiu mais uma vez. Os dois Baudelaire olharam para a irmã mais velha, esperando que o barulho da multidão a acordasse, mas Violet não se mexeu.

“Agora, as duas adoráveis senhoras que vocês estão vendo são duas colegas minhas chamadas dra. Tocuna e enfermeira Flo”, continuou o careca. “Que tal dar a elas as mesmas boas-vindas maravilhosas que vocês nos deram?”

Klaus e Sunny meio que esperavam que alguém na multidão gritasse: “Elas não são colegas médicas! Elas são aquelas crianças procuradas por assassinato!”, mas em vez disso, a multidão meramente aplaudiu mais uma vez, e as duas crianças se viram acenando, infelizes, para a platéia. Embora os jovens estivessem aliviados por não terem sido reconhecidos, a sensação de borboletas nos seus estômagos só fez piorar, enquanto todo mundo no anfiteatro cirúrgico ia ficando cada vez mais ansioso para que a operação tivesse início.

“E agora que vocês já conheceram todos os nossos fantásticos artistas”, disse o homem de mãos de gancho, “vamos dar início ao espetáculo. Dr. Flacutono, está pronto para começar?”

“Certamente”, disse o careca. “Agora, senhoras e senhores, como certamente já sabem, uma craniectomia é um procedimento em que a cabeça do paciente é removida. Os cientistas descobriram que muitos problemas de saúde estão enraizados no cérebro, portanto a melhor coisa a fazer com um paciente enfermo é removê-lo. No entanto, uma craniectomia é tão perigosa quanto necessária. Existe uma chance de que Laura V. Bleediotie venha a morrer no decorrer da operação, mas às vezes é preciso correr o risco de acidentes, a fim de curar a doença.”

“A morte de um paciente seria com certeza um acidente terrível, dr. Flacutono”, disse o homem de mãos de gancho.

“Com certeza, dr. O. Lucafont”, concordou o careca. “É por isso que farei com que minhas colegas realizem a cirurgia, enquanto eu supervisiono. Dra. Tocuna e enfermeira Flo, podem começar.”

A multidão aplaudiu mais uma vez, e os parceiros de Olaf fizeram reverências e jogaram beijos para todos os cantos do anfiteatro cirúrgico, enquanto as duas crianças se entreolhavam horrorizadas.

“O que vamos fazer?”, murmurou Klaus para a irmã, olhando para a multidão. “Estamos cercados por pessoas que esperam que serremos fora a cabeça de Violet.”

Sunny olhou para Violet, ainda inconsciente na maca, e depois para o irmão, que estava segurando o comprido facão enferrujado que Esmé lhe dera.

“Diferir”, disse ela. A palavra “diferir” tem dois significados, mas como acontece com a maioria das palavras com dois significados, você pode deduzir qual deles está sendo usado, examinando a situação. A palavra “diferir”, por exemplo, pode se referir ao que diz alguém cuja opinião não é a mesma que a sua, mas Klaus percebeu imediatamente que o que Sunny queria dizer era algo mais no gênero de: “Vamos tentar adiar a operação o máximo que pudermos, Klaus”, e ele concordou silenciosamente com a cabeça. O Baudelaire do meio respirou fundo e fechou os olhos, tentando pensar em alguma coisa que pudesse ajudá-lo a protelar a craniectomia, e subitamente lembrou-se de uma coisa que tinha lido.

Quando você lê tantos livros como Klaus Baudelaire, fica sabendo uma grande quantidade de informações que podem não ser úteis por muito tempo. Você pode ler um livro que ensina tudo sobre exploração do espaço sideral, mesmo que você não se torne um astronauta até os oitenta anos de idade. Você pode ler um livro sobre como fazer acrobacias em patins de gelo, e depois não fazer essas acrobacias por algumas semanas. Você pode ler um livro sobre como ter sucesso no casamento depois que a única mulher que você já amou, e amará para sempre, se casou com outra pessoa e pereceu em uma tarde terrível. Mas apesar de Klaus ter lido livros sobre exploração do espaço sideral, acrobacias em patins de gelo e bons métodos de casamento, sem ter encontrado ainda muita utilidade para essas informações, ele aprendeu uma grande quantidade de informações que estavam prestes a se tornar realmente muito úteis.

“Antes de fazer a primeira incisão”, disse Klaus, usando uma palavra difícil em vez de “corte”, a fim de soar mais como um profissional da medicina, “acho que a enfermeira Flo e eu devíamos conversar um pouco sobre o equipamento que estamos usando.”

Sunny olhou intrigada para o irmão.

“Facão?”, perguntou ela.

“Certo”, disse Klaus. “É um facão, e...”

“Todos nós sabemos que é um facão, dra. Tocuna”, disse o homem de mãos de gancho, sorrindo para a platéia enquanto o careca se inclinava e sussurrava para Klaus.

“O que você está fazendo?”, chiou ele. “Apenas serre fora a cabeça da pirralha, e pronto!”

“Um médico de verdade jamais realizaria uma nova operação sem explicar tudo”, Klaus sussurrou em resposta. “Temos de seguir falando, ou nunca conseguiremos enganá-los.”

Os parceiros de Olaf olharam para Klaus e Sunny um momento, e os dois Baudelaire se prepararam para sair correndo, arrastando a maca de Violet com eles, caso fossem finalmente reconhecidos. Mas depois de um momento de hesitação, os dois homens se entreolharam e concordaram.

“Acho que você está certa”, disse o homem de mãos de gancho, e depois voltou-se para a platéia. Desculpem pela demora, pessoal. Como vocês sabem, nós somos médicos de verdade, e por isso estamos explicando tudo. Prossiga, dra. Tocuna.”

“A craniectomia será realizada usando uma faca”, disse Klaus, “que é o instrumento cirúrgico mais antigo do mundo.” Ele estava se lembrando do capítulo sobre facas na História completa dos instrumentos cirúrgicos, que lera quando tinha onze anos. “As primeiras facas foram encontradas nas tumbas egípcias e nos templos maias, onde eram usadas com fins cerimoniais e, na maior parte, confeccionadas em pedra. Gradualmente, o bronze e o ferro se tornaram os materiais essenciais das facas, muito embora algumas culturas as confeccionassem usando os incisivos de animais abatidos.”

“Dentes”, explicou Sunny.

“Existem diversos tipos diferentes de facas”, continuou Klaus, “incluindo o canivete, a navalha e a faca de rasto, mas o facão requerido para a craniectomia é uma faca Bowie, assim chamada em homenagem ao coronel James Bowie, que viveu no Texas.”

“Esta não foi uma explicação magnífica, senhoras e senhores?”, disse o homem de mãos de gancho.

“Certamente foi”, concordou uma repórter. Era uma mulher que usava um tailleur cinzento e mascava chiclete enquanto falava a um pequeno microfone. “Já posso ver a manchete: ‘MÉDICA E ENFERMEIRA

EXPLICAM HISTÓRIA DA FACA’. Aguardem só até os leitores d’O Pundonor Diário verem isso!”

A platéia aplaudiu concordando, e o anfiteatro cirúrgico se encheu de sons de vivas e palmas. Violet se mexeu na maca, muito de leve. Sua boca se abriu um pouco mais, e uma das mãos caídas estremeceu um instante. Os movimentos foram tão pequenos que só Klaus e Sunny notaram, e eles se entreolharam, esperançosos. Conseguiriam continuar diferindo até passar completamente a anestesia?

“Chega de conversa”, sussurrou o careca para as crianças. “É muito divertido enganar pessoas inocentes, mas é melhor prosseguirmos com a operação antes que a órfã acorde.”

“Antes de fazer a primeira incisão”, disse Klaus novamente, continuando a dirigir-se à platéia, como se o careca não tivesse falado nada, “eu gostaria de dizer umas poucas palavras com relação à ferrugem.” Ele fez uma breve pausa e tentou se lembrar do que tinha aprendido em um livro intitulado O que acontece ao metal molhado, que ganhara de presente da mãe. “A ferrugem é uma camada marrom-avermelhada que se forma sobre certos metais quando eles oxidam, o que é um termo científico para uma reação química que ocorre quando o aço ou o ferro entram em contato com a umidade.” Ele ergueu o facão enferrujado para que a platéia o visse e, com o canto do olho, viu a mão de Violet se mexer de novo, só um pouquinho. “O processo de oxidação é parte integrante de uma craniectomia, devido aos processos oxidativos da mitocôndria celular e da desmistificação cosmética”, continuou ele, tentando usar tantas palavras complicadas quantas fosse capaz de pensar.

“Palmas!”, gritou Sunny, e a platéia novamente aplaudiu, embora não tão sonoramente desta vez.

“Muito impressionante”, disse o parceiro careca, fulminando Klaus com o olhar por cima da máscara cirúrgica. “Mas eu acho que estas adoráveis pessoas vão entender melhor o processo depois que a cabeça for de fato removida.”

“É claro”, retrucou Klaus. “Mas primeiro, precisamos atentar as vértebras, para que possamos efetuar um talho preciso. Enfermeira Flo, poderia por favor dar uma mordidela no pescoço de Viol..., quero dizer, Laura V. Bleediotie?”

“Sim”, disse Sunny com um sorriso, sabendo exatamente o que Klaus pretendia. Na ponta dos pés, a mais nova dos Baudelaire deu algumas mordidelas no pescoço da irmã, esperando que aquilo acordasse Violet. Quando os dentes de Sunny rasparam sua pele, Violet estremeceu e fechou a boca, mas nada além disso.

“O que você está fazendo?”, perguntou o homem de mãos de gancho, num sussurro enfurecido. “Faça a operação de uma vez, ou Mattathias vai ficar furioso!”

“A enfermeira Flo não é maravilhosa?”, perguntou Klaus à platéia, mas apenas umas poucas pessoas na multidão bateram palmas, e não houve um viva sequer. Claramente, as pessoas no anfiteatro cirúrgico estavam impacientes por ver algum tipo de cirurgia, em vez de ouvir mais explicações.

“Creio que você já mordeu o suficiente o pescoço dela”, disse o careca. Sua voz era amistosa e profissional, mas os olhos miravam as crianças cheios de suspeita. “Vamos prosseguir com a craniectomia.”

Klaus assentiu e agarrou a faca com as duas mãos, segurando-a por cima da irmã indefesa. Ele olhou para a figura adormecida de Violet e perguntou a si mesmo se conseguiria fazer no pescoço de Violet um corte muito pequeno, suficiente para despertá-la, porém sem causar um ferimento sério. Ele olhou para a lâmina enferrujada, que balançava para cima e para baixo, enquanto suas mãos tremiam de medo. E então olhou para Sunny, que tinha parado de mordiscar o pescoço de Violet e estava de olhos erguidos para ele, olhos arregalados.

“Não posso fazer isto”, sussurrou ele, e ergueu os olhos para o teto. Lá no alto, acima deles, havia um alto-falante quadrado de intercomunicador que não notara antes, e essa visão o fez pensar em uma coisa. “Não posso fazer isto”, ele anunciou, e a multidão abafou um grito de espanto.

O homem de mãos de gancho deu um passo na direção da maca e apontou a sua luva flácida e encurvada para Klaus. O Baudelaire do meio pôde ver a ponta aguda do gancho, que perfurara o dedo da luva, projetando-se como uma criatura do mar emergindo da água.

“Por que não?”, perguntou baixinho o homem de mãos de gancho.

Klaus engoliu em seco, esperando ainda ser capaz de soar como um profissional médico, em vez de uma criança assustada.

“Antes de fazer a primeira incisão, há mais uma coisa que precisa ser feita. A coisa mais importante que fazemos aqui no Hospital Heimlich.”

“E que coisa é essa?”, perguntou o careca. Sua máscara cirúrgica encrespou-se para baixo quando ele fez uma carranca sinistra para as crianças, mas a máscara de Sunny começou a encrespar-se na direção oposta quando ela percebeu sobre o que Klaus estava falando, e começou a sorrir.

“Papelada!”, disse ela, e para deleite dos Baudelaire a platéia começou a aplaudir de novo.

“Viva!”, bradou um dos voluntários C.S.C., no fundo do anfiteatro cirúrgico, enquanto os aplausos continuavam. “Viva a papelada!”

Os dois parceiros de Olaf se entreolharam frustrados, enquanto os Baudelaire se entreolhavam aliviados.

“Viva a papelada, é isso mesmo!”, exclamou Klaus. “Não podemos operar uma paciente até que a sua ficha esteja absolutamente completa!”

“Não posso acreditar que nos esquecemos disso, mesmo que seja por um momento!”, exclamou uma enfermeira. “A papelada é a coisa mais importante que fazemos neste hospital!”

“Já posso ver a manchete: “HOSPITAL HEIMLICH QUASE ESQUECE A PAPELADA!’. Aguardem só até os leitores d’O Pundonor Diário verem isso!”

“Alguém vá chamar Hal”, sugeriu um médico. “Ele está encarregado da Biblioteca de Registros, portanto pode resolver esse problema de papelada para nós.”

“Vou chamar Hal agora mesmo!”, anunciou uma enfermeira, saindo do anfiteatro cirúrgico, e a multidão bateu palmas em apoio à sua decisão.

“Não há necessidade de chamar Hal”, disse o homem de mãos de gancho, erguendo as luvas encurvadas para tentar acalmar a multidão. “A papelada foi providenciada, garanto para vocês.”

“Mas toda a papelada cirúrgica tem de ser verificada por Hal”, disse Klaus. “Essa é a política do Hospital Heimlich.”

O careca fulminou as crianças com o olhar e falou-lhes em um sussurro amedrontador:

“Que diabo vocês estão fazendo?”, perguntou ele. “Vão arruinar tudo!”

“Acho que a dra. Tocuna está certa”, disse outro médico. “Essa é a política aqui.”

A multidão aplaudiu de novo, e Klaus e Sunny se entreolharam. Os dois Baudelaire, é claro, não tinham idéia de qual era a política do hospital no que concerne à papelada cirúrgica, mas estavam começando a ver que a multidão acreditaria em qualquer coisa, se achasse que era dita por um profissional médico.

“Hal está a caminho”, disse a enfermeira, retornando ao recinto. “Aparentemente houve algum problema na Biblioteca de Registros, mas ele virá o mais depressa que puder para resolver essa questão de uma vez por todas.”

“Não precisamos de Hal para resolver essa questão de uma vez por todas”, disse uma voz vinda do fundo do anfiteatro, e os Baudelaire se voltaram para ver a figura delgada e claudicante de Esmé Squalor, caminhando diretamente para eles com seus sapatos de salto de estilete, com duas pessoas seguindo-a obedientemente. As duas pessoas estavam ambas vestidas de aventais de médico e máscaras cirúrgicas, exatamente como os dos Baudelaire. Klaus e Sunny só puderam ver uma pequena parte de seus rostos pálidos acima da máscara e perceberam imediatamente que eram as duas assistentes empoadas de Olaf.

“Esta é a verdadeira dra. Tocuna”, disse Esmé, apontando para uma das mulheres, “e esta é a verdadeira enfermeira Flo. As duas pessoas em cima desse palco são impostores.”

“Não, não somos”, disse zangado o homem de mãos de gancho.

“Não vocês dois”, retrucou Esmé, impaciente, lançando um olhar feroz por cima da máscara cirúrgica para os dois capangas. “Quero dizer as outras duas pessoas em cima desse palco. Elas enganaram todo mundo. Elas enganaram médicos, enfermeiras, voluntários, repórteres, e inclusive a mim. Isto é, até eu encontrar as verdadeiras parceiras do dr. Flacutono.”

“Na minha opinião médica”, disse Klaus, “esta mulher perdeu a cabeça.”

“Eu não perdi a cabeça”, disse Esmé, com um rosnido, “mas vocês estão prestes a perder as de vocês, pirralhos Baudelaire.”

“Baudelaire?”, perguntou a repórter d’O Pundonor Diário. “Os mesmos Baudelaire que assassinaram o conde Omar?”

“Olaf”, corrigiu o careca.

“Estou confuso”, queixou-se um voluntário. “Já tem gente demais fingindo ser outra pessoa.”

“Deixem-me explicar”, disse Esmé, subindo ao palco. “Eu sou uma profissional médica, exatamente como o dr. Flacutono, o dr. O. Lucafont, a dra. Tocuna e a enfermeira Flo. Isso vocês mesmos podem ver, pelos nossos aventais de médico e máscaras cirúrgicas.”

“Nós também!”, gritou Sunny.

A máscara cirúrgica de Esmé encrespou-se para cima em um sorriso perverso.

“Não por muito tempo”, disse ela e, em um só gesto repentino, arrancou as máscaras dos rostos dos Baudelaire. A multidão abafou um grito de espanto quando as máscaras caíram esvoaçando ao chão, e as duas crianças viram os médicos, enfermeiros, repórteres e pessoas comuns na platéia olharem horrorizados para eles. Somente os Combatentes pela Saúde do Cidadão, que acreditavam que a falta de notícias é uma boa notícia, não reconheceram os jovens.

“Eles são os Baudelaire!”, exclamou uma enfermeira, atônita. “Li sobre eles n’O Pundonor Diário!”

“Eu também!”, exclamou um médico.

“É sempre um prazer ter um retorno dos nossos leitores”, disse a repórter, modestamente.

“Mas deveria haver três órfãos homicidas, e não dois”, disse um outro médico. “Onde está a mais velha?”

Rapidamente, o homem de mãos de gancho plantou-se na frente da maca, escondendo Violet da platéia.

“Ela já está na cadeia”, disse ele, depressa.

“Não está!”, disse Klaus, e afastou os cabelos de Violet dos olhos para que todos pudessem ver que ela não era Laura V. Bleediotie. “Essas pessoas horrorosas a disfarçaram como paciente, para que pudessem cortar a cabeça dela!”

“Não seja ridículo”, disse Esmé. “Era você quem estava tentando cortar a cabeça dela. Olhe só, ainda está segurando a faca.”

“É verdade!”, exclamou a repórter. “Já posso ver a manchete: ‘ASSASSINO TENTA ASSASSINAR ASSASSINA’. Aguardem só até os leitores d’O Pundonor Diário verem isto!”

“Tuím!”, gritou Sunny.

“Nós não somos assassinos!”, traduziu Klaus, desesperado.

“Se vocês não são assassinos”, disse a repórter estendendo o seu microfone, “então por que se infiltraram em um hospital disfarçados?”

“Acho que posso explicar isso”, disse uma outra voz familiar, e todos se voltaram para ver Hal entrando no anfiteatro cirúrgico. Em uma das mãos, estava segurando o molho de chaves que os Baudelaire tinham feito com clipes de papel e a fita de cabelo de Violet e, com a outra, apontava irado para as crianças.

“Aqueles três assassinos Baudelaire”, disse ele, “fingiram ser voluntários para ir trabalhar na Biblioteca de Registros.”

“Eles fizeram isso?”, disse uma enfermeira enquanto a platéia abafava um grito de espanto. “Você quer dizer que eles são assassinos e também falsos voluntários?”

“Não admira que eles não soubessem a letra da canção!”, exclamou um voluntário.

“Se aproveitando da minha vista fraca”, continuou Hal, apontando para os seus óculos, “eles fizeram estas chaves falsas e substituíram as verdadeiras, para poder entrar sorrateiramente na biblioteca e destruir as pastas sobre os seus crimes!”

“Nós não queríamos destruir a pasta”, disse Klaus, “nós queríamos limpar o nosso nome. Sinto muito por tê-lo enganado, Hal, e sinto muito se alguns arquivos de aço foram derrubados, mas...”

“Derrubados?”, repetiu Hal. “Vocês fizeram mais do que derrubar arquivos de aço.” Ele olhou para as crianças e suspirou com um ar cansado, depois voltou-se para ficar de frente para a platéia. “Estas crianças cometeram crime de incêndio premeditado”, disse ele. “A Biblioteca de Registros está ardendo enquanto estamos aqui, falando.”

CAPÍTULO DOZE



Estou sozinho esta noite, e estou sozinho devido a um cruel capricho do destino, uma frase que aqui significa que nada aconteceu do modo como pensei que aconteceria. Antes eu era um homem contente, com um lar confortável, uma carreira bem-sucedida, ao lado de uma pessoa que eu amava muito e com uma máquina de escrever extremamente confiável, mas todas essas coisas me foram tiradas, e agora o único vestígio que tenho daqueles dias felizes é a tatuagem no meu tornozelo esquerdo. Sentado nesta salinha minúscula, escrevendo estas palavras em letra de imprensa, com este lápis muito grande, sinto-me como se a minha vida inteira não tivesse sido nada mais que uma peça deprimente, apresentada apenas para a diversão de alguma outra pessoa, e que o dramaturgo que inventou a minha cruel reviravolta do destino está em algum lugar muito acima de mim, rindo a mais não poder com a sua criação.

Não é agradável se sentir assim, e é duplamente desagradável se a cruel reviravolta do destino acontece justamente quando você está realmente em pé no meio de um palco e realmente há alguém, muito acima de você, rindo a mais não poder, como aconteceu com as crianças Baudelaire no anfiteatro cirúrgico do Hospital Heimlich. As crianças mal tinham acabado de ouvir Hal acusá-las de ter incendiado a Biblioteca de Registros, quando ouviram um riso áspero e familiar vindo do alto-falante de intercomunicador acima delas. Os irmãos tinham ouvido aquele riso quando Mattathias capturou os trigêmeos Quagmire e quando ele aprisionou os Baudelaire em uma Cela de Luxo trancada. Era o riso triunfal de alguém que maquinou um plano demoníaco e teve sucesso, muito embora sempre soasse como o riso de alguém que acabou de contar uma excelente piada.

Como ele estava rindo pelo intercomunicador estridente, Mattathias soava como se tivesse um pedaço de folha de alumínio por cima da boca, mas o riso ainda foi suficientemente alto para ajudar a fazer passar a anestesia, e Violet murmurou alguma coisa e mexeu os braços.

"Ops", disse Mattathias, interrompendo o riso ao perceber que o intercomunicador estava ligado. "Aqui é Mattathias, o diretor de Recursos Humanos, com uma comunicação importante. Está havendo um terrível incêndio no Hospital Heimlich. O fogo foi ateado na Biblioteca de Registros pelos assassinos Baudelaire, e se espalhou para a Ala das Gargantas Inflamadas, a Ala dos Dedões Topados e a Ala dos que Engoliram por Acidente Alguma Coisa que Não Deviam Ter Engolido. Os órfãos ainda estão à solta, portanto façam tudo o que puderem para encontrá-los. Depois que os incendiados assassinos forem capturados, talvez vocês queiram salvar alguns dos pacientes que ficaram presos no incêndio. Isso é tudo."

"Já posso ver a manchete", disse a repórter. "'ASSASSINOS BAUDELAIRE TOCAM FOGO NA PAPELADA.'

Aguardem só até os leitores d'O Pundonor Diário verem isso!"

"Alguém conte a Mattathias que nós capturamos as crianças", exclamou uma enfermeira, triunfante. "Vocês três, fedelhos, estão numa grande enrascada. Vocês são assassinos, incendiários e médicos espúrios."

"Isso não é verdade", disse Klaus, mas olhando em volta, ficou com medo de que ninguém acreditasse. Ele olhou para o molho de chaves espúrio nas mãos de Hal, que ele e seus irmãos tinham usado para se infiltrar na Biblioteca de Registros. Olhou para o seu avental médico, que usara para disfarçar-se de médico. E olhou para a faca enferrujada em suas próprias mãos, que estivera agora mesmo segurando sobre a irmã. Klaus lembrou-se de quando ele e as irmãs estavam morando com o tio Monty e levaram diversos objetos para o sr. Poe, como prova do plano traiçoeiro de Olaf. Por causa daqueles pequenos objetos, Olaf fora preso, e agora Klaus estava com medo de que a mesma coisa acontecesse com os Baudelaire.

"Cerquem-nos!", bradou o homem de mãos de gancho, apontando para as crianças com uma luva recurva. "Mas tenham cuidado. O rato de biblioteca ainda está com o facão!"

Os parceiros de Olaf se espalharam em círculo e lentamente começaram a se aproximar dos jovens por todos os ângulos. Sunny

choramingou de medo e Klaus a pegou no colo e colocou em cima da maca.

"Prendam os Baudelaire!", gritou um médico.

"É o que estamos fazendo, seu idiota!", retrucou Esmé, impaciente, mas quando ela voltou a cabeça para os Baudelaire, eles a viram dar uma piscadela por cima da máscara cirúrgica.

"Vamos capturar só um de vocês", disse ela em voz baixa para não ser ouvida pela platéia. Ela curvou-se e esticou as duas mãos de unhas compridas para os sapatos de salto de estilete. "Este calçado in é muito útil, e não apenas para me fazer parecer glamorosa e feminina", disse ela, tirando os sapatos e apontando-os para as crianças. "Estes estiletes são perfeitos para cortar gargantas de crianças. Dois pirralhinhos Baudelaire serão mortos ao tentar escapar da justiça, deixando um pirralhinho Baudelaire para nos garantir a fortuna."

"Você nunca vai pôr as mãos na nossa fortuna", disse Klaus, "e nem os seus sapatos nas nossas gargantas."

"É o que veremos", disse Esmé, e desfechou um golpe na direção de Klaus com o sapato esquerdo, como se fosse uma espada. Klaus esquivou-se ligeiro e sentiu o vupt! do ar quando a lâmina passou por cima dele.

"Ela está tentando nos matar!", gritou Klaus para a platéia. "Vocês não estão vendo? São eles os verdadeiros assassinos!"

"Ninguém vai acreditar em você, jamais!", disse Esmé em um sussurro sinistro, e desfechou um golpe com o sapato direito contra Sunny, que se desviou bem a tempo.

"Eu não acredito em você!", berrou Hal. "A minha vista pode não ser mais o que era, mas posso ver o seu falso avental de médico."

"Eu também não acredito em você!", gritou uma enfermeira. "Posso ver aquele facão enferrujado!"

Esmé golpeou com os dois sapatos ao mesmo tempo, mas eles colidiram no ar em vez de atingir as crianças.

"Por que vocês não se rendem?", sibilou ela. "Nós finalmente pegamos vocês na armadilha, assim como vocês pegaram Olaf todas aquelas vezes."

"Agora vocês sabem como se sente um vilão", disse o careca com uma risadinha. "Cheguem mais perto, todos vocês! Mattathias me disse que aquele que os agarrar primeiro ganha o direito de escolher onde jantar esta noite!"

“É mesmo?”, perguntou o homem de mãos de gancho. “Bem, eu estou com vontade de comer pizza.” Ele deu um golpe com um gancho enluvado na direção de Klaus, que recuou, batendo na maca e fazendo-a sair do alcance do homem mau.

“Eu prefiro comida chinesa”, disse uma das mulheres de cara empoada. “Vamos para aquele lugar onde comemoramos o rapto dos Quagmire.”

“Eu quero ir ao Café Salmonela”, rosnou Esmé, desenganchando os sapatos.

Klaus empurrou a maca de novo, fazendo-a rodar na outra direção enquanto o círculo se fechava. Ele ergueu o facão enferrujado para se defender, mas o Baudelaire do meio não achava que seria capaz de usar uma arma, mesmo contra pessoas perversas como aquelas. Se o conde Olaf tivesse sido pego naquela armadilha, não teria hesitado em brandir a lâmina enferrujada contra as pessoas que o cercavam, mas a despeito do que o careca tinha dito, Klaus não se sentia como um vilão. Ele se sentia como alguém que precisava escapar e, enquanto empurrava a maca mais uma vez, soube como ia fazer isso.

“Recuem!”, gritou Klaus. “Este facão é muito afiado!”

“Você não pode matar todos nós”, retrucou o homem de mãos de gancho. “De fato, duvido que você tenha coragem de matar alguém.”

“Não é preciso coragem para matar alguém”, disse Klaus. “É preciso uma carência severa de fibra moral.”

À menção da frase “uma carência severa de fibra moral”, que aqui significa “egoísmo cruel combinado com amor pela violência”, os parceiros de Olaf riram, deliciados.

“As suas palavras difíceis não vão salvá-lo agora, seu enxerido”, disse Esmé.

“É verdade”, admitiu Klaus. “O que vai me salvar agora é uma cama sobre rodas utilizada para transportar pacientes hospitalares.”

Sem mais palavra, Klaus atirou ao chão o facão enferrujado, deixando os parceiros de Olaf tão perplexos que deram um passo atrás. O círculo de pessoas com uma carência severa de fibra moral ficou um pouco mais espalhado, só por um momento, mas um momento era tudo o que os Baudelaire precisavam. Klaus pulou para cima da maca, que começou a rodar rapidamente na direção da porta quadrada de metal pela qual eles

tinham entrado. Um clamor ergueu-se da platéia quando os Baudelaire passaram velozmente pelos parceiros de Olaf.

"Agarrem-nos!", gritou o homem de mãos de gancho. "Eles estão fugindo!"

"Eles não vão fugir de mim!", prometeu Hal, e agarrou a maca bem no instante em que ela chegou à porta. A maca perdeu velocidade até parar e, por um segundo, Sunny se viu cara a cara com o velho. Borboletas adejaram no estômago da mais jovem dos Baudelaire quando ele a olhou ferozmente através dos óculos minúsculos. Diferentemente dos parceiros de Olaf, Hal não era uma pessoa má, é claro. Era apenas alguém que amava a Biblioteca de Registros e estava tentando capturar as pessoas que, acreditava ele, tinham ateado fogo a ela, e para Sunny era doloroso ver que ele a via como uma criminosa perversa, em vez de um bebê azarado. Mas sabia que não tinha tempo para explicar a Hal o que realmente acontecera. Ela mal tinha tempo de dizer uma única palavra, e no entanto foi precisamente isso que a mais jovem dos Baudelaire fez.

"Desculpe", disse Sunny para Hal, e deu-lhe um pequeno sorriso. Ela então abriu a boca um pouco mais e mordeu a mão de Hal o mais delicadamente que pôde, para que ele soltasse a maca sem se machucar.

"Ai!", disse Hal, e soltou a maca. "O bebê me mordeu!", gritou ele para a multidão.

"Você está ferido?", perguntou uma enfermeira.

"Não", respondeu Hal, "mas eu deixei escapar a maca. Eles estão rodando pela porta afora!"

Os Baudelaire rodaram pela porta afora, com os olhos de Violet piscando e se abrindo, Klaus pilotando a maca e Sunny agarrando-se com todas as forças para continuar viva. As crianças rodaram pelos corredores da Ala Cirúrgica abaixo, se esquivando de surpresos doutores e outros profissionais médicos.

"Atenção!", anunciou a voz de Mattathias pelo intercomunicador. "Aqui é Mattathias, o diretor de Recursos Humanos! Os assassinos e incendiários Baudelaire estão fugindo em uma maca! Capturem-nos imediatamente! E também: o fogo está se espalhando pelo hospital! Vocês podem querer evacuar!"

"Noriz!", gritou Sunny.

“Estou indo o mais rápido que posso!”, gritou Klaus, com as pernas penduradas do lado da maca para ir dando impulso. “Violet, acorde, por favor! Você pode ajudar a empurrar!”

“Eu estou... ten... tando...”, murmurou Violet, olhando em volta com os olhos apertados. A anestesia fazia tudo parecer indistinto e nebuloso, e era quase impossível falar, que dirá se mexer.

“Porta!”, berrou Sunny, apontando para a porta de saída da Ala Cirúrgica. Klaus fez a maca virar naquela direção e passou velozmente pelo parceiro gordo de Olaf que não parecia nem homem nem mulher e ainda estava vestido de guarda espúrio. Com um rugido terrível, ele começou a perseguir a maca a passos enormes e desajeitados, enquanto os Baudelaire disparavam na direção de um pequeno grupo de Combatentes pela Saúde do Cidadão. O voluntário barbudo, que estava tirando alguns acordes muito familiares no seu violão, ergueu os olhos para ver a maca passar rodando por ele.

“Aqueles devem ser os assassinos de que Mattathias estava falando!”, disse ele. “Vamos, pessoal, vamos ajudar aquele guarda a capturá-los!”

“Me parece bom”, concordou outro voluntário. “Se quer saber a verdade, já estou um pouco cansado de cantar aquela canção.”

Klaus manobrou a maca para fazer uma curva enquanto os voluntários se juntavam ao comparsa obeso na perseguição.

“Acorde”, implorou ele a Violet, que olhava em volta com um jeito confuso. “Por favor, Violet!”

“Escada!”, disse Sunny, apontando para uma escadaria. Klaus virou a maca na direção que a irmã indicara, e as crianças começaram a rodar pelas escadas abaixo, o tranco fazendo-as subir e descer a cada degrau. Foi um trajeto veloz e escorregadio que lembrou as crianças de quando desciam escorregando pelo corrimão da Avenida Sombria 667, ou de quando colidiram com o automóvel do sr. Poe na época em que estavam morando com o tio Monty. Em uma curva da escadaria, Klaus raspou os sapatos contra o chão para fazer parar a maca e depois se inclinou para examinar um dos confusos mapas do hospital.

“Estou tentando descobrir se devemos passar por aquela porta”, disse ele, apontando para uma porta onde estava escrito “Ala para Pessoas com Brotoejas Graves”, “ou continuar descendo as escadas”.

“Dlim!”, gritou Sunny, o que queria dizer: “Não podemos continuar descendo as escadas. Olhem!”.

Klaus olhou, e até Violet conseguiu focalizar a vista e olhar para baixo, na direção em que Sunny estava apontando. Mais abaixo na escadaria, logo além do próximo patamar, havia um brilho alaranjado, tremeluzente, como se o sol estivesse nascendo no porão do hospital, e pequenas espirais de fumaça preta voluteavam escada acima, como os tentáculos de algum animal fantasmagórico. Era uma visão tétrica que perseguia os Baudelaire em seus sonhos desde aquele dia fatídico na praia, quando todos os seus problemas começaram. Por um momento, as três crianças ficaram paralisadas, incapazes de fazer qualquer coisa que não fosse olhar fixamente para baixo, para o brilho alaranjado e os tentáculos de fumaça, e pensar em tudo o que tinham perdido por causa daquilo que contemplavam.

“Incêndio”, disse Violet com voz débil.

“Sim”, disse Klaus. “Está se propagando por esta escadaria. Temos de dar meia-volta e ir para cima de novo.”

Os Baudelaire ouviram o comparsa rugir de novo lá em cima, e ouviram o voluntário barbudo responder:

“Vamos ajudá-lo a capturá-los”, disse ele. “Siga na frente, senhor — ou é senhora? Não consigo distinguir.”

“Cima não”, disse Sunny.

“Eu sei”, disse Klaus. “Não podemos subir as escadas, e não podemos descer. Temos de entrar na Ala para Pessoas com Brotoejas Graves.”

Tendo tomado essa dura decisão, Klaus virou a maca e a empurrou porta adentro, bem no momento em que a voz de Mattathias se fez ouvir pelo intercomunicador.

“Aqui é Mattathias, o diretor de Recursos Humanos”, disse ele apressadamente. “Todos os parceiros do dr. Flacutono, continuem a procurar as crianças! Todos os demais, reúnam-se na frente do hospital. Ou agarramos os assassinos quando tentarem escapar, ou eles vão queimar até virar torresmo!”

As crianças rodaram para dentro da Ala para Pessoas com Brotoejas Graves e viram que Mattathias estava certo. A maca precipitava-se por um corredor, e as crianças podiam ver mais um brilho alaranjado no final dele. Os Baudelaire ouviram mais um rugido atrás de si, quando o comparsa

obeso começou a descer pesadamente as escadas. Os irmãos tinham caído numa armadilha, no meio de um corredor que só levava à morte ardente, ou às garras de Olaf.

Klaus inclinou-se para baixo e fez parar a maca.

"É melhor a gente se esconder", disse ele, pulando para o chão. "É perigoso demais ficar rodando de um lado para outro desse jeito."

"Onde?", perguntou Sunny quando Klaus foi ajudá-la a descer.

"Em algum lugar aqui por perto", disse Klaus, agarrando o braço de Violet. "A anestesia ainda não passou, portanto Violet não vai poder andar muito."

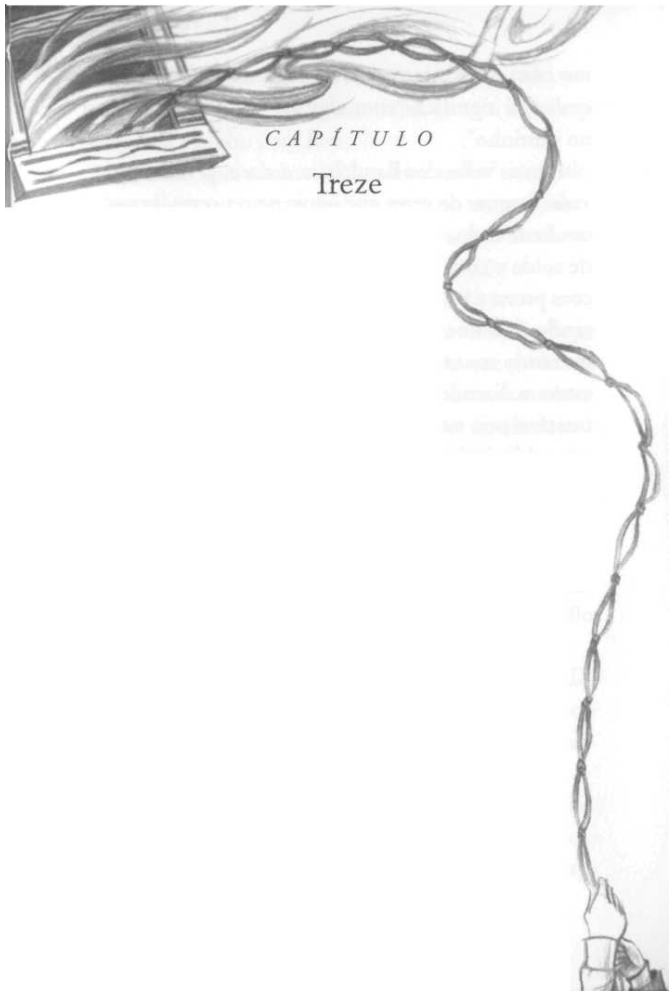
"Eu vou... tentar...", murmurou Violet, descendo vacilante da maca e se apoiando em Klaus. As crianças olharam em volta e viram que a porta mais próxima dizia "Closet de Suprimentos".

"Gleinop?", perguntou Sunny.

"Acho que sim", disse Klaus meio em dúvida, abrindo a porta com uma das mãos enquanto apoiava Violet com a outra. "Não sei o que podemos fazer em um closet de suprimentos, mas pelo menos vai nos esconder por alguns instantes."

Klaus e Sunny ajudaram a irmã a passar pela porta e a trancaram atrás deles. Com exceção de uma pequena janela no canto, o closet parecia idêntico àquele em que Klaus e Sunny tinham se escondido para decifrar o anagrama na lista de pacientes. Era uma salinha com uma única lâmpada de luz vacilante pendurada no teto, e havia uma fileira de aventais brancos de médico pendurados em ganchos, uma pia enferrujada, enormes latas de sopa de letrinhas e caixinhas de elásticos. Mas quando os dois Baudelaire mais jovens olharam para aqueles suprimentos, não os acharam parecidos com dispositivos para traduzir anagramas e personificar profissionais médicos. Klaus e Sunny olharam para todos aqueles objetos, e depois para a irmã mais velha. Para alívio deles, o rosto de Violet estava um pouquinho menos pálido, e seus olhos pareciam um pouquinho menos confusos, o que era muito bom sinal.

A Baudelaire mais velha precisava estar o mais desperta possível, porque os itens no closet estavam cada vez menos parecidos com suprimentos, e cada vez mais com materiais para uma invenção.



CAPÍTULO TREZE

Quando Violet Baudelaire tinha cinco anos de idade, ganhou o seu primeiro concurso de invenções com um rolo de macarrão automático que confeccionara com uma cortina de enrolar quebrada e seis pares de patins. Quando os juizes penduraram a medalha de ouro em seu pescoço, um deles disse: “Aposto que você é capaz de inventar alguma coisa com as duas mãos amarradas nas costas”, e Violet sorriu, orgulhosa. Ela sabia, é claro, que o juiz não queria dizer que ia amarrá-la, mas apenas que ela era tão habilidosa em invenções que provavelmente seria capaz de construir alguma coisa até mesmo com uma interferência substancial, uma frase que aqui significa “com alguma coisa atravessada no caminho”.

A mais velha dos Baudelaire, é claro, já tinha provado dezenas de vezes que o juiz estava certo, inventando de tudo, desde uma gazua até um

dispositivo de solda e com a interferência substancial de estar com pressa e não ter as ferramentas certas. Mas, apertando os olhos para focalizar os objetos no closet e tentando manter a atenção no que os seus irmãos estavam dizendo, Violet achou que jamais tivera uma interferência substancial tão grande quanto os efeitos residuais da anestesia.

"Violet", disse Klaus, "eu sei que a anestesia ainda não passou completamente, mas precisamos de você para inventar uma coisa."

"Sim", disse Violet fracamente, esfregando os olhos com as mãos. "Eu... sei."

"Vamos ajudá-la o mais que pudermos", disse Klaus. "Apenas nos diga o que fazer. O fogo está consumindo este hospital inteiro, e temos de sair daqui depressa."

"Rallam", acrescentou Sunny, o que queria dizer: "E os parceiros de Olaf estão nos perseguindo".

"Abra... a janela", disse Violet com dificuldade, apontando para a janela no canto.

Klaus ajudou Violet a se encostar na parede, para poder ir até a janela sem deixá-la cair. Ele abriu a janela e olhou para fora.

"Parece que estamos no terceiro andar", disse ele, "ou talvez no quarto. Há fumaça no ar, por isso é difícil dizer. Não estamos muito alto, mas ainda assim é demais para pular."

"Alpinismo?", perguntou Sunny.

"Há um alto-falante de intercomunicador logo abaixo de nós", disse Klaus. "Imagino que podemos nos agarrar naquilo e descer até debaixo dos arbustos, mas teremos de fazer isso na frente de uma enorme multidão. Os médicos e enfermeiros estão ajudando os pacientes a escapar, e lá está o Hal, aquela repórter d'O Pundonor Diário e..."

O Baudelaire do meio foi interrompido por um som distante que vinha do lado de fora do hospital.

Somos os alegres Combatentes Pela Saúde do Cidadão, Se alguém dissesse que somos tristes, Não teria por certo razão.

"... os Combatentes pela Saúde do Cidadão", continuou Klaus. "Eles estão esperando na entrada do hospital, exatamente como Mattathias disse para eles fazerem. Você consegue inventar alguma coisa que nos faça voar por cima deles?"

Violet franziu o cenho e fechou os olhos, ficando em silêncio enquanto os voluntários continuavam cantando.

Visitamos pessoas doentes, E tentamos fazê-las sorrir, Mesmo quando o seu nariz sangra, Quando expelem bílis ao tossir.

"Violet?", perguntou Klaus. "Você não está adormecendo de novo, está?"

"Não", disse Violet. "Estou... pensando. Nós precisamos... distrair... a multidão... antes de... descer."

As crianças ouviram um leve rugido do outro lado da porta.

"Kesalf", disse Sunny, o que queria dizer: "É o comparsa de Olaf. Parece que ele está entrando na Ala para Pessoas com Brotoejas Graves. É melhor nos apressarmos".

"Klaus", disse Violet, e abriu os olhos. "Abra aquelas caixas... de elásticos. Comece a amarrá-los... uns nos outros... para fazer... uma corda."

Tra-la-lá, qui-qui-qui,
Quero que fique logo são.
Ho-ho-ho, hi-hi-hi,
Pegue um balão de coração.

Klaus olhou para baixo e observou os voluntários oferecendo balões aos pacientes que tinham sido evacuados do hospital.

"Mas como vamos distrair a multidão?", perguntou ele.

"Eu... não sei", admitiu Violet, e baixou os olhos para o chão. "Estou tendo... dificuldade em... me concentrar... nas minhas habilidades... de inventora."

"Ajuda", disse Sunny.

"Não adianta pedir ajuda", disse Klaus. "Ninguém vai ouvir."

"Ajuda", insistiu Sunny, e tirou o seu avental médico branco. Abrindo bem a boca, ela mordeu o tecido e rasgou uma pequena tira do avental. Ela então ergueu a tira de pano branco e entregou a Violet. "Fita", disse ela.

Violet abriu um sorriso cansado. Com os dedos inseguros, a mais velha dos Baudelaire amarrou os cabelos para impedir que caíssem nos olhos, usando a fina tira de tecido em lugar de uma fita de cabelo. Ela fechou os olhos novamente e depois balançou a cabeça.

"Eu sei... que é meio bobo", disse Violet. "Eu acho... que ajudou, Sunny. Klaus... comece a trabalhar... com os elásticos. Sunny... você pode abrir... uma dessas latas de sopa?"

“Recorte”, disse Sunny, o que queria dizer: “Sim, eu já abri uma antes, para ajudar a decodificar os anagramas”.

“Bom”, retrucou Violet. Com os cabelos presos pela fita, mesmo a fita sendo espúria, sua voz soou mais forte e confiante. “Precisamos de... uma lata vazia... o mais depressa possível.”

Visitamos pessoas doentes, Para fazê-las dar gargalhadas Mesmo quando o médico lhes diz Que logo em duas serão serradas.

Cantamos, dançamos noite e dia, E bom demais quando a gente canta Pra meninos de ossos quebrados E meninas com dor de garganta.

Enquanto os voluntários C.S.C. continuavam com a sua alegre canção, os Baudelaire trabalharam depressa. Klaus abriu uma caixa de elásticos e começou a amarrá-los uns nos outros, Sunny começou a roer a tampa de uma lata de sopa, e Violet foi até a pia e jogou água no rosto para tentar ficar o mais alerta possível. Finalmente, quando os voluntários estavam cantando:

Tra-la-lá, qui-qui-qui,
Quero que fique logo são.
Ho-ho-ho, hi-hi-hi,
Pegue um balão de coração.

Klaus já tinha uma comprida corda de elásticos enrolada aos seus pés como uma cobra, Sunny tinha tirado a tampa de uma lata de sopa e estava despejando seu conteúdo na pia, e Violet estava olhando ansiosamente para a parte de baixo da porta do clo-set, de onde subia lentamente uma espiral de fumaça muito fina.

“O fogo está no corredor”, disse Violet, quando as crianças ouviram outro rugido vindo de lá, “e também o homem de confiança de Olaf. Só temos alguns momentos.”

“A corda está pronta”, disse Klaus, “mas como poderemos distrair uma multidão com uma lata de sopa vazia?”

“Não é uma lata de sopa vazia”, disse Violet, “não mais. Agora é um intercomunicador espúrio. Sunny, fure um buraco no fundo da lata.”

“Pietrisycamollaviadelrechiotemexity”, disse Sunny, mas fez o que Violet lhe pediu e atravessou o fundo da lata com o seu dente mais afiado.

“Agora”, disse Violet, “vocês dois segurem isto perto da janela. Não deixem a multidão ver. Eles têm de pensar que a minha voz está saindo do intercomunicador”.

Klaus e Sunny seguraram a lata de sopa vazia perto da janela, e Violet se inclinou e enfiou a cabeça dentro dela, como se fosse uma máscara. A mais velha dos Baudelaire respirou fundo para juntar coragem e depois começou a falar. De dentro da lata, sua voz soava estridente e apagada, como se estivesse falando com um pedaço de folha de alumínio por cima da boca, o que era precisamente como ela queria que soasse.

“Atenção!”, anunciou Violet antes que os voluntários pudessem cantar a estrofe sobre homens com sarampo. “Aqui é Babs. Mattathias renunciou por problemas pessoais, portanto sou novamente a diretora de Recursos Humanos. Os assassinos e incendiários Baudelaire foram localizados na ala inacabada do hospital. Solicitamos a ajuda de todos para garantir que eles não escapem. Por favor corram para lá imediatamente. Isso é tudo.”

Violet tirou a cabeça de dentro da lata e olhou para os irmãos.

“Vocês acham que funcionou?”, perguntou ela.

Sunny abriu a boca para responder, mas foi interrompida pela voz do voluntário barbudo.

“Vocês ouviram isso?”, as crianças ouviram-no dizer. “Os criminosos estão na ala inacabada do hospital. Vamos, pessoal.”

“Talvez alguns de nós devam ficar aqui na entrada principal, só por precaução”, disse uma voz que os Baudelaire reconheceram como sendo de Hal.

Violet enfiou a cabeça de volta na lata.

“Atenção!”, anunciou ela. “Aqui é Babs, a diretora de Recursos Humanos. Ninguém deverá ficar perto da entrada principal do hospital. É perigoso demais. Sigam imediatamente para a ala inacabada. Isso é tudo.”

“Já posso ver a manchete: ‘ASSASSINOS CAPTURADOS NA METADE INACABADA DO HOSPITAL POR PROFISSIONAIS MÉDICOS BEM ORGANIZADOS’. Aguardem só até os leitores d’O Pundonor Diário verem isso!”

Houve um viva da multidão, que foi enfraquecendo à medida que eles se afastavam da entrada principal do Hospital Heimlich.

“Funcionou”, disse Violet. “Nós os enganamos. Somos tão bons quanto Olaf em enganar pessoas.”

“E em disfarces”, disse Klaus.

“Anagramas”, disse Sunny.

“E em mentir para as pessoas”, disse Violet, pensando em Hal, e no dono do Armazém Geral Última Chance, e em todos os Combatentes pela Saúde do Cidadão. “Talvez sejamos vilões, afinal.”

“Não diga isso”, disse Klaus. “Não somos vilões. Somos pessoas boas. Tivemos de fazer coisas ardilosas a fim de salvar as nossas vidas.”

“Olaf precisa fazer coisas ardilosas”, disse Violet, “a fim de salvar a sua vida.”

“Diferente”, disse Sunny.

“Talvez não seja diferente”, disse Violet tristemente. “Talvez...”

Violet foi interrompida por um rugido irado vindo do outro lado da porta do closet. O comparsa obeso de Olaf tinha chegado ao closet de suprimentos e estava agora mexendo desajeitadamente na porta, com as suas mãos enormes.

“Podemos discutir isso depois”, disse Klaus. “Temos de sair daqui agora mesmo.”

“Nós não vamos fazer alpinismo”, disse Violet, “não com uma corda fina e borrachenta dessas. Nós vamos quicar.”

“Quicar?”, perguntou Sunny, duvidando.

“Muita gente pula de lugares altos amarrada a longos cordões borrachentos e fica quicando, só para se divertir”, disse Violet, “portanto, tenho certeza de que podemos fazer isso para escapar. Vou amarrar a corda na torneira com o nó Língua do Diabo, e vamos pular pela janela, um de cada vez. A corda deverá nos segurar antes de atingirmos o chão, e nos fará quicar para cima e para baixo, para cima e para baixo, cada vez mais suavemente. Por fim, chegaremos embaixo com segurança, e então a jogaremos de volta para cima, para o próximo.”

“Parece arriscado”, disse Klaus. “Não tenho certeza se a corda é suficientemente comprida.”

“É arriscado”, concordou Violet, “mas não tão arriscado quanto um incêndio.”

O comparsa sacudiu a porta violentamente, causando o aparecimento de uma grande racha perto da fechadura. Enquanto Violet amarrava apressadamente a corda na torneira, a fumaça preta começou a se derramar pela fenda, como se o assistente de Olaf estivesse despejando tinta para

dentro do closet. Violet deu um puxão para se certificar de que a corda estava bem presa.

"Eu vou primeiro", disse ela. "Fui eu que inventei, por isso é melhor eu testá-la."

"Não", disse Klaus. "Nós não vamos descer um de cada vez."

"Junto", concordou Sunny.

"Se todos nós descermos juntos", disse Violet, "não garanto que a corda vá agüentar."

"Não vamos deixar ninguém para trás", disse Klaus com firmeza. "Não desta vez. Ou escapamos todos ou não escapa ninguém."

"Mas se nenhum de nós escapar", disse Violet, chorosa, "então, não restará mais nenhum Baudelaire. Olaf terá vencido."

Klaus enfiou a mão no bolso e tirou de lá uma folha de papel. Ele a desdobrou, e as duas irmãs puderam ver que era a página treze do dossiê Snicket. Ele apontou para a fotografia dos Baudelaire pais e a frase datilografada embaixo. "'Devido às evidências discutidas na página nove", ele leu em voz alta, "os peritos agora suspeitam que possa haver de fato um sobrevivente do incêndio, mas seu paradeiro é desconhecido.' Nós também temos de sobreviver, para que possamos descobrir o que aconteceu, e levar Olaf à justiça."

"Mas se nós descermos um de cada vez", disse Violet freneticamente, "haverá uma probabilidade maior de que um de nós sobreviva."

"Não vamos deixar ninguém para trás", disse Klaus com firmeza. "É isso que nos faz diferentes de Olaf."

Violet pensou um instante e assentiu.

"Você tem razão", disse ela.

O parceiro de Olaf chutou a porta, e a rachadura aumentou. As crianças puderam ver uma pequenina luz alaranjada brilhando no corredor e se deram conta de que o fogo e o comparsa deviam ter chegado à porta ao mesmo tempo.

"Estou com medo", disse Violet.

"Estou assustado", disse Klaus.

"Pura paúra", disse Sunny, e o comparsa de Olaf chutou a porta de novo, fazendo entrar algumas fa-gulhas através da fenda na porta. Os Baudelaire se entreolharam, e cada um agarrou a corda de elásticos com

uma das mãos. Com a outra mão, eles se agarraram uns aos outros, e então, sem mais palavra, pularam pela janela do Hospital Heimlich.

Há muitas coisas neste mundo que eu não sei. Não sei como as borboletas saem dos seus casulos sem danificar as asas. Não sei por que alguém haveria de cozinhar legumes se eles ficam mais gostosos assados. Não sei como fazer azeite de oliva, não sei por que os cães latem antes de um terremoto, e não sei por que algumas pessoas optam voluntariamente por escalar montanhas onde o ar é gelado e fica difícil respirar, ou por morar no interior, onde o café é aguado e todas as casas são parecidas. Não sei onde as crianças Baudelaire estão agora, se estão em segurança, ou mesmo se estão vivas. Mas há algumas coisas que eu sei, e uma delas é que a janela do closet de suprimentos da Ala para Pessoas com Brotoejas Graves do Hospital Heimlich não ficava no terceiro andar, ou no quarto andar, como imaginara Klaus. A janela ficava no segundo andar, portanto quando as três crianças caíram através do ar enfumaçado, agarrando-se desesperadamente à corda de elásticos, a invenção de Violet funcionou perfeitamente. Como um ioiô, as crianças quicaram suavemente para cima e para baixo, roçando os pés contra um dos arbustos plantados na frente do hospital, e depois de quicar algumas vezes se sentiram seguras para se deixar cair no chão, e se abraçaram aliviadas.

"Nós conseguimos", disse Violet. "Foi por pouco, mas sobrevivemos".

Os Baudelaire olharam para o hospital atrás deles e viram por quão pouco tinha sido. O edifício parecia um fantasma flamejante, com grandes explosões de chamas saindo das janelas e oceanos de fumaça se despejando de enormes buracos escancarados nas paredes. As crianças podiam ouvir os vidros se estilhaçando enquanto as janelas ardiam, e o crepitar da madeira enquanto os assoalhos cediam e desmoronavam. Ocorreu às crianças que a sua própria casa deve ter ficado parecida com isso no dia em que se incendiou, e elas recuaram, se afastando do edifício em chamas, e se abraçaram bem juntinhas, enquanto o ar ia se tornando cada vez mais espesso de cinzas e fumaça, obscurecendo a visão do hospital.

"Para onde podemos ir?", perguntou Klaus, gritando por cima do bramido do fogo. "A qualquer minuto, a multidão vai perceber que não

estamos na metade inacabada do hospital, e retornará para cá."

"Correr!", gritou Sunny.

"Mas não podemos nem ver aonde estamos indo!", gritou Violet. "Toda a área está se enchendo de fumaça!"

"Fiquem abaixadas!", disse Klaus, deixando-se cair ao chão e começando a rastejar. "Na Enciclopédia da sobrevivência ao incêndio premeditado, o autor escreve que há mais oxigênio perto do chão, e isso permitirá que respiremos mais facilmente. Mas precisamos encontrar algum tipo de abrigo imediatamente."

"Onde vamos encontrar algum tipo de abrigo nesta paisagem vazia?", perguntou Violet, rastejando atrás do irmão. "O hospital é o único edifício que existe num raio de quilômetros, e está sendo totalmente queimado!"

"Eu não sei", disse Klaus, tossindo forte, "mas não vamos poder respirar no meio desta fumaça por muito tempo!"

"Depressa!", os Baudelaire ouviram uma voz bradar na fumaça. "Por aqui!" Uma forma alongada e negra emergiu do ar enfumaçado, e as crianças viram que era um automóvel chegando na frente do hospital. É claro que um automóvel é algum tipo de abrigo, mas os irmãos ficaram paralisados no lugar, sem se atrever a rastejar nem mais um centímetro na direção do carro. "Depressa!", disse novamente a voz de Olaf. "Ande logo, ou deixo você para trás!"

"Estou indo, querido." Atrás deles, os Baudelaire ouviram a resposta de Esmé Squalor. "Lucafont e Flacutono estão comigo, e as senhoras vêm vindo logo atrás. Mandei-as pegar todos os aventais de médico que conseguissem achar, para o caso de precisarmos deles de novo, como disfarces."

"Bem pensado", replicou Olaf. "Você consegue enxergar o carro no meio da fumaça?"

"Sim", disse Esmé, sua voz chegando mais perto. Dava para os Baudelaire ouvirem os estranhos passos dos sapatos de salto de estilete enquanto ela marchava para o automóvel. "Abra o porta-malas, querido, para guardarmos os disfarces."

"Ora, está bem", suspirou Olaf, e as crianças viram a silhueta alta do seu inimigo descer do carro.

"Espere, Olaf!", gritou o careca.

“Seu idiota”, retrucou o conde. “Eu disse para você me chamar de Mattathias até sairmos da área do hospital. Ande logo e entre no carro. O dossiê Snicket não estava na Biblioteca de Registros, mas acho que sei onde posso encontrá-lo. Depois que destruirmos aquelas treze páginas, não haverá como nos deter.”

“Temos de destruir os Baudelaire também”, disse Esmé.

“Nós os teríamos destruído, se vocês todos não tivessem bagunçado o meu plano inteiro”, disse ele, “mas isso não importa. Temos de sair daqui antes que cheguem as autoridades.”

“Mas o seu assistente mais volumoso ainda está na Ala das Brotoejas, procurando os pirralhos!”, disse o careca, e as crianças ouviram-no abrir a porta do automóvel.

O homem de mãos de gancho falou, e as crianças puderam ver a sua silhueta estranha na fumaça quando ele entrou no carro, logo depois do assistente careca. “A Ala para Pessoas com Brotoejas Graves está inteiramente destruída”, disse ele. “Espero que o grandão tenha saído de lá inteiro.”

“Nós não vamos ficar esperando para descobrir se aquele idiota viveu ou morreu”, rosnou Olaf. “Vamos sair daqui assim que as senhoras guardarem os disfarces no porta-malas. Atear fogo foi uma coisa esplêndida, mas precisamos encontrar o dossiê Snicket assim que possível, antes que Você-Sabe-Quem encontre.”

“C.S.C.!”, disse Esmé com um cacarejo. “Isto é, C.S.C. de verdade, não esses cantores ridículos!”

O porta-malas se abriu com um rangido, e as crianças viram a sombra da tampa do porta-malas subir no ar enfumaçado. A tampa estava salpicada de buraquinhos — buraquinhos de bala, sem dúvida vestígios de uma perseguição pela polícia. Olaf voltou pisando duro para o carro e continuou dando ordens.

“Caiam fora do banco da frente, seus idiotas”, disse Olaf. “Minha namorada senta na frente, e o resto de vocês pode se empilhar atrás.”

“Sim, chefe”, disse o careca.

“Estamos com os disfarces, Mattathias.” A voz de uma das mulheres de cara empoada soou amortecida no meio da fumaça. “Nos dê só mais alguns segundos para chegar até o carro.”

Violet inclinou-se ao máximo que pôde para perto dos irmãos a fim de sussurrar para eles sem ser ouvida.

“Temos de entrar lá”, disse ela.

“Onde?”, sussurrou Klaus em resposta.

“No porta-malas”, disse Violet. “É a nossa última chance de sair daqui sem sermos capturados — ou coisa pior.”

“Culech!”, disse Sunny num sussurro horrorizado, o que queria dizer alguma coisa na linha de: “Entrar no porta-malas é a mesma coisa que sermos capturados!”.

“Temos de encontrar o resto do dossiê Snicket antes que Olaf encontre”, disse Violet, “ou jamais conseguiremos limpar o nosso nome.”

“Nem levar Olaf à justiça”, disse Klaus.

“Ezan”, disse Sunny, o que queria dizer: “E nem descobrir se um dos nossos pais realmente sobreviveu ao incêndio”.

“O único jeito de fazer todas essas coisas”, disse Violet, “é entrar no porta-malas daquele carro.”

A voz de Olaf flutuou sobre a fumaça, tão enganadora e perigosa quanto o próprio fogo.

“Entrem no carro, já!”, ordenou ele aos seus comparsas. “Vou partir quando disser três.”

Os Baudelaire apertaram as mãos uns dos outros tão forte que até doeu.

“Pensem em tudo a que já sobrevivemos”, sussurrou Violet. “Já passamos por um sem-número de desventuras em série, e ainda continuamos sozinhos. Se um dos nossos pais sobreviveu, tudo terá valido a pena. Temos de encontrá-los, nem que essa seja a última coisa que façamos.” Um!

Klaus olhou para o porta-malas escancarado, que parecia a boca de alguma besta escura e fumegante, ansiosa por devorá-lo e às suas irmãs.

“Você tem razão”, murmurou ele por fim. “Não podemos permanecer neste ar enfumaçado por muito mais tempo, senão vamos asfixiar. O abrigo no porta-malas é a nossa única esperança.”

“Sim!”, sussurrou Sunny.

“Dois!”

As crianças Baudelaire se levantaram e saíram correndo para dentro do porta-malas do carro do conde Olaf. O porta-malas estava úmido e tinha

um cheiro horrível, mas as crianças se arrastaram para o fundo das suas profundezas, para que não fossem vistas.

"Espere!", gritou a mulher de cara empoada, e os Baudelaire sentiram o peso dos aventais de médico sendo jogados em cima deles. "Não quero ser deixada para trás! Não consigo respirar aqui fora!"

"Nós vamos conseguir respirar aqui dentro?", perguntou Violet a Klaus o mais baixo que pôde.

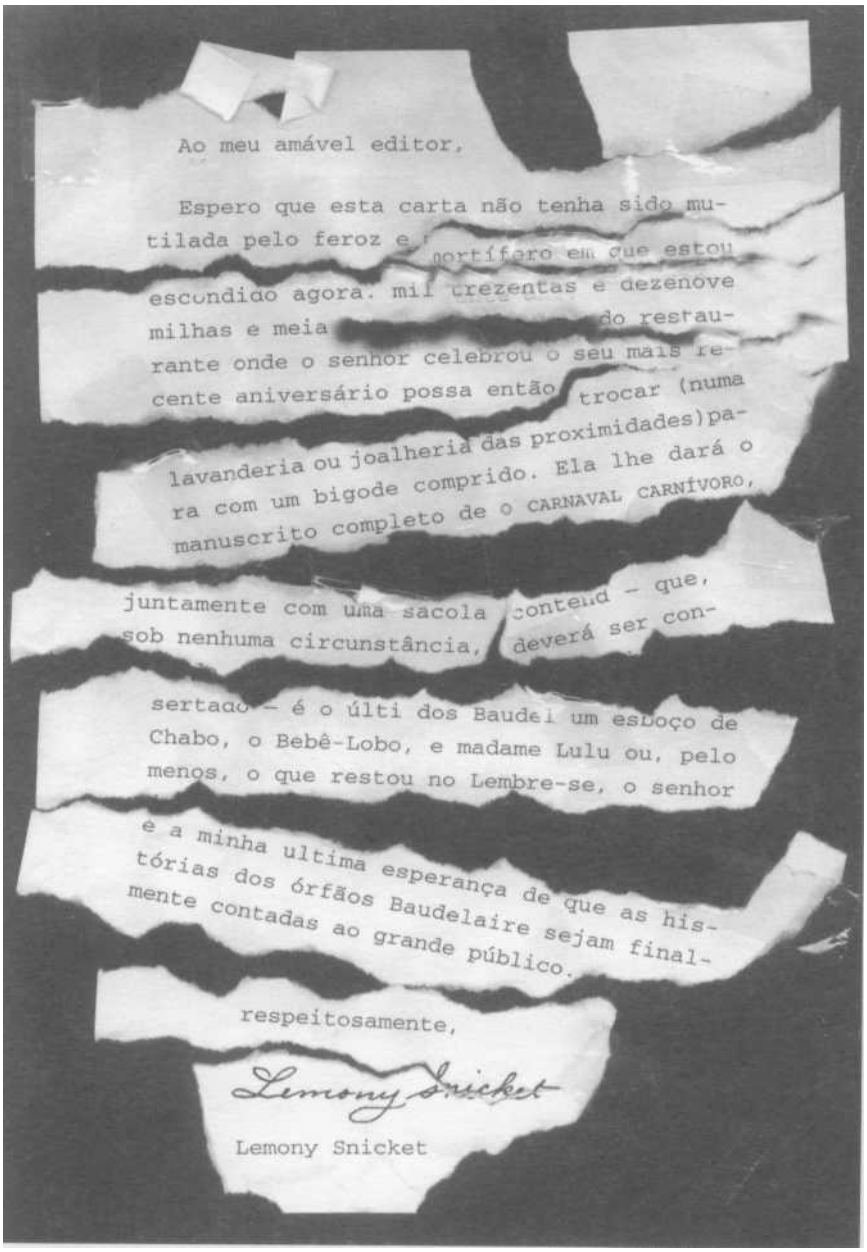
"Sim", disse Klaus. "O ar vai passar pelos buracos de bala. Este não é o tipo de abrigo que eu tinha em mente, mas acho que vai ter de servir."

"Golos", disse Sunny, o que queria dizer: "Vai ter de servir, até que apareça alguma coisa melhor", e os seus irmãos concordaram.

"Três!"

O porta-malas foi fechado com uma batida, deixando-os numa total escuridão, e o seu abrigo chacoalhou e estremeceu quando Olaf deu a partida no motor e começou a rodar pela paisagem, que continuava tão achatada e desolada como sempre. Mas as crianças não podiam ver nada do lado de fora, é claro. No negrume do porta-malas, elas não podiam ver nada mesmo. Só podiam ouvir a sua própria respiração, funda e trêmula, enquanto o ar passava velozmente através dos buracos de bala, e sentir os ombros tremerem em calafrios de medo. Não era o tipo de abrigo que as crianças tinham em mente, nunca na vida, mas enquanto estavam lá, apertadinhas, achavam que ia ter de servir. Para os órfãos Baudelaire, se é que ainda eram órfãos, o abrigo no porta-malas do conde Olaf ia ter de servir até que aparecesse alguma coisa melhor.




Ao meu amável editor,

Espero que esta carta não tenha sido mutilada pelo feroz e mortífero em que estou Escondido agora. Mil trezentas e dezenove milhas e meia do restaurante onde o senhor celebrou o seu mais recente aniversário possa então trocar (numa lavanderia ou joalheria das proximidades) para com um bigode comprido. Ela lhe dará o manuscrito completo de O CARNAVAL CARNÍVORO, juntamente com uma sacola contend – que, sob nenhuma circunstância, deverá ser consertado – é o últi dos Baudel um esboço de Chabo, o Bebê-Lobo, e madame Lulu ou, pelo menos, o que restou no

Lembre-se, o senhor é a minha última esperança de que as histórias dos órfãos Baudelaire sejam finalmente contadas ao grande público.

Respeitosamente,

Lemony Snicket